

DORYS MIRELLA BOHN DANIEL

**REDES DE SUPORTE SOCIAL SEGUNDO RENDA E LOCALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS POSSÍVEIS TROCAS DE APOIO ENTRE DOMICÍLIOS
EM CACOAL-RO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Tiago Augusto da Cunha

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

D184r Daniel, Dorys Mirella Bohn, 1995-
2021 Redes de suporte social segundo renda e localização : uma
análise sobre as possíveis trocas de apoio entre domicílios em
Cacoal-RO / Dorys Mirella Bohn Daniel. – Viçosa, MG, 2021.
127 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 108-111.

1. Habitação - Aspectos sociais. 2. Famílias. 3. Relações
humanas. 4. Interação social. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. II. Título.

CDD 22. ed. 728.3

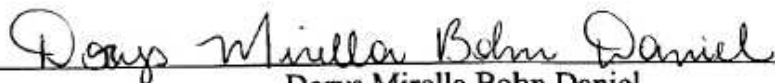
DORYS MIRELLA BOHN DANIEL

**REDES DE SUPORTE SOCIAL SEGUNDO RENDA E LOCALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS POSSÍVEIS TROCAS DE APOIO ENTRE DOMICÍLIOS
EM CACOAL-RO**

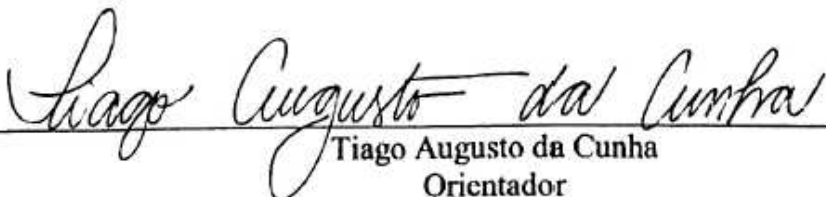
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 02 de março de 2021.

Assentimento:



Dorys Mirella Bohn Daniel
Autora



Tiago Augusto da Cunha
Orientador

AGRADECIMENTOS

Não há gratidão maior do que à Deus, por me amar primeiro e me sustentar em todos os dias de minha vida. Sem o Senhor eu nada seria!

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Dirce, pelos sacrifícios realizados para me proporcionar uma vida melhor e aos meus irmãos, Rudhy e Joyce, pelo apoio que sempre tiveram comigo.

Ao meu melhor amigo e esposo, Diéce, que esteve ao meu lado todos os dias durante essa etapa, dando força, incentivo e acima de tudo, amor.

Ao meu orientador Tiago Cunha, que me orientou com muito compromisso e atenção nesses dois anos.

À Universidade Federal de Viçosa, ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, aos professores e amigos de turma.

À população de Cacoal, especialmente, aos moradores dos bairros: Vista Alegre, Vale Verde, Habitar Brasil e Centro. Os quais abriram a porta de suas casas e me receberam com tanta gentileza.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma maneira nesse período da minha vida... muito obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade.”

(Eclesiastes 4:12)

RESUMO

DANIEL, Dorys Mirella Bohn, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2021. **Redes de suporte social segundo renda e localização: uma análise sobre as possíveis trocas de apoio entre domicílios em Cacoal-RO.** Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

Em diversos momentos as relações sociais dos indivíduos superam os limites físicos do domicílio e prolongam-se formando uma espécie de rede de suporte social. Essas redes se configuram a partir da interação de pessoas e operam por meio da troca de suporte, seja ele social, econômico ou moral, que os indivíduos demandam ao longo de sua vida. A composição e sociabilidades das redes de suporte podem ser influenciadas por diferentes condicionantes, por exemplo, rendimento e localização. Desse modo, o intuito da pesquisa consiste em caracterizar a formação de redes de suporte social entre domicílios. Para tal, adotamos como procedimento a pesquisa de campo, com aplicação de questionário nos Setores Censitários com maior e menor estrato de renda na cidade de Cacoal, Rondônia. Os dados demonstram que de fato os elementos renda e localização impactam as redes investigadas. No que concerne à renda, as trocas entre estratos de menor rendimento possuem maior dependência de seus contatos, principalmente em auxílios materiais. No que diz respeito à localização, as áreas com baixa infraestrutura e com ausência de equipamentos para atender a população, resulta em redes com maior presença de contatos locais. Além das condicionantes pré-estabelecidas, identificamos que o ciclo de vida também constitui um fator de influência, sobretudo nos tipos de relacionamentos entre os contatos. Assim, esperamos mediante uma pesquisa multidisciplinar, contribuir para a compreensão acerca da dinâmica e do suporte entre os domicílios.

Palavras-chave: Redes de Suporte Social. Domicílios. Família. Cacoal-RO.

ABSTRACT

DANIEL, Dorys Mirella Bohn, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2021. **Social support networks according to income and location: an analysis of the possible exchanges of support between households in Cacoal-RO.** Adviser: Tiago Augusto da Cunha.

At various times, the social relationships of individuals go beyond the physical limits of the home and are extended, forming a kind of social support network. These networks are configured based on the interaction of people and operate through the exchange of support, be it social, economic or moral, that individuals demand throughout their lives. The composition and sociability of the support networks can be influenced by different conditions, for example, income and location. Thus, the aim of the research is to characterize the formation of social support networks between households. To this end, we adopted the field research procedure, with the application of a questionnaire in the Census Sectors with the highest and lowest income strata in the city of Cacoal, Rondônia. The data demonstrate that in fact the elements of income and location impact the investigated networks. With regard to income, exchanges between lower income strata are more dependent on their contacts, mainly in material aids. With regard to location, areas with low infrastructure and lack of equipment to serve the population, result in networks with a greater presence of local contacts. In addition to the pre-established conditions, we identified that the life cycle is also a factor of influence, especially in the types of relationships between contacts. Thus, we hope, through multidisciplinary research, to contribute to the understanding of the dynamics and support among households.

Keywords: Social Support Networks. Households. Family. Cacoal-RO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classificação da família censitária.....	18
Figura 2 - Formação da família domiciliar.....	21
Figura 3 - Exemplo de redes pluridomiciliares.	25
Figura 4 - Caminho Euleriano.	26
Figura 5 - Tipos de redes.	27
Figura 6 - Representação dos nós e arestas.	28
Figura 7 - Localização do município de Cacoal.....	39
Figura 8 - Pirâmides etárias Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010. ...	40
Figura 9 - Evolução populacional em Cacoal entre 1980 e 2017.....	41
Figura 10 - Evolução da mancha urbana de Cacoal.	42
Figura 11 - Baixa ocupação do bairro Prosperidade em Cacoal.....	42
Figura 12 - Setores censitários de Cacoal em 2010, em destaque às áreas selecionadas.	45
Figura 13 - Fórmula do Teorema do Limite Central.	45
Figura 14 - Diagrama de aplicação do questionário - Parte 1: características gerais dos moradores e relação com o responsável pelo domicílio.....	48
Figura 15 - Diagrama de aplicação do questionário - Partes 2 e 3: mapeamento e caracterização das redes.	49
Figura 16 - Diagrama de aplicação do questionário - Parte 4: coabitação.	50
Figura 17 - Bairros que integram o Setor 1.	51
Figura 18 - Exemplo de habitações no Setor 1.....	52
Figura 19 - Bairros que integram o Setor 2.	53
Figura 20 - Exemplo de habitação no Setor 2.	53
Figura 21 - Ampliação do Setor de estudo 2.	55
Figura 22 - Pirâmides etárias, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020. ...	65
Figura 23 - Exemplo no tamanho das redes de suporte.....	73
Figura 24 - Exemplo dos tipos de relações das redes de suporte.	78
Figura 25 - Rede de suporte social S1-19.....	81
Figura 26 - Mapa de localização da rede S1-19.	83
Figura 27 - Rede de suporte social S1-22.....	83
Figura 28 - Mapa de localização da rede S1-22.	85
Figura 29 - Rede de suporte social S1-39.....	85
Figura 30 - Mapa de localização da rede S1-39.	86

Figura 31 - Rede de suporte social S1-63.	87
Figura 32 - Mapa de localização da rede S1-63.	88
Figura 33 - Rede de suporte social S1-69.....	88
Figura 34 - Mapa de localização da rede S1-69.	89
Figura 35 - Rede de suporte social S2-01.....	90
Figura 36 - Mapa de localização da rede S2-01.	92
Figura 37 - Rede de suporte social S2-55.....	92
Figura 38 - Mapa de localização da rede S2-55.	93
Figura 39 - Rede de suporte social S2-73.....	94
Figura 40 - Mapa de localização da rede S2-73.	95
Figura 41 - Rede de suporte social S2-88.....	96
Figura 42 - Mapa de localização da rede S2-88.	96
Figura 43 - Rede de suporte social S2-94.....	97
Figura 44 - Mapa de localização da rede S2-94.	98
Figura 45 - Regiões com maior incidência das categorias de apoio.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Rendimento total domiciliar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	56
Tabela 2 - Faixa etária dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	57
Tabela 3 - Estado civil dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	57
Tabela 4 - Anos de escolaridade dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	58
Tabela 5 - Situação de ocupação dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	59
Tabela 6 - Média de pessoas por domicílio, de acordo com arranjo domiciliar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	64
Tabela 7 - Anos de escolaridade dos moradores, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	66
Tabela 8 - Situação de ocupação dos moradores acima de 15 anos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	66
Tabela 9 - Tamanho das redes de suporte social, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	68
Tabela 10 - Vínculo detalhado dos contatos com o entrevistado, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	77
Tabela 11 - Localização geral dos contatos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	79
Tabela 12 - Síntese dos participantes representados nos grafos.	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Grau de urbanização Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010.	41
Gráfico 2 - Arranjos domiciliares Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010.	61
Gráfico 3 - Arranjos domiciliares, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	63
Gráfico 4 - Distribuição dos domicílios na categoria participação social, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	68
Gráfico 5 - Distribuição dos domicílios nas categorias interação íntima, orientação e feedback, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.....	71
Gráfico 6 - Distribuição dos domicílios na categoria Auxílio material, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	71
Gráfico 7 - Distribuição dos domicílios na categoria assistência física, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	74
Gráfico 8 - Vínculo geral dos contatos com os entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.....	76
Gráfico 9 - Localização dos contatos entre família estendida e demais arranjos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	79
Gráfico 10 - Razões da coabitação das famílias estendidas, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.....	102
Gráfico 11 - Razões para agrupar-se com outro núcleo familiar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos principais conceitos.....	21
Quadro 2 - Faixas de renda dos domicílios segundo planilha de renda do IBGE.	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. TEMAS NORTEADORES	16
1.1 Definição de conceitos principais.....	16
1.2 Redes de suporte social: conceituação geral	25
1.3 Redes e domicílios	29
1.4 Condicionantes renda e localização	34
1.4.1 Renda.....	34
1.4.2 Localização.....	35
CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
2.1 Caracterização da pesquisa	37
2.2 Local de estudo.....	38
2.3 População e amostra	43
2.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados	46
CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES	50
3.1 Caracterização geral dos entrevistados	56
3.2 Arranjos domiciliares e caracterização da unidade doméstica.....	59
3.2.1 Arranjos domiciliares: Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal.....	59
3.2.2 Arranjos domiciliares: Setor 1 e Setor 2	62
3.2.3 Caracterização geral dos moradores.....	64
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS REDES DE SUPORTE SOCIAL.....	67
4.1 Tamanho.....	68
4.2 Tipos de relação.....	76
4.3 Localização dos contatos.....	78
4.4 Estrutura e mapeamento das redes	80
4.5 Coabitação.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	112

INTRODUÇÃO

A instituição família é uma construção social, uma entidade dinâmica, que interage com componentes culturais e sociais diversos. É certo que tais componentes se alteram ao longo do tempo e do espaço.

De acordo com o aspecto de análise, a família pode ser vista sob óticas distintas. Nesse sentido, desejamos entender as relações que assumem os integrantes de uma mesma residência e entre outros domicílios.

Há uma complexidade de investigação das relações domiciliares, sobretudo, pela maneira como algumas fontes de dados secundários tratam família e espaço físico. Por exemplo, nos Censos Demográficos, a família consiste em um grupo de pessoas que estão ligadas por algum laço de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência e residem na mesma unidade domiciliar (IBGE, 2020a). Destacamos a delimitação estabelecida pelo IBGE em função da unidade de residência, da mesma maneira, outras pesquisas domiciliares também adotam essa configuração. Talvez, esse seja um viés decorrente das próprias fontes de dados. É dizer que o Censo Demográfico toma o domicílio – e não a família – como unidade básica de análise.

A captação dos dados nessas fontes de pesquisas desconsidera aspectos relevantes sobre as relações que ultrapassam a coresidência. Ou seja, os indivíduos não dependem apenas de outros indivíduos intraunidade de habitação, as relações não são somente endógenas, pelo contrário, diversas formas de compartilhamento são preservadas entre pessoas ligadas por laços fora do domicílio. E é justamente a junção de grupos domiciliares de diferentes moradias, que em realidade trabalham em conjunto, que compõem as redes de suporte social investigadas aqui.

A definição de redes pode estar ligada a diferentes domínios e áreas de conhecimento; redes de mídias sociais, redes de computadores, redes de pessoas, entre outros. Em um conceito muito simplificado, redes constituem um agrupamento de objetos ligados entre si de alguma forma (WATTS, 2003). Assim, as redes de suporte social são configuradas a partir da interação de pessoas e operam por meio da troca de suporte, seja ele social, econômico ou moral, que os indivíduos demandam ao longo do tempo.

Essas redes estão sujeitas a diversas condicionantes que podem influenciar sua sociabilidade, sendo as principais discutidas aqui, rendimento e localização.

Indivíduos em situações de maior vulnerabilidade econômica usam as redes de suporte principalmente como forma de enfrentamento e sobrevivência diante de situações adversas. A localização também é um elemento importante na interação entre os domicílios, visto que a

posição espacial pode definir as formas como as redes se constroem e se mantêm ao longo do tempo. Além disso, a distância geográfica pode ser uma das explicações para a recorrência e a intensidade das relações, assim como a frequência de visitas, o nível de confiança e as trocas podem diminuir quando os contatos estão fora do mesmo bairro (LLANOS; OROZCO; RÍOS, 1995).

Diante do exposto, o questionamento preliminar adotado foi: *Núcleos domiciliares se comportam como unidades pluridomiciliares, ou seja, compõem uma única unidade doméstica, embora envolvam diferentes domicílios?*

Adotamos como delimitação do problema, o município de Cacoal, localizado no estado de Rondônia, na região Norte do país. Decerto, as relações na escala domiciliar podem ter alguma implicação na própria dinâmica do espaço urbano. Assim, é necessário compreender fatores que influenciam nesse processo. Para tanto, o objetivo geral da pesquisa é caracterizar a formação de redes de suporte social entre domicílios na cidade de Cacoal-RO. Em conjunto, os objetivos específicos incluem: descrever a composição e o conteúdo das redes de suporte, analisar a constituição das redes de suporte segundo a variável renda domiciliar e mapear as redes de suporte evidenciando (ou não) localismos.

A combinação das temáticas, redes de suporte social, rendimento e localização, justifica-se como uma forma de ampliar o diálogo entre diferentes esferas. No âmbito da arquitetura e urbanismo, incluir a condicionante localização aos estudos de redes sociais, consiste em uma oportunidade de entender como o espaço pode influenciar na sociabilidade dos indivíduos. Para Silva e Monte-Mór (2010) conectar questões referentes a estudos populacionais com a temática urbana tem o potencial de ampliar a compreensão do urbano como fenômeno que transcende o espaço das cidades e que se estende ao espaço social como um todo.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos. O primeiro versa sobre os temas norteadores e discute alguns conceitos, por exemplo, família, domicílio, unidade doméstica e demais acepções. O capítulo inclui também as definições sobre redes sociais, principalmente sob a integração e o suporte entre domicílios.

O segundo capítulo é destinado a descrever todos os procedimentos metodológicos adotados na obtenção dos dados, a caracterização do município de Cacoal-RO, o processo de escolha dos locais adotados para realização da pesquisa de campo, bem como os processos de levantamento e análise dos dados.

O terceiro e o quarto capítulo são compostos pela apresentação e discussão dos resultados obtidos. No terceiro capítulo, iniciamos pela caracterização dos locais de estudo. Em

seguida, descrevemos o perfil dos entrevistados, pela análise de variáveis, entre elas, sexo, idade, escolaridade, situação de ocupação, além de retratar os arranjos domiciliares em que estão inseridos.

Por fim, no quarto capítulo, nos debruçamos nos dados referentes às redes de suporte social, por exemplo, tamanho, composição, principais tipos de apoio compartilhados e as representações por meio de grafos e mapeamentos espaciais de algumas redes.

CAPÍTULO 1. TEMAS NORTEADORES

Este capítulo tem como objetivo apresentar os temas norteadores da pesquisa a partir de uma discussão teórica. Em oportuno, refletiremos acerca de alguns conceitos, por exemplo, família, domicílio, unidade doméstica, circunscrevendo-os segundo à problemática específica da dissertação. Além disso, iniciaremos as conceituações sobre as redes de suporte social, sua organização entre os domicílios e suas condicionantes.

1.1 Definição de conceitos principais

Devemos ser sensíveis ao fato de a instituição família ser uma construção social e, como tal, interagir com componentes culturais e sociais. Esses elementos se modificam ao longo do tempo e do espaço e são fatores que dialogam, por exemplo, com processos demográficos, tais como o aumento da expectativa de vida e, não menos importante, a diminuição da fecundidade.

Decerto, há inúmeros outros componentes que ajudam a compreender as mudanças de sentido, significado, conteúdo, tamanho, forma e composição da família. No entanto, desde já, nos interessa alertar que não desejamos nos perder no esforço praticamente ontológico de revisá-los para compreendê-la. Tampouco, desejamos nos deter no exercício taxonômico vão de classificá-la em todas suas singularidades. O que queremos é simplesmente avisar ao leitor que assumimos a premissa de que as famílias estão em constante mudança, adaptando-se a processos sociais e influenciando-os também. Trata-se, pois, de entendê-la como uma entidade dinâmica, particularmente quando a analisamos ao longo do tempo.

Por exemplo, para Bilac (2001), família é:

[...] entendida, genérica e abstratamente, como uma estrutura social particularista e multidimensional, produto da articulação de relações de gênero e gerações, no âmbito de um sistema de parentesco e de aliança que as organiza e legitima, através de valores, normas e expectativas de comportamento. Esta estrutura tem por objetivo a reprodução quotidiana – material e simbólica – de seus membros assim como a produção de uma nova geração. (BILAC, 2001, p. 14).

Dentro dessa acepção tão ampla, temos certeza dos enormes desafios em operacionalizá-la. O mapeamento de todas as relações de parentesco, aliança, consanguinidade e adoção é praticamente impossível, para não dizer incognoscível. Porém, não se trata de reduzir a discussão a uma dificuldade funcional. Em outras palavras, dentro das mesmas premissas de

Bilac (2001), poderíamos ponderar que a reprodução física e simbólica dos indivíduos se dá apenas nos laços de parentesco?

Nesse momento, essa é uma inquietação meramente retórica, é apenas uma provocação em que desejamos demonstrar a complexidade conceitual e prática da questão. Entretanto, não queremos ampliá-la ainda mais. Destacamos, assim, que “família” não é o termo correto da unidade de análise que desejamos investigar. Mas, qual é então essa unidade de análise ou escala?

Em tal caso, achamos oportuno já realizar um primeiro filtro sobre a acepção de família e, particularmente, a unidade de análise ou da variável descritiva sobre o conceito abrangente de família.

Para Bruschini (1989), a depender do ângulo de análise, a família pode ser vista como unidade de produção, unidade de reprodução, unidade de indivíduos que possuem laços de consanguinidade, indivíduos que dividem a mesma residência, unidade de afeto e solidariedade, local de dominação e submissão, redes de parentesco e, o que particularmente nos interessa: o ambiente de socialização.

Não seria ilógico, então, imaginar que a relação do que até o momento chamamos genericamente de “família”, com o lugar onde se vive, tenha se modificado, afinal, como bem lembra Bilac (2001):

[...] a casa é a família e a família é a casa, pois casa não é apenas um espaço físico, mas um espaço social, um conjunto de relações sociais definidas, de comportamentos semi-ritualizados que reiteram cotidianamente a individualização de um específico grupo familiar face aos demais. **A casa é assim a base territorial que garante a existência do grupo familiar, a contrapartida física das relações sociais que aí se desenrolam.** (BILAC, 2001, p. 15, grifo nosso).

Como alertamos anteriormente, devemos começar a circunscrever o conceito amplo e ainda difuso de família. Nesse sentido, estamos curiosos por entender as relações, os tamanhos e as composições que assumem os integrantes de uma mesma residência, lar, moradia ou domicílio. As fronteiras da família, aqui, são dadas pelas paredes da residência, ou seja, não investigamos a família, senão aquela fração da família que Wajnman (2012) intitula de “família domiciliar”.

O contingenciamento da família à residência soluciona desafios de ordem prática, não obstante, condiciona a maneira de enxergá-la. De outro modo, nem todos os residentes são compulsoriamente parentes e, por vezes, há mais de uma família por residência. Além disso,

adotar a residência como condição *sine qua non* da família desconsidera a localização geográfica dos parentes e como ela influi nas ajudas, nos recursos e nos suportes entre familiares e residências. Em outras palavras: de que maneira grupos familiares de diferentes moradias trabalham em conjunto, compondo redes locais de familiares e domiciliares.

Os Censos Demográficos e outras pesquisas domiciliares necessitam realizar uma escolha de maneira a tornar viável a operacionalização desses amplos conceitos, transformando-os em variáveis descritivas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Família – conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Entende-se por dependência doméstica a relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e agregados da família, e por normas de convivência as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica. (IBGE, 2020a).

Segundo Alves e Cavenaghi (2006), os censos brasileiros utilizam o conceito do que pode ser denominado como *Família Censitária* (Figura 1), ou seja, indivíduos que dividem o mesmo domicílio e podem ser classificados de acordo com algumas definições.

Figura 1 - Classificação da família censitária.

FAMÍLIA CENSITÁRIA	PESSOA SÓ	INDIVÍDUO VIVENDO SOZINHO EM UM DOMICÍLIO
	FAMÍLIA ÚNICA	UMA SÓ FAMÍLIA EM DOMICÍLIO PARTICULAR
	FAMÍLIA PRINCIPAL	OS CHEFES SÃO OS DONOS OU RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS ONDE VIVEM MAIS DE UMA FAMÍLIA
	FAMÍLIA SECUNDÁRIA (PARENRENTE)	FAMÍLIAS SECUNDÁRIAS, EM QUE ESTAS E AS PRINCIPAIS POSSUEM LAÇOS DE PARENTESCO
	FAMÍLIA SECUNDÁRIA (NÃO PARENRENTE)	FAMÍLIAS SECUNDÁRIAS, EM QUE ESTAS E AS PRINCIPAIS NÃO POSSUEM LAÇOS DE PARENTESCO

Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir de Alves e Cavenaghi, 2006.

Conforme aponta Bilac (2001), a definição de família do censo denomina uma maneira específica de ocupação dos domicílios com base na existência de laços sociais simultâneos ou alternativos entre os indivíduos. São eles: parentesco, dependência doméstica e normas de convivência. A falta de hierarquização entre esses laços concede ao Censo a possibilidade de agrupar sob a mesma noção de família diferentes grupos, o que pode resultar em domicílios compostos, que além do núcleo familiar, integram-se grupos aparentados e também não aparentados (WAJNMAN, 2012).

De modo mais claro, a metodologia identifica tanto laços de familiaridade (parentesco, aliança, consanguinidade e adoção) quanto não familiares. Isto é, o conceito também pode abranger relacionamentos que se baseiam na dependência, assim como adotado no Censo brasileiro. Em resumo, além dos laços familiares, as pessoas com relações de dependência doméstica e sem parentesco também são incluídas nas famílias (CAVENAGHI E ALVES, 2011).

Apesar do conceito adotado pelo IBGE incluir um grupo ampliado do que seria uma família, Bilac (2001) destaca que se trata de uma categoria operacional e que de acordo com a abordagem de estudo, essa definição ainda pode sofrer modificações. Por exemplo, a definição estabelecida pelo IBGE apresenta uma delimitação em função da residência e reduz a família em um único domicílio.

Medeiros, Osório e Varella (2002) afirmam que essa delimitação é comum nos estudos instituídos em pesquisas domiciliares, como é o caso da demografia e da economia. Dessa forma, a maneira como é desenvolvida a coleta dos dados nos Censos do IBGE não permite a reconstituição de famílias que residam em dois domicílios diferentes (ALVES E CAVENAGHI, 2006). Esta é uma questão essencial para a presente pesquisa. Sem dúvida, boa parte de nossos esforços objetiva contornar essa barreira.

De acordo com Wajnman (2012), um ponto-chave na captação desses dados é que aspectos importantes das funções que se prolongam além da coresidência não são contabilizadas. Assim, para Bilac (2001) o modo como é feita as análises baseadas em pesquisas domiciliares pode ser alvo de críticas “[...] uma vez que estas não permitem a captação das relações entre os domicílios. Esta característica metodológica terminaria por limitar o real entendimento das relações familiares”. (BILAC, 2001, p. 16).

Wajnman (2012) aponta que a coresidência não garante que haja diariamente relações de troca e apoio mútuo. Ainda, é importante destacar que a coresidência também pode ser um lugar marcado por confrontos e relações de poder, basta observar uma série de conflitos que

ocorrem principalmente no ambiente domiciliar: brigas entre pais e filhos, agressões contra mulheres e crianças, violência sexual, maus tratos contra idosos etc.

Desse modo, é possível que diversas formas de compartilhamento sejam preservadas entre pessoas ligadas por laços fora do domicílio, afinal, seria ingênuo supormos que um domicílio é totalmente independente. Medeiros e Osório (2001) complementam essa ideia ao demonstrarem que mesmo com a separação espacial, em geral, os indivíduos permanecem com boa convivência e que a distribuição de trabalho e recursos consiste em elemento importante na organização de suas vidas. Mike Murphy (2008) também aborda em seus estudos acerca do modo como as relações dos indivíduos se desenvolvem, sobretudo o aumento da rede de parentesco e contatos fora do domicílio.

A definição apresentada pelo IBGE, de acordo com Alves e Cavenaghi (2006), diverge das abordagens adotadas em áreas como a antropologia e a sociologia, em que a restrição da família em um mesmo domicílio é menos comum. Nesse caso, o estudo da família está ligado à organização de pessoas com qualquer laço reconhecido de parentesco, sem a barreira do local de residência (MEDEIROS; OSÓRIO; VARELLA, 2002).

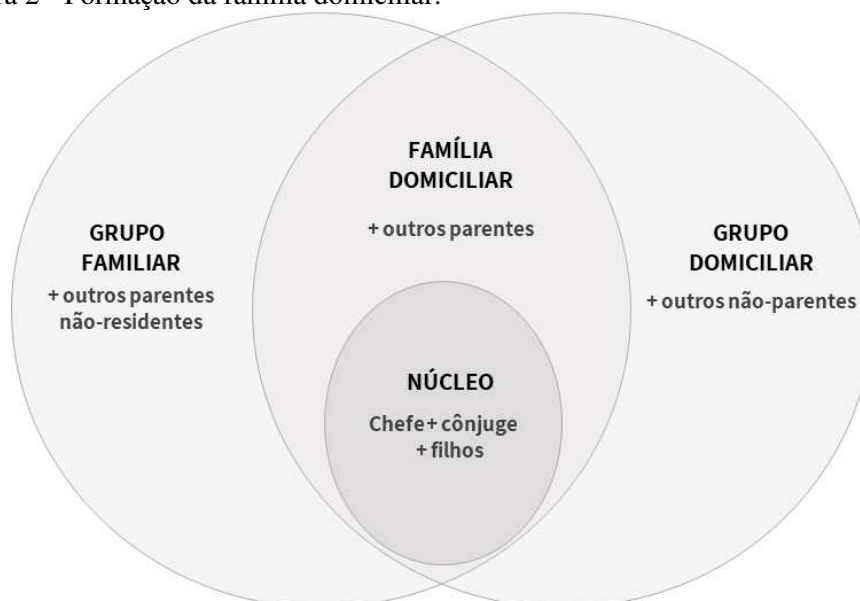
Ryder (1975) apud Wajnman (2012) apresenta a definição de demografia da família como “[...] o estudo do número, tamanho e composição das famílias e a identificação dos processos populacionais que geram esses resultados e suas mudanças ao longo do tempo”. (WAJNMAN, 2012, p. 11). A demografia da família, em seu processo de investigação, interage com outras disciplinas com as quais o mesmo objeto de estudo é compartilhado. Assim, diante da diversidade de propósitos para desenvolver suas análises, a demografia da família em alguns momentos lidará com o grupo familiar ampliado e em outros com o grupo que se restringe aos limites da residência (WAJNMAN, 2012).

Entre os dois grupos apresentados acima, é possível encontrar outras configurações: a família domiciliar, que é constituída pelo grupo de parentesco restrito ao domicílio; a família nuclear, limitada pelas relações domiciliares entre cônjuges e entre pais e filhos; e, também, a família estendida, que além do núcleo familiar anterior inclui, outros parentes corresidentes (WAJNMAN, 2012).

Wajnman (2012) enfatiza a família domiciliar (Figura 2). De acordo com a autora, a família domiciliar é composta por dois grupos importantes: o grupo familiar e o grupo domiciliar. O grupo familiar é composto por pessoas que possuem relações de parentesco (consanguinidade, adoção, aliança ou afinidade). Essas pessoas podem estar dispersas geograficamente e terem graus de convivência e apoio. Já o grupo domiciliar é definido pela união de pessoas (independente de terem ou não laços de parentesco) que vivem em uma

residência e também compartilham apoio, principalmente facilitados pela aproximação física (WAJNMAN, 2012).

Figura 2 - Formação da família domiciliar.



Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir de Wajnman, 2012.

Conforme ilustrado na figura, a interseção do parentesco com a coresidência resulta na formação da família domiciliar. “É esse o objeto natural dos levantamentos censitários e, como as suas características gerais são facilmente identificáveis, é usualmente a principal matéria prima nos estudos de famílias”. (KEYFITZ, 1985, apud WAJNMAN, 2012, p. 19).

Em síntese, a tarefa de encontrar uma definição adequada para o termo família é relativa e mutável no tempo, uma vez que se refere a distintos conceitos e, mormente, em função da diversidade de grupos que podem ser identificados como uma família. Wajnman (2012) evidencia que é justamente essa complexidade que promove inúmeras possibilidades de estudos e que a escolha das definições particulares de cada autor deve levar em consideração o propósito de análise que se objetiva desenvolver.

Os conceitos de família e domicílio podem, em algumas fontes de estudos populacionais, apresentar sentidos ambíguos. De acordo com Bender (1967) apud Aparicio (2018), a definição de família tem referência básica com o parentesco, enquanto o domicílio, está ligado ao local de residência. Tratando-se de domicílios, a definição apresentada pelo censo brasileiro significa “[...] local estruturalmente separado e independente, que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal”. (IBGE, 2020a).

Um elemento importante nessa concepção é que somente caracteriza-se como domicílio o atendimento simultâneo dos dois critérios: separação e independência.

Entende-se por separação o local de habitação limitado por paredes, muros ou cercas, coberto por um teto, permitindo a uma ou mais pessoas que nele habitam isolar-se das demais, com a finalidade de dormir, preparar e/ou consumir seus alimentos e proteger-se do meio ambiente, arcando, total ou parcialmente, com suas despesas de alimentação ou moradia. Por independência se entende quando o local de habitação tem acesso direto, permitindo a seus moradores entrar e sair sem necessidade de passar por locais de moradia de outras pessoas. (IBGE, 2020a).

De modo muito reducionista, poderíamos pensar no domicílio como o espaço físico que abriga o grupo domiciliar. Medeiros e Osório (2001) apontam que é justamente a união de pessoas delimitadas ao espaço do domicílio que compõem o arranjo domiciliar. Esses arranjos podem apresentar configurações diversas, sendo algumas classes mais costumeiras em determinados estudos.

No Manual de Princípios e Recomendações para os Censos de População e Habitação, elaborado pelas Nações Unidas, é apresentado que um compartimento separado e independente, destinado à acomodação de pessoas, constitui-se em uma unidade de habitação (ONU, 2010). Ou seja, o equivalente ao critério de domicílio adotado no Brasil.

Rodriguez (1999) destaca que um elemento essencial no processo de contabilização das necessidades habitacionais é a identificação e a quantificação das unidades domésticas. Bilac (2001) complementa que, para isso, comumente utilizam-se dados produzidos pelos Censos e por pesquisas domiciliares.

Porém, a definição de unidade doméstica diferencia-se da definição de unidade de habitação, que consiste em item básico de coleta de dados censitários e amostrais. Ao se tratar de unidade doméstica, de acordo com Bilac (2001), é necessário que os indivíduos não apenas morem em uma única residência, é preciso que compartilhem, também, um orçamento comum:

[...] na ocorrência de um orçamento comum estão implícitas obrigações e direitos, constrangimentos e possibilidades configurando hierarquias que organizam as relações entre moradores. (BILAC, 2001, p. 2).

Dessa maneira, a unidade de habitação – ou de residência, de acordo com Lopes (1976) – refere-se às unidades que compartilham o espaço físico do domicílio. Enquanto que a unidade doméstica pressupõe a coresidência combinada ao compartilhamento de recursos e orçamentos.

Ainda de acordo com o Manual elaborado pelas Nações Unidas, é possível observar o conceito de “*hogar*” (casa/domicílio):

1.448. O conceito de "casa" é baseado nos arranjos feitos pelas pessoas (individual ou coletivamente) para atender às suas necessidades de alimentos ou outros itens essenciais para a vida. O domicílio pode ser: a) unipessoal, quando uma pessoa atende suas próprias necessidades nutricionais e outras necessidades vitais sem se juntar a nenhum outro para formar um domicílio multipessoal, ou b) multipessoal, quando um grupo de duas ou mais pessoas adota disposições em comum com fornecem-se com comida ou outros itens essenciais para a vida. Os membros do grupo podem reunir seus recursos e ter um orçamento comum; pode ser um grupo consistindo apenas de pessoas relacionadas ou não, ou pode ser uma combinação de ambas as classes. (ONU, 2010, p. 108, tradução nossa).

Destacamos que o conceito de “domicílio” descrito acima, baseia-se na ideia de economia doméstica e do compartilhamento de forma semelhante à concepção de unidade doméstica, fato que distingue consideravelmente os significados de “*hogar*” (lar – numa tradução livre) e domicílio. Portanto, é necessário cuidado nas comparações entre países que tomam como unidade básica de análise o domicílio ou o “*hogar*”.

Aliás, nem todos os países latino-americanos especificam em seus Censos o que é unidade de habitação e o que é unidade doméstica. Evidentemente, diante do exposto, o Brasil está entre os países que adotam o conceito de domicílio como unidade de residência (BILAC, 2001). E que o conceito de “*hogar*”, definido pelas Nações Unidas para as pesquisas censitárias, não foi utilizado nos últimos censos no Brasil (CAVENAGHI E ALVES, 2011).

Cavenaghi e Alves (2011) complementam que a definição de unidade de habitação, tanto na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) quanto na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), inclui um critério que se aproxima da definição de domicílio indicada pela ONU, pois os critérios de separação e independência estão presentes nas duas pesquisas, mas no critério separação, é destacado que os residentes devem ser total ou parcialmente responsáveis pelas despesas com alimentação. Ou seja, o conceito de domicílio usado nessas pesquisas se torna uma combinação da unidade de habitação e unidade doméstica (CAVENAGHI E ALVES, 2011).

Assim, reunimos os principais conceitos abordados acima (Quadro 1). Essa atividade ocorreu em conjunto com o grupo de pesquisa Território e Desigualdades, com o objetivo de agrupar as principais definições sob a ótica de diferentes fontes de dados.

Quadro 1 - Definições de família, unidade de residência e unidade doméstica.

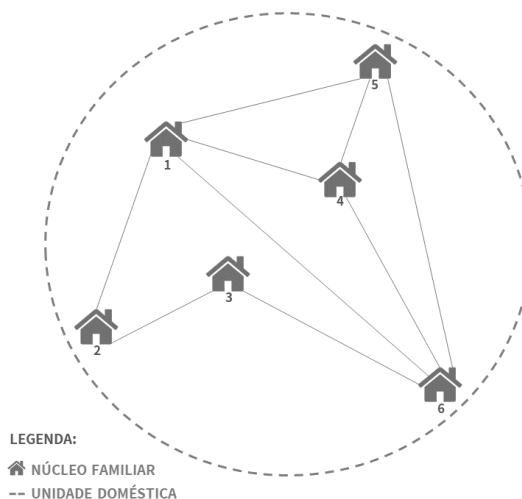
	CAVENAGHI E ALVES (2011)	WAJNMAN (2012)	LOPES (1976)	IBGE (2020a)
FAMÍLIA	Unidade na qual as pessoas, ou uma única pessoa, formam um grupo para satisfazer suas necessidades de alimentos e outros itens essenciais para a vida. Em nossa sociedade, as pessoas se reúnem em relações reprodutivas, que podem ser baseadas em consanguinidade ou adoção, ou na relação conjugal.	É entendida como sendo, desde o núcleo mais próximo até uma rede mais ampla de parentesco e que, para muitos propósitos, pode ser complementada por outros membros da rede de apoio, dependendo do alcance das trocas que se quer captar.	Inclui os membros do domicílio relacionados entre si por algum laço de parentesco, seja sangue, adoção ou casamento.	Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar.
UNIDADE DE RESIDÊNCIA OU DOMICÍLIO	Local de residência limitado por paredes, muros ou cercas, coberto por um telhado e que permite a pessoa ou as pessoas se isolarem dos outros.	Moradia estruturalmente independente, com um ou mais cômodos, com entrada privativa.	Pessoas que ocupem a totalidade ou parte de uma habitação em comum e não exige que compartilhem as refeições.	Local estruturalmente separado e independente, que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal.
UNIDADE DOMÉSTICA	A definição inclui um critério que se aproxima da definição de casa, mas o critério de diferenciação é de que os residentes devem ser total ou parcialmente responsáveis pelas despesas com alimentação ou habitação.	Conjunto de pessoas que vivem em uma unidade residencial e compartilham bens públicos, além de, realizarem outras trocas, facilitadas pela proximidade física, independentemente de terem ou não laços de parentesco.	Pessoas que ocupem a totalidade ou parte de uma habitação em comum e compartilhem as principais refeições.	Para o IBGE o conceito de unidade doméstica é equivalente ao conceito de família.

Fonte: Grupo de pesquisa Território e Desigualdades, 2020.

Em resumo, este estudo utilizará o conceito de unidade doméstica. Entretanto diferentemente das definições do quadro acima, essas unidades não coincidem exatamente com o domicílio ou com o grupo domiciliar. Trata-se de domicílios separados espacialmente, mas que em diversos momentos funcionam como uma única unidade doméstica.

Nesse cenário, as unidades domésticas apresentam-se de maneira mais ampla que o domicílio, ou seja, núcleos familiares funcionam como núcleos reprodutivos em suas próprias residências, mas as unidades domésticas compreendidas como unidades de reprodução física e simbólica são pluridomiciliares (Figura 3).

Figura 3 - Exemplo de redes pluridomiciliares.



Fonte: Elaboração da autora, 2020.

A ilustração representa esse conjunto de domicílios envolvidos coletivamente no compartilhamento de recursos, ajudas, suportes e apoios físicos e imateriais. Isto é, uma espécie de rede de unidades domiciliares (aquelas unidades de consumo e compartilhamento de recursos) ampliada. Além disso, nos esforçamos para esclarecer que, de acordo com as fontes secundárias de dados, os integrantes do domicílio captados não são compulsoriamente família. Essa foi uma decisão importante: quem mapearíamos? Domicílios compostos exclusivamente por famílias domiciliares ou também aqueles formados por não parentes (grupos domiciliares)?

A despeito da praticidade, a questão levanta reflexões sobre as ajudas e os suportes que circulam no interior dos domicílios e entre eles. Logo, acreditamos que relações, inclusive não familiares – porém, ainda considerando o domicílio como unidade espacial básica de análise – seriam fundamentais para a reprodução física e de valores do grupo domiciliar. Se não fosse assim, é como se supuséssemos que tão somente famílias domiciliares fossem capazes de fornecer ajuda e suporte.

Além de retratar, ansiamos, igualmente por captar a relação entre essas unidades. Assim, dado que o problema de pesquisa é eminentemente relacional, o estudo desses domicílios por meio de elementos das redes sociais fornece instrumentos para captação e mapeamento das trocas de suporte entre as diferentes unidades.

1.2 Redes de suporte social: conceituação geral

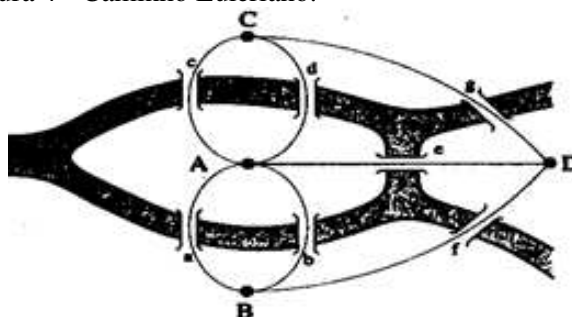
É possível enumerar diferentes domínios, disciplinas e áreas de conhecimento em que as redes são aplicadas: redes sociais (mídias sociais), redes de computadores, redes de

distribuição de energia, de abastecimento de água, redes de amigos ou de familiares. Todos esses casos são redes, mas diferenciam-se entre si e apresentam suas próprias características. Porém, os diferentes pontos de vista conduzem a diferentes significados do conceito de redes.

Assim, de acordo com Watts (2009), as redes consistem em elementos simples, no agrupamento de objetos conectados entre si de alguma maneira. Essa generalização do termo pode torná-lo complexo e difícil de defini-lo com precisão, mas no primeiro momento, essas relações podem ser identificadas como conexões ou caminhos em que uma mensagem ou um auxílio material tráfegará (FRANCO, 2008).

As redes compreendem objetos de estudos matemáticos, representadas na forma de grafos ou matrizes, desde 1736, quando Leonard Euler almejava uma solução para o problema das sete pontes de Königsberg (Figura 4). O intuito era encontrar um caminho para atravessar todas as sete pontes da cidade (a, b, c, d, e, f, g) partindo de qualquer vértice (A, B, C, D) porém, passando uma única vez por cada uma (WATTS, 2009).

Figura 4 - Caminho Euleriano.



Fonte: Adaptação da autora, 2020, a partir de Cunha, 2014.

A partir de Euler, a teoria das redes se intensificou, tornando-se um grande ramo da matemática aplicada, por meio da otimização de algoritmos (WATTS, 2009). Essa teoria passou também a ser incorporada em outros nichos de estudos, com aplicação nas áreas de saúde, de tecnologia, de sociologia (por meio dos movimentos sociais), economia (em mercados e economias de redes) etc. (MARTELO, 2001).

Outros autores apontam diversas significações para o conceito: “[...] sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou sistema físico que se pareça com uma árvore ou rede”. (MARTELO, 2001, p. 72). De acordo com Molina (2004), uma rede constitui-se no conjunto de relacionamentos entre uma série definida de elementos, em que cada relacionamento é equivalente a uma rede diferente.

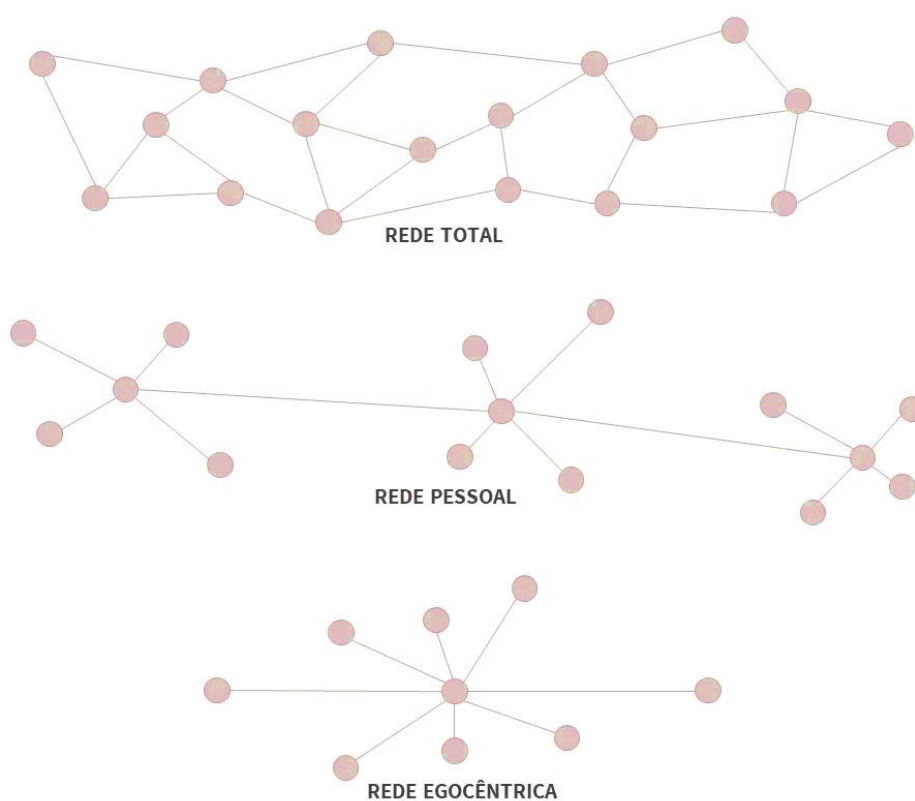
Hanneman e Riddle (2005) apontam que não há nada que seja tão incomum nos dados sobre redes, a diferença é que os analistas utilizam uma linguagem especializada para descrever

o conteúdo e a estrutura dos conjuntos. Dessa maneira, em vez de pensar nos atributos que configuram os atores (sexo, idade, escolaridade etc.), os analistas de rede concentram-se nas características das conexões. “Os atores são descritos por suas relações, não por seus atributos. E as próprias relações são tão fundamentais quanto os atores que elas conectam”. (HANNEMAN E RIDDLE, 2005, p. 4).

Enfatizar os atributos das relações tampouco significa menosprezar a natureza dos atores; decerto há uma relação diacrônica entre as características individuais e relacionais. Em outras palavras, compreendemos que a centralidade de um indivíduo é dada por determinada particularidade ou simplesmente pela falta dela.

De acordo com Wrzus et al. (2013), existem diferentes tipos de redes sociais (Figura 5), que podem ser distinguidas em função dos relacionamentos que incluem: Rede total ou global, compreende todas as relações sociais existentes de um indivíduo; Rede pessoal, constitui-se em uma sub-rede de relacionamentos mais próximos da rede total; Rede egocêntrica, diz respeito às redes individuais centradas a partir de um indivíduo específico.

Figura 5 - Tipos de redes.

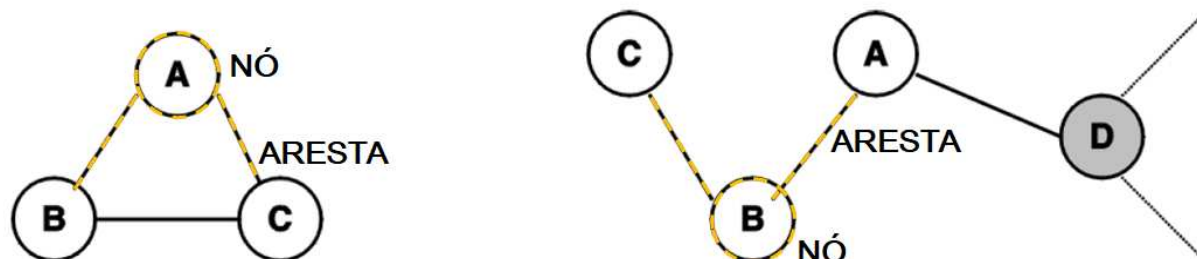


Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir de Franco, 2008.

Assim como no modelo de Euler, as análises de redes buscam representar, por meio de soluções gráficas, os mais diversos contextos relacionais em que os atores sociais estão

inseridos. Neste modelo de representação (Figura 6), pessoas, organizações, grupos ou entidades são retratados como “nós” e as relações diversas constituem as “arestas” (MARQUES, 2007).

Figura 6 - Representação dos nós e arestas.



Fonte: Adaptação da autora, 2020, a partir de Martelo, 2001.

A partir do conjunto de atores ou nós, existem várias estratégias para decidir como levantar os dados sobre as relações entre eles. Hanneman e Riddle (2005) destacam as seguintes metodologias:

- a. **Método de rede completa:** esse tipo de análise exige a coleta de informações sobre os vínculos de cada ator com todos os outros atores. Consiste no mapeamento total de uma população e não em amostras, com possibilidade de reunir o máximo de informações que compõem a rede. Contudo, esse tipo de análise pode ser dispendiosa e de difícil execução (HANNEMAN E RIDDLE, 2005);
- b. **Método bola de neve:** essa metodologia inicia-se com um ator focal que cita os seus laços com outros atores. Posteriormente, os atores citados também são rastreados e assim sucessivamente. O processo continua até que nenhum novo ator seja identificado ou até que o pesquisador decida parar (geralmente, por razões de tempo e recursos, ou porque os novos atores nomeados não se enquadram no grupo desejado). Esse tipo de análise pode ser adotada principalmente quando se deseja mapear populações especiais, geralmente subconjuntos pequenos inseridos em populações maiores. Duas dificuldades podem ser identificadas na metodologia bola de neve: os atores que não estão conectados não são localizados por esse método e não há uma maneira garantida de encontrar todos os indivíduos conectados (HANNEMAN E RIDDLE, 2005);
- c. **Redes centradas no ego (com conexões alteradas):** essa metodologia desenvolve uma seleção de nós focais (egos) e identifica-os aos quais eles estão conectados. Em

seguida, é determinado quais nós identificados no primeiro estágio estão conectados um ao outro. Esse tipo de abordagem pode ser bastante eficaz para coletar dados de populações muito grandes e pode ser combinado com abordagens baseadas em atributos. A abordagem centrada no ego com conexões alteradas também pode fornecer algumas informações sobre a rede como um todo, embora não tanto quanto abordagens de bola de neve ou totais. Além disso, algumas propriedades das redes, por exemplo, distância e centralidade, podem ser difíceis de serem avaliadas em dados centrados no ego (HANNEMAN E RIDDLE, 2005);

- d. **Redes centradas no ego (somente no ego):** os métodos focados somente no ego realmente se concentram no indivíduo, e não na rede como um todo. Essas informações são úteis para entender como as redes afetam os indivíduos e também podem fornecer uma imagem geral da rede, ainda que não seja totalmente completa. Nesse caso, não é possível avaliar a densidade geral ou a conexão com populações. (HANNEMAN E RIDDLE, 2005).

É importante ressaltar que cada metodologia será empregada segundo o objeto de análise, o tamanho do universo pesquisado e o tempo e o recurso disponível para o levantamento dessas relações. Hanneman e Riddle (2005) complementam que não existe um método “certo” para todos os problemas de pesquisa.

A noção de rede compreende análises de processos interativos e esses processos são ponto-chave para o entendimento de alguns fenômenos de organização da sociedade. A partir do conhecimento das relações de sociabilidade cotidiana dos indivíduos, é possível inferir sobre as suas possibilidades de acesso a recursos e compreender melhor as complexas relações entre as organizações (FONTES E EICHNER, 2004).

Além disso, Watts (2009) evidencia que duas características nas redes são importantes. A primeira representa o fato de que a rede afeta tanto o comportamento individual quanto o sistema completo. E a segunda, as redes são dinâmicas, pois estão sempre em mudança e em evolução no tempo.

1.3 Redes e domicílios

Na estrutura de “nós” e “arestas”, os nós podem ser os indivíduos ou os grupos coletivos, por exemplo, associações, famílias, empresas, igrejas, entre outros (CUNHA, 2014b). “[...] os padrões de sociabilidade são pensados em relação à disposição desses atores nas redes sociais.

As instituições que interagem com essas redes podem ser dimensionadas enquanto agentes potencializadores ou desagregadores”. (FONTES E EICHNER, 2004, p. 53).

No presente estudo, buscamos a interação entre unidades domésticas e domicílios e presumimos que boa parte delas é composta por núcleos familiares e famílias domiciliares. Utilizaremos as terminologias “redes de suporte”, “apoio” e “ajuda” como sinônimos. Assim, é inegável que nos limitamos a um tipo muito particular de rede: aquelas que são exclusivamente instrumentais.

Pressupomos que se tratam de redes mais coesas e endógenas, tendo os contatos de parentesco, aliança, consanguinidade e adoção grande importância nelas. Não queremos dizer com isso que elas são compostas exclusivamente por essa classe de relação social, mas que eles desempenham grande papel em mantê-las. Imaginamos que mapear esses tipos de contatos, nos ajuda a entender os processos decisórios intraunidades domésticas e domicílios, bem como entre unidades domésticas e entre domicílios.

Em um estudo sobre a importância dos vínculos multigeracionais, Bengtson (2001) chama a atenção para os debates em torno do tema “o declínio da família na sociedade americana”. De acordo com o autor, esse pode ser um discurso limitante, visto que, para alguns críticos, a preocupação em torno desse declínio concentra-se apenas na família nuclear como representante principal, sequer leva em consideração o conceito de unidade doméstica como unidade de reprodução.

É inegável as alterações nas unidades domésticas, influenciadas por uma série de fatores. Contudo, o que muitas discussões a respeito desse tema não incluem são aspectos importantes das funções que se estendem além dos limites da coresidência. (BENGTSON, 2001).

Também não há consideração pelos anos de vida compartilhada entre as gerações, que agora prolongam-se por mais tempo, o que possibilita maior apoio emocional e econômico aos indivíduos por várias gerações (BENGTSON, 2001). Murphy (2008) destaca que são poucos os conjuntos de dados representativos sobre essa extensão do contato intergeracional e também das trocas de apoio emocional, ajudas práticas e trocas financeiras que se entendam além do domicílio.

Além disso, outro fator que não é levado em conta é o que Riley e Riley (1993) apud Bengtson (2001) chamam de “redes de parentesco latente”. Esse fator consiste em uma rede de ligações em constante mudança, com potencial de ativação e intensificação em tempo de necessidade.

Cunha (2014b) complementa que situações marcantes e contextuais – por exemplo, uma grande crise econômica – podem promover maior mobilização das redes de apoio dessa população afetada. Wrzus et al. (2013) reforçam que uma diversidade de eventos biológicos, sociais e físicos podem guiar ou induzir alterações nas redes, como casamento, ingresso no mercado de trabalho, viuvez, maternidade entre outros. Ou seja, as relações se transformam ao longo do ciclo de vida familiar.

O ciclo de vida engloba a noção de que ao longo do tempo os indivíduos devem percorrer uma série de estágios previstos. Nesse mesmo princípio, o ciclo de vida familiar consiste nas diferentes fases de desenvolvimento pelos quais uma família passa ao longo do tempo (CÁRTER E MCGOLDRICK, 1995). De acordo com as autoras as principais etapas que compõem um ciclo de vida familiar são: lançamento do jovem adulto; união das famílias através do casamento; famílias com filhos pequenos; famílias com filhos adolescentes; famílias na meia idade; e famílias na fase tardia. Para Cerveny e Berthoud (1997) esse ciclo nas famílias brasileiras subdivide-se em quatro etapas: fase de aquisição; fase adolescente; fase madura e fase última.

A depender da fase em que se encontra, os indivíduos e seus núcleos familiares são desafiados a buscar diferentes tipos de suporte para enfrentar as novas demandas.

O que se observa na literatura é que muitas unidades domésticas e muitos núcleos familiares continuam a manter contato regular com unidades domésticas e núcleos familiares de origem, prolongando-se por meio de redes (VASCONCELOS, 2002; PORTUGAL, 2011, MURPHY, 2008; LLANOS; OROZCO; RÍOS, 1995).

Essas solidariedades e ajudas funcionam, então, com base em uma rede de domicílios, “[...] não são somente redes de pessoas, mas também redes de circulação de uma grande variedade de bens, variando igualmente o volume e a direção topológica dos fluxos consoante o tipo de bens trocados”. (VASCONCELOS, 2002, p. 3). O conjunto de apoio formado dessas relações constitui o que se chama de suporte social.

As redes de suporte social ilustram os efetivos contatos que promovem ajudas, recursos e suporte. Não se restringem apenas ao contexto de conhecer ou não o contato, mas, sim, de estabelecer com ele trocas de qualquer natureza, desde que implique em forma de apoio (CUNHA, 2014b).

Wall et al. (2001) apresentam essas questões a partir de um termo utilizado em Portugal de *sociedade-providência*, que seria as redes informais de apoio baseadas nas relações de parentesco e vizinhança. Os autores evidenciam que em alguns casos há uma falha no Estado

em garantir proteção social, como adoção de políticas voltadas aos idosos, às crianças, à inserção de famílias em áreas sem infraestrutura, etc.

Essa falta de políticas adequadas em diversos casos é superada por meio de uma produção social, que impulsiona os indivíduos a buscarem esses apoios, entre eles, em comunidade. Ou seja, “a sociedade do bem-estar é considerada uma forma de capital social, especialmente valorizada e colocada em prática pelos grupos e famílias mais vulneráveis, isto é, pelos mais diretamente afetados pela falta de bem-estar do Estado”. (WALL et al. 2001, p. 214).

Quanto ao capital social, na década de 1980 o sociólogo Pierre Bourdieu destacava que se tratava de um:

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos) mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2001, p. 67).

De acordo com Bourdieu (2001), a existência dessa rede de relações não consiste em um dado natural, que é formado de uma vez e eternamente por um ato social. Ela é produto do trabalho de instauração e cuidado que são necessários para desenvolver relações duráveis e úteis. O conceito de capital social, apresentado por Bourdieu, vincula-se à ideia de obrigações sociais (CUNHA, 2014a).

Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretas utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como às relações de vizinhança, de trabalho, ou mesmo de parentesco. (BOURDIEU, 2001, p. 68).

O autor ainda complementa que a quantidade de capital social que um ator individual possui, depende da extensão da rede de relações que ele consegue mobilizar e também do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) pertencente a cada membro a quem está ligado (BOURDIEU, 2001).

Uma segunda fonte que trata sobre o conceito de capital social é o autor James Coleman (1988). De acordo com o autor:

Capital social é definido por sua função. Não é uma entidade única, mas uma variedade de entidades diferentes, com dois elementos em comum: todos eles consistem em algum aspecto das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas ou atores corporativos – dentro da estrutura. Como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos fins que, na sua ausência, não seriam possíveis. (COLEMAN, 1988, p. 98).

O capital social promove um melhor entendimento acerca da formação de padrões de sociabilidade. Além disso, o conceito também é de grande importância nas análises de redes sociais, pois contribui na compreensão sobre mecanismos de transmissão de valores, recursos e informações (CUNHA, 2014a).

Notamos que as redes de suporte são desenvolvidas a partir de um processo de interação social, em que alguns indivíduos são orientados para outros e atuam em resposta ao comportamento de cada um. Essa interação comumente é direcionada a pessoas específicas e em determinadas condições (LLANOS; OROZCO; RÍOS, 1995).

Compreender sobre as trocas e os apoios que ocorrem no interior das redes, é, basicamente, questionar o quê, quanto e com quem se compartilha. De acordo com Vasconcelos (2002), quase tudo que permeia nas interações pode ser entendido como troca, porém, dois grandes grupos destacam-se: ajudas em serviços e ajudas em dinheiro ou patrimônio.

Alguns exemplos de apoio consistem em: ajuda no trabalho doméstico ou outros serviços relacionados à manutenção da habitação; cuidados com crianças e idosos; dádivas múltiplas, como comida, remédios, roupas, equipamentos; móveis e automóveis; ajudas financeiras; orientação; aconselhamento; suporte emocional; entre outros (VASCONCELOS, 2002). Além das questões referentes às trocas de apoio, o estudo sobre redes também pode analisar a hierarquia e a força dos vínculos que compõem o sistema da rede como um todo.

Em relação à força dos vínculos, eles podem ser laços fracos ou fortes (GRANOVETTER, 1973). Além disso, Portugal (2011) apresenta quatro tipos de laços em relação às solidariedades. A seguir, a definição de cada um desses laços.

A *tendência ao desapego*, caracterizada por um nível fraco de ajuda prestada e recebida, em que os encontros são raros, pois há uma distância afetiva, a organização da rede de apoio é fraca e não há muita confiança nas solidariedades; o *instrumentalismo*, caracterizado pela ajuda em tarefas concretas, em que a frequência dos encontros é relativa aos serviços prestados; a *expressividade*, caracterizada pela proximidade afetiva e forte, em que há um sentimento de poder contar com os contatos em apoios concretos; e por fim, o *familismo*, caracterizada nos contatos que se encontram com frequência, em que a ajuda é intensa e mútua, além dos

indivíduos saberem que podem contar com seus contatos e que estes estão dispostos a ajudá-los quando necessário.

Queremos ponderar que os tipos de vínculo não são idênticos às classes de contatos, por exemplo, um vínculo extremamente íntimo pode se dar entre amigos e não entre familiares. Acreditamos, conforme esse exemplo de particularidade, que a unidade de análise que escolhemos, o domicílio, é, inclusive, mais vantajosa do que se tomássemos o tipo de vínculo (familiar, amizade ou vizinhança, por exemplo). Pois, por meio do mapeamento da unidade domiciliar, através de seus diferentes domicílios, retratamos os diferentes tipos de vínculos e atores que a compõem, independentemente de quais fossem eles.

1.4 Condicionantes renda e localização

Em seu estudo sobre redes sociais, segregação e pobreza, Marques (2007) evidencia que as redes podem variar de acordo com algumas dimensões básicas e que esses elementos podem influenciar na sociabilidade dos integrantes. No presente estudo, optamos por discutir duas dessas condicionantes: renda e localização.

1.4.1 Renda

Uma vez que a criação e a manutenção das relações envolvem dimensões que resultam em custos, há uma grande possibilidade de existir uma correlação entre rendimento e redes. (MARQUES, 2007).

O estudo de Llanos, Orozco e Ríos (1995), acerca das redes sociais como mecanismo de sobrevivência, destaca que indivíduos em situação de maior vulnerabilidade econômica utilizam as redes de suporte principalmente como forma de enfrentamento das situações adversas.

Também é possível destacar o trabalho de Montali (1990). Ainda que não trate precisamente sobre redes, demonstra a forma como trabalhadores da região metropolitana de São Paulo, com salários insuficientes, utilizavam estratégias de sobrevivência de suas famílias, por meio da fusão de orçamentos e convivência domiciliar.

É possível observar, em diferentes faixas de renda, um modelo dualista de apoio social:

Nas classes mais baixas, de trocas mais materiais e em serviços, segundo lógicas mais estatutárias, normativas e ritualizadas, teríamos uma solidariedade para a subsistência; nas classes mais altas e médias, com trocas

mais simbólicas e de dinamização para a mobilidade social ascendente, segundo normas mais relacionais, negociadas e relativizadas, teríamos uma solidariedade para a promoção social. (PITROU, 1978, apud, VASCONCELOS, 2002, p. 4).

As redes de grupos sociais diferentes podem estar condicionadas ao que Marques (2007) denomina de "economia dos vínculos". De acordo com essa condição, indivíduos que possuem menores recursos econômicos apresentariam maiores dificuldades em construir e também em manter vínculos em esferas sociais distintas.

Em seu estudo, Marques identificou que as redes dos indivíduos com baixo rendimento não diferem significativamente das demais em relação a tamanho e coesão. Contudo, quando se trata da diversidade da sociabilidade, é possível encontrar uma relação direta com a renda média per capita. O estudo de Cunha (2014b) reforça essa ideia, ao afirmar justamente a limitação da diversidade provocada pela migração nas redes de apoio, sobretudo, dos mais pobres.

1.4.2 Localização

A localização também é um elemento importante na interação, e é possível identificar uma relação nos conceitos de redes e de espaço. Isso ocorre porque “a localização espacial dos indivíduos e os deslocamentos que realizam definem basicamente às relações que constroem e mantêm”. (MARQUES, 2007, p. 107).

De acordo com Macías e Vázquez (2018), o conjunto de relações estabelecidas nas redes de suporte se materializa em múltiplos locais (moradia, locais de trabalho, locais de lazer, estudo etc.) e essas relações podem ser definidas por limites mais ou menos amplos. Isto é, a rede de um indivíduo pode ser concentrada em espaço bem definido, por exemplo, a vizinhança ou a cidade, ou então ser altamente dispersa, sobretudo com o uso intensivo de tecnologias.

A forma como os domicílios estão dispostos espacialmente é capaz de gerar interferência na constituição das redes. De maneira geral, a distância geográfica pode ser uma das explicações para a recorrência e a intensidade das relações, assim como a frequência de visitas, o nível de confiança e as trocas podem diminuir quando os contatos estão fora do mesmo bairro (LLANOS; OROZCO; RÍOS, 1995).

Consoante Marques (2007), a geografia representa um elemento chave na produção de “baseline homophily”, que consiste em maior predisposição de um indivíduo associar-se a pessoas de seu próprio grupo. Dessa maneira, é possível que, em alguns casos, as redes sejam marcadas por elevada presença de pessoas da mesma localização que os indivíduos de

referência. Esse processo também é conhecido como localismo (MARQUES, 2007). Objeto também abordado por Macías e Vázquez (2018):

Analisadas sob o critério da distância geográfica entre os atores, as redes adquirem diferentes configurações em função de seus movimentos entre os múltiplos espaços onde realizam sua atividade social e as posições temporárias que ocupam. Embora as redes pessoais não dependam necessariamente da distância diretamente, podem responder a outros fatores como a homofilia, a frequência das interações e a natureza e intensidade das ligações, entre outros. (MÁCIAS E VÁZQUES, 2018, p. 189, tradução nossa).

Essa realidade pode ser ainda mais intensa quando se tratar de pessoas com maior vulnerabilidade econômica. Conjecturamos que o localismo é usual, segundo o perfil populacional, por diversas razões: impedimentos à mobilidade residencial, proximidade física desejada, entre outros.

Um elemento importante a ser considerado é que a rede de apoio encontra alternativas para realização do suporte à distância, sem depender necessariamente da presença física do contato. Ainda que determinados tipos de suporte necessitem de assistência física, por exemplo, o cuidado com crianças e idosos, Wajzman (2012) aponta que no decorrer do tempo, as formas como as redes de apoio se organizam sofreram modificações, e hoje é possível alimentar fortes vínculos com familiares e amigos por meio de chamadas telefônicas e de vídeos, mensagens, e-mails, etc.

Segundo Castells (2001) as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) possuem um impacto cada vez mais frequente nas relações sociais, na obtenção de informações e no acesso a serviços públicos e culturais.

O que os recentes analistas de redes apontam é para a necessidade de uma *mudança* no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas (COSTA, 2005, p. 239).

As relações sociais online como fonte de apoio, diferem das comunidades físicas por suas fronteiras abertas e por ultrapassarem os limites geográficos. Observamos que a vida social entrelaça-se nas esferas on-line/off-line, e que as trocas comunicativas, nos dois casos, possibilitam o fortalecimento das relações.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Até o momento, esforçamo-nos para definir os conceitos de redes de suporte social, domicílio, residência, unidade doméstica, família domiciliar, etc. Antes de iniciar as discussões acerca dos resultados obtidos, é necessário especificar os procedimentos adotados. Assim, a partir desse ponto, tentaremos esclarecer as estratégias de pesquisa. Apresentaremos o universo da pesquisa, a caracterização geral do local de estudo, as razões que nos motivaram a adotar determinadas fontes de dados e, dessa maneira, definir a população e amostra a serem estudadas. Por fim, apresentaremos as técnicas utilizadas para coleta das informações e os procedimentos de análise.

Optamos por isolar os procedimentos metodológicos em um capítulo à parte, com o objetivo de detalhar essas etapas e possibilitar melhor compreensão do caminho escolhido.

2.1 Caracterização da pesquisa

No que concerne a abordagem, a pesquisa possui caracterização quali-quantitativa. Fomos impelidos a adotar formas qualitativas e quantitativas dada a natureza do objeto que pretendíamos pesquisar.

Os resultados referentes à pesquisa quantitativa estão centrados na objetividade, em que o objeto só pode ser compreendido com base na análise de dados obtidos por instrumentos padronizados, que recorrem a linguagens matemáticas para descrever causas de um fenômeno (FONSECA, 2002). Por outro lado, os resultados qualitativos estão voltados para aspectos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se em explicações acerca das relações sociais. Esse tipo de pesquisa trabalha:

[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2008, p. 21).

Uma das razões principais para adotarmos um prisma qualitativo é também prático, visto que inexistem dados em fontes secundárias sobre o comportamento de cooperação entre unidades domésticas e núcleos familiares, sobretudo, em domicílios brasileiros. Ou seja, fomos induzidos a realizar o levantamento dos dados da população por meio de uma pesquisa de campo.

Alguns dos problemas apontados em pesquisas com abordagem qualitativa são a subjetividade e o envolvimento emocional do pesquisador (FONSECA, 2002). Para sanar essas questões, é importante considerar que, mesmo inicialmente o trabalho com alguns pressupostos teóricos, precisamos estar atentos às novas dimensões que podem surgir ao longo da pesquisa (GODOY, 1995).

Realçamos que não se trata puramente de uma pesquisa qualitativa, visto que haverá utilização e interpretação de dados em fontes primárias, ainda que esse não seja o elemento central das discussões. À vista disso, ao realizar o uso conjunto das duas abordagens, é possível reunir mais informações sobre o fenômeno estudado. Ainda na visão de Minayo (2008), os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, pelo contrário, complementam-se e ampliam a realidade.

Para complementar, em relação aos objetivos, a pesquisa é definida como exploratória. De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias visam promover maior familiaridade com o problema trabalhado e contribuir na formulação de hipóteses, em que seu objetivo principal é aprimorar ideias. E finalmente, quanto aos procedimentos, como já destacado anteriormente, consiste em uma pesquisa de campo, pois além das informações bibliográficas e documentais, os dados referentes às redes de suporte social foram obtidos diretamente com a população.

2.2 Local de estudo

A finalidade do presente tópico é apresentar uma contextualização acerca do histórico e o crescimento da população e do município escolhido para realização do estudo. Lembramos que nesse momento trata-se de uma discussão geral e que as áreas específicas de levantamento dos dados, bem como a população e a mostra, serão detalhadas à frente.

A cidade de Cacoal está localizada na região leste do estado de Rondônia, a 470 km da capital, Porto Velho, na Região Norte do país (Figura 7).

Figura 7 - Localização do município de Cacoal.



Fonte: Elaboração da autora, 2020.

De acordo com Silva (2018), o processo de construção das Linhas Telegráficas, projeto que favoreceu a comunicação da Região Norte com as demais regiões do país, consiste na referência inicial para o surgimento do município de Cacoal. Esse fato, por sua vez, também está diretamente relacionado com a expansão da fronteira agrícola em função dos fluxos migratórios para o estado de Rondônia.

Ainda de acordo com Kemper (2006), até o início do século XX, a região de Cacoal era uma grande floresta ocupada principalmente por indígenas. A partir de 1909, com o início das instalações das Linhas Telegráficas, intensificou-se a chegada de garimpeiros, seringueiros e, em seguida, pessoas que se fixaram com o objetivo de ocupar o território.

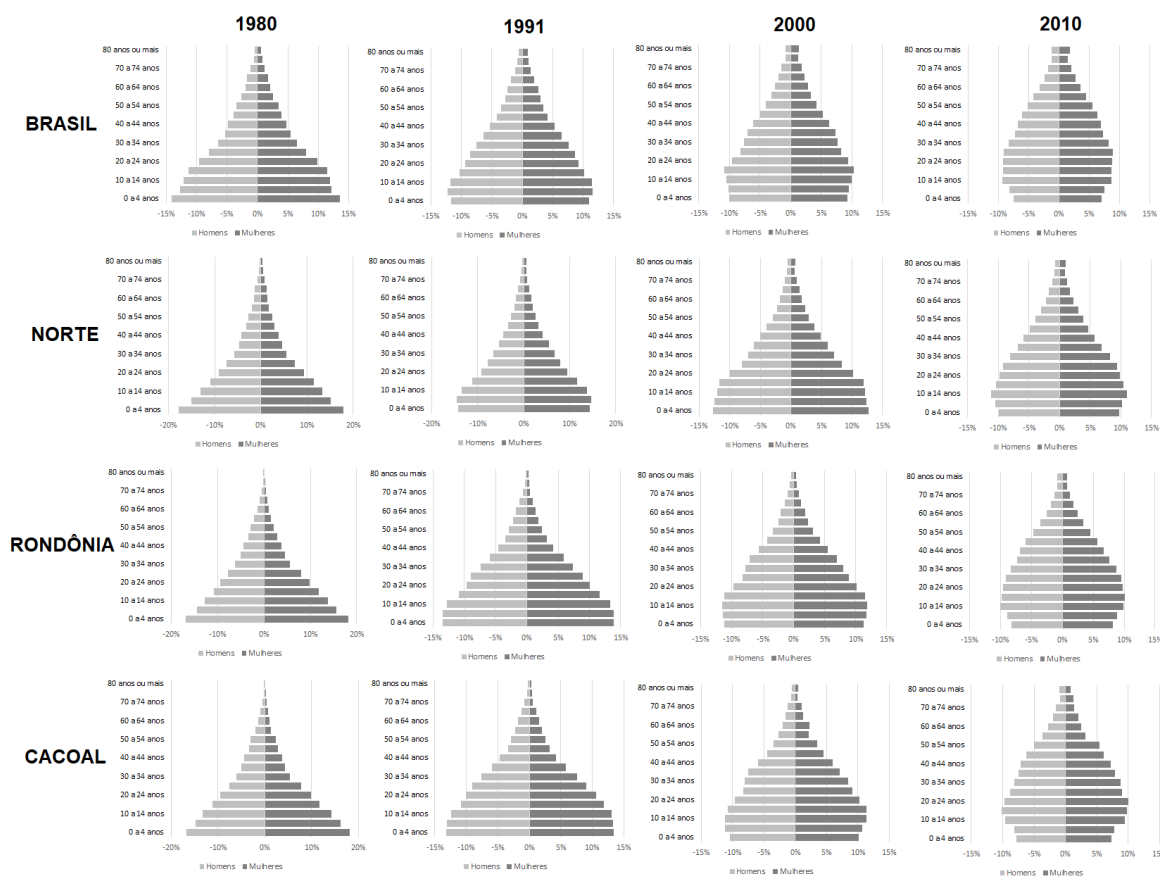
A construção da BR-364, que corta o território, teve início no ano de 1960 e atraiu ainda mais pessoas para a região. Cacoal tornou-se uma das áreas mais procuradas por agricultores devido às condições favoráveis para o cultivo de lavouras de café e cacau (ALMEIDA, 2017).

Somente em 11 de outubro de 1977, de acordo com a Lei Federal nº 6.448, foi criado oficialmente o município de Cacoal, desmembrado do município de Porto Velho (KEMPER, 2006).

Com o objetivo de caracterizar o município, apresentaremos alguns indicadores, por exemplo, estrutura etária e grau de urbanização. Destacamos que, em virtude de Cacoal só ter sido elevada a município em 1977, utilizamos os microdados dos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

O comportamento geral da estrutura etária da população cacoalense, em 1980, era semelhante ao estado de Rondônia e a grande Região Norte, com base mais alargada, que indica elevada taxa de natalidade e o topo estreito (Figura 8).

Figura 8 - Pirâmides etárias Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010.

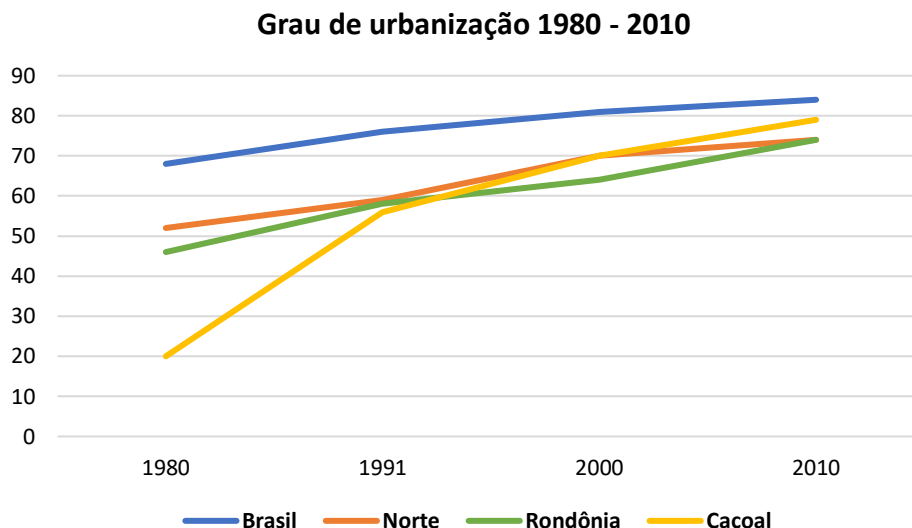


Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir dos microdados dos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

No decurso dos anos — 1991, 2000 e 2010 — podemos observar que a estrutura das pirâmides em Cacoal, e também em Rondônia, começam a apresentar diferenças em relação à Região Norte. Nesse aspecto, o município avança para uma proximidade maior com os dados do Brasil, com a redução de sua base, alargamento no corpo da pirâmide e concentração dos maiores índices entre o intervalo de 15 a 24 anos. Já no caso da Região Norte, ainda que a base tenha diminuído, os valores correspondentes à população mais jovem permanecem altos, sobretudo quando comparado aos demais recortes.

O grau de urbanização (Gráfico 1) no município, em 1980, era de 20%, ou seja, a população rural nesse período correspondia a 80%, o que pode ser explicado pelo padrão de ocupação do território, proposto pelo INCRA (SILVA, 2018). Ao longo dos anos, essa classificação alterou-se e o grau de urbanização manteve-se em crescimento com 79% em 2010.

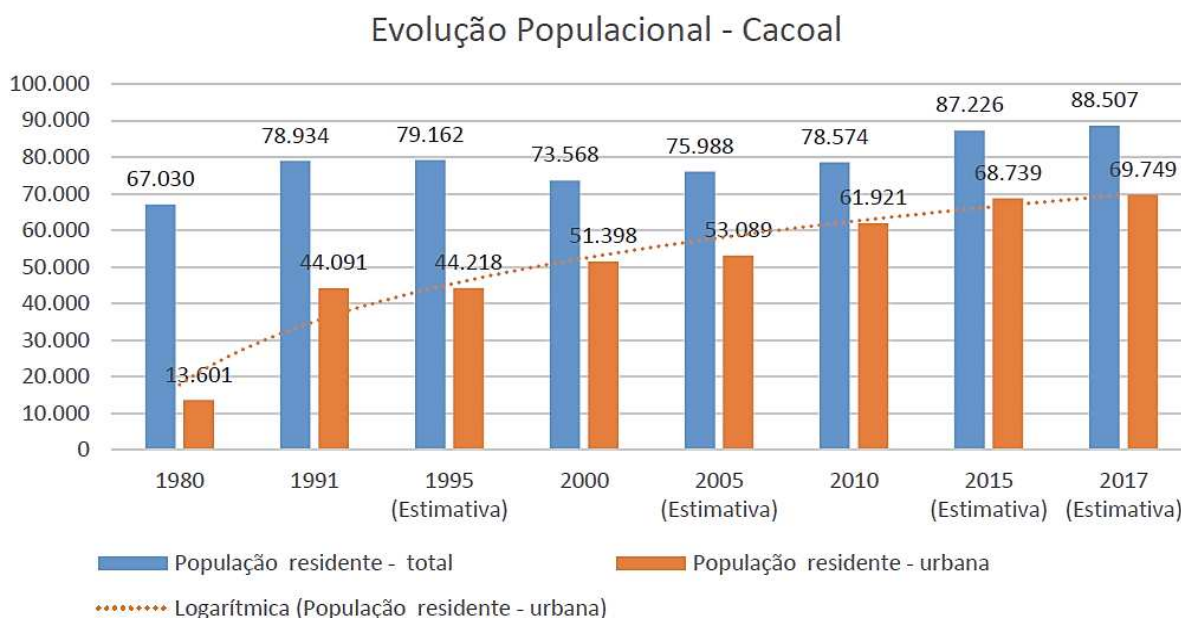
Gráfico 1 - Grau de urbanização Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010.



Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir dos microdados dos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

Por meio do processo de evolução populacional em Cacoal (Figura 9) é possível identificar que entre 1980 e 1991 houve um grande aumento da população urbana, que passou de 13.601 para 44.091 habitantes. Já entre 1995 e 2000, o município perdeu população devido à emancipação de Ministro Andreazza, que até então consistia em um distrito de Cacoal (SILVA, 2018). A partir de 2000, o crescimento manteve-se contínuo e atingiu a estimativa de 88.507 habitantes em 2017.

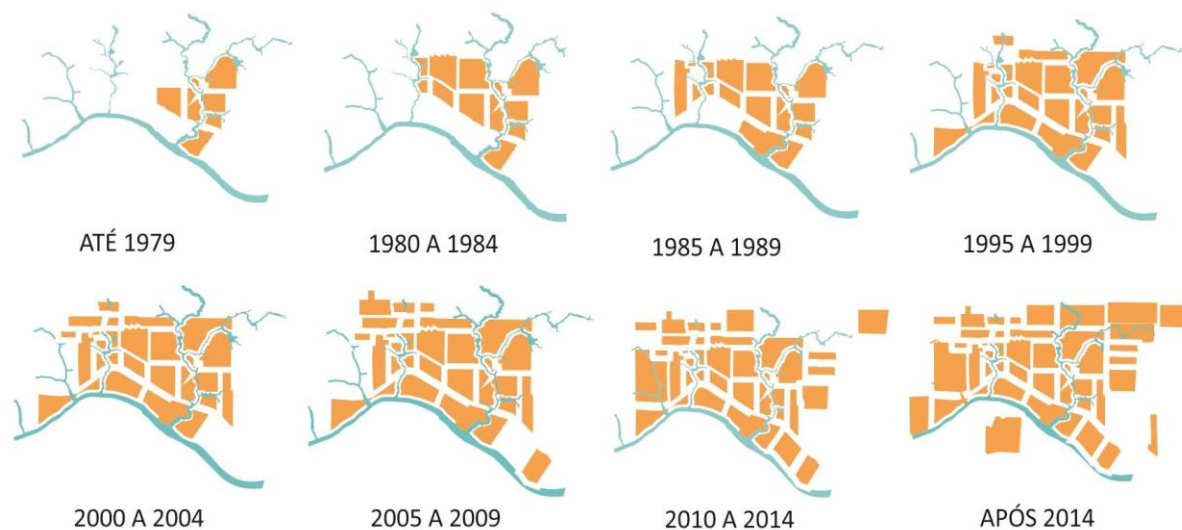
Figura 9 - Evolução populacional em Cacoal entre 1980 e 2017.



Fonte: Silva, 2018.

Com o aumento populacional, simultaneamente, podemos observar um processo ainda mais intenso de expansão territorial (Figura 10).

Figura 10 - Evolução da mancha urbana de Cacoal.



Fonte: Daniel, 2017.

De acordo com Daniel (2017), no íterim de 2010 a 2017 a malha urbana do município cresceu aproximadamente 83% com a implantação de 14 novos bairros. Esse crescimento ocorreu de forma espalhada e com baixa densidade, o que resultou em uma série de vazios urbanos ao longo da cidade. Para exemplificar temos o bairro prosperidade (Figura 11), loteamento aprovado no ano de 2014 e ainda em 2021 permanece com grande quantidade de terrenos vazios.

Figura 11 - Baixa ocupação do bairro Prosperidade em Cacoal.



Fonte: Google Earth (2021)

O processo de expansão territorial do município está relacionado a diferentes agentes. O primeiro, é o mercado imobiliário formal, a partir da implantação de diversos loteamentos nos últimos anos. Paralelo a esse crescimento formal, surgiu um elevado número de assentamentos irregulares periféricos no município, em função de incompatibilidade entre o valor da terra e o rendimento popular (SILVA, 2018). Além disso, outro agente promotor do crescimento fragmentado em Cacoal é o próprio poder público com a implementação de habitação de interesse social em áreas periféricas.

A despeito das desconexões entre o crescimento populacional e territorial no município, esse não é o foco que desejamos realizar aqui, até mesmo pela abrangência do tema. Contudo, esta sessão tem como finalidade contextualizar de modo geral o local de estudo e entendemos essas questões como parte do processo.

O Índice de Desenvolvimento Humano em 2010, para Cacoal, foi de 0,718, o que coloca o município na faixa de IDHM alto (0,700 e 0,799). Os fatores que mais contribuíram foram: longevidade = 0,821, renda = 0,727 e educação = 0,620 (ATLAS BRASIL, 2013).

A cidade possui grande relevância na região, principalmente para os municípios vizinhos. Na saúde, é destaque pelo Hospital Regional de Cacoal e pelo Hospital São Daniel Comboni, referência no tratamento oncológico. Também, Cacoal possui um forte polo universitário, com oferta de diversos cursos superiores em instituições privadas, um campus da Universidade Federal de Rondônia e uma unidade do Instituto Federal de Rondônia.

2.3 População e amostra

Na definição da população e da amostra optamos em adotar um recorte por dois estratos de renda (menores rendimentos e maiores rendimentos), a fim de ilustrar diferentes relações entre os domicílios.

Supomos que renda influencie maior dependência – ou o seu oposto, independência – dos domicílios diante de diversos constrangimentos. Ou seja, os estratos de menor renda dependem, em maior medida, de seus familiares (cuidar dos filhos, por exemplo). O contrário ocorre com estratos de maior rendimento, que podem buscar serviços disponíveis no mercado, diferentes de famílias empobrecidas.

Para identificar as regiões da cidade que se adequassem aos quesitos menores e maiores rendimentos, adotamos a base de informação do Censo Demográfico de 2010, por Setor Censitário. A partir daí, focamos apenas nos dados da área urbana do município.

No conjunto de dados por Setor Censitário, a planilha utilizada foi a de Renda dos Domicílios, especificamente as variáveis V005 a V014, as quais possibilitam a identificação do rendimento nominal mensal domiciliar per capita para cada setor da cidade. A seguir, é possível observar as classificações adotadas pelo Censo, na planilha mencionada (Quadro 2).

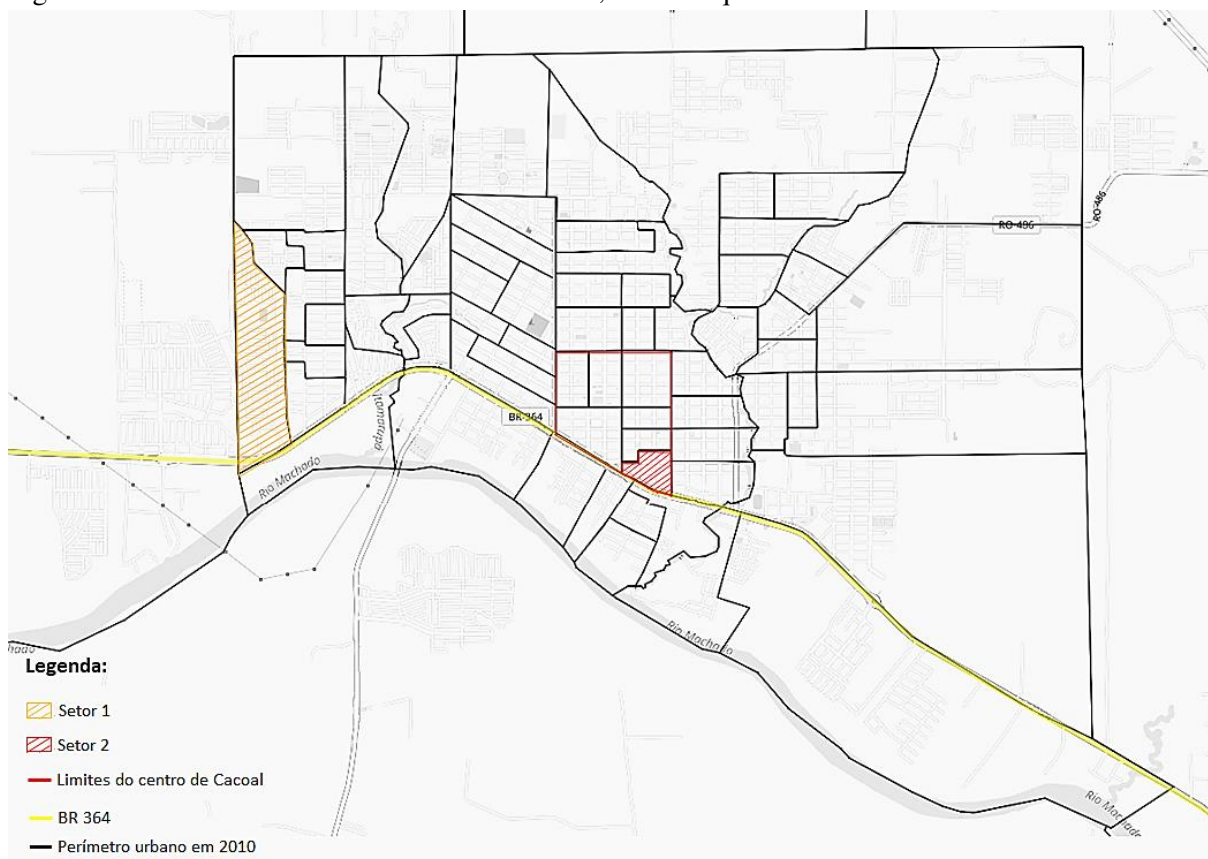
Quadro 2 - Faixas de renda dos domicílios segundo planilha de renda.

Descrição da renda	Nome da variável
Até 1/8 salário mínimo	V005
1/8 a 1/4 salário mínimo	V006
1/4 a 1/2 salário mínimo	V007
1/2 a 1 salário mínimo	V008
1 a 2 salários mínimos	V009
2 a 3 salários mínimos	V010
3 a 5 salários mínimos	V011
5 a 10 salários mínimos	V012
Acima de 10 salários mínimos	V013
Sem rendimentos	V014

Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir dos dados por Setor Censitário do Censo 2010.

A partir da planilha, foi possível identificar quais Setores Censitários apresentavam a maior proporção de domicílios que se enquadram na faixa mais baixa (1/8 salário mínimo) e mais alta (acima de 10 salários mínimos). Realçamos que, em função da viabilidade de realização da pesquisa, optamos por trabalhar apenas com o setor de maior significância para cada estrato, que resultou em duas áreas: Setor 1, com menores rendimentos, e Setor 2, com maiores rendimentos, conforme imagem a seguir (Figura 12).

Figura 12 - Setores censitários de Cacoal em 2010, em destaque às áreas selecionadas.



Fonte: Adaptação da autora, 2020, a partir de IBGE, 2010.

Finalmente, a definição da amostra foi desenvolvida com base no número de domicílios em cada um dos setores selecionados. Esse processo ocorreu a partir da aplicação da fórmula do Teorema do Limite Central (Figura 13).

Figura 13 - Fórmula do Teorema do Limite Central.

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{(N-1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}$$

Fonte: Levin, 1987.

Nesse cálculo, (n) equivale ao tamanho da amostra a definir e (N) corresponde ao tamanho do universo investigado, que nesse caso será 111 domicílios para o Setor 1 e 128 domicílios para o Setor 2. A unidade (Z) consiste no valor crítico relacionado ao nível de confiança desejado na amostra, que nesse caso é 95%, assim, o valor crítico é de 1,96. A variável (e) equivale à margem de erro da amostra, com valor 5%, e, por último, (p) corresponde

às possibilidades de resposta dos entrevistados, que podem aceitar ou não participar da pesquisa – adota-se, então, 50% (LEVIN, 1987).

Com a aplicação da fórmula para cada um dos setores, a amostra final foi de **90 domicílios** para o Setor 1 e **100 domicílios** para o Setor 2. Ainda que seja uma fração muito pequena em relação à população do município, é preciso lembrar que a pesquisa não conta com recursos humanos e físico-econômicos suficientes para a ampliação da amostra para os demais setores de Cacoal, por exemplo.

2.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Em virtude da composição e especificidade das informações demandadas pela pesquisa, os dados foram coletados em fontes primárias, visto que as informações a respeito das relações domiciliares são inexistentes em fontes secundárias.

Como evidenciado no tópico sobre as definições gerais das redes de suporte social, é possível adotar diferentes metodologias para coleta de informações. Dito isso, o método que assumimos é o de rede centrada somente no ego, visto que nesse caso os contatos mapeados referem-se apenas aos prestadores de suporte do domicílio pesquisado e não investiga todos os integrantes da rede. Apesar desse método não representar o cenário das relações como um todo, Hanneman e Riddle (2005) apontam que isso não significa que os dados não possuam valor.

Podemos saber, por exemplo, que alguns atores têm muitos amigos e parentes próximos e outros, poucos. Sabendo disso, somos capazes de entender algo sobre as diferenças nos lugares dos atores na estrutura social e fazer algumas previsões sobre como esses locais restringem seu comportamento. O que não podemos saber com dados centrados no ego com certeza é a natureza da macroestrutura ou de toda a rede. (HANNEMAN E RIDDLE, 2005, p. 10).

A captação dos dados ocorreu por meio da aplicação de questionário a um integrante da unidade com mais de 18 anos de idade, preferencialmente o responsável ou cônjuge. Nessa perspectiva, temos então o domicílio como unidade física de análise e o respondente como representante do domicílio. Uma dificuldade desse tipo de análise é que as respostas podem estar centradas na interpretação do entrevistado.

De fato, pretendíamos realizar a aplicação a todos os integrantes, de maneira a mapear com mais detalhes as relações da rede como um todo. Contudo, é preciso lembrar que se trata de uma amostra de 190 domicílios, ou seja, a inclusão de novos entrevistados em cada um

desses núcleos provocaria um crescimento exponencial no número de indivíduos a serem mapeados.

Embora as respostas do questionário estejam centradas na percepção de um entrevistado, esses foram orientados a identificar os contatos gerais importantes da unidade doméstica.

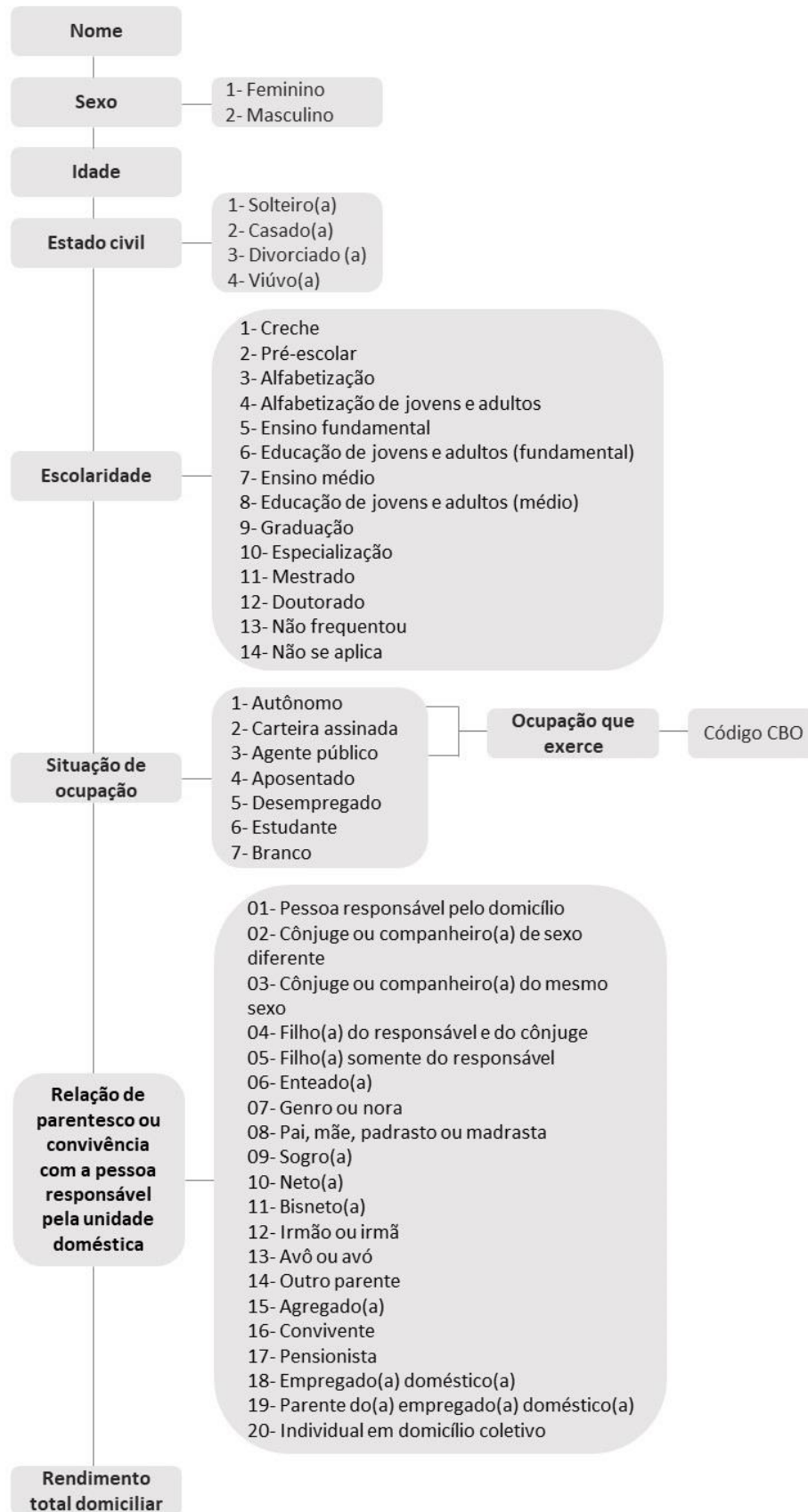
Os participantes foram voluntários e informados sobre os objetivos da pesquisa. Além disso, a coleta dos dados respeitou a confidencialidade das informações, com o propósito exclusivo de produção acadêmica.

Em relação ao questionário, anteriormente à fase de campo, tal documento foi submetido ao CEP – Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa. Após aprovado, pôde ser realizada a aplicação.

O questionário completo (Anexo A), computadorizado e impresso em folha de ofício, dispõe de questões fechadas e abertas e subdivide-se em quatro etapas.

A primeira parte utilizou como base o questionário básico do IBGE, que consiste em uma caracterização geral da unidade doméstica e dos núcleos familiares. Isso significa que, nessa etapa, além das informações do participante, foram coletados também os dados básicos dos demais integrantes do domicílio. Essa primeira etapa é composta por questões como nome, idade, estado civil, escolaridade, status empregatício etc. A composição e a execução dessa etapa podem ser observadas a seguir (Figura 14).

Figura 14 - Diagrama de aplicação do questionário - Parte 1: características gerais dos moradores e relação com o responsável pelo domicílio.

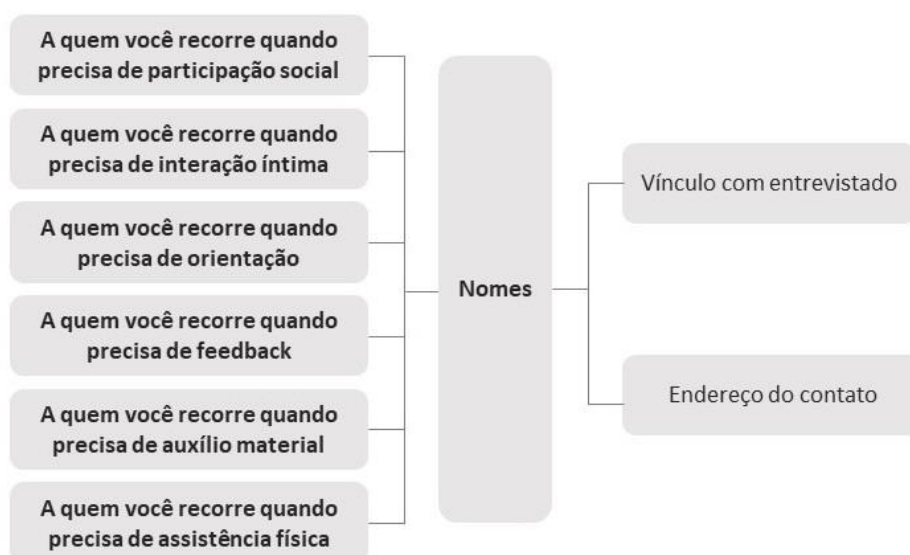


A segunda etapa consiste no mapeamento da rede de suporte social. Adotamos a técnica de *gerador de nomes*, muito usual nas análises de redes sociais, em que o entrevistado indica o nome dos indivíduos com quem estabelece relações. Para formular as questões, utilizamos as categorias de apoio social identificadas por Barrera (1980):

- Participação social: interações sociais para lazer, diversão e relaxamento;
- Interação íntima: preocupações e sentimentos pessoais são trocados;
- Orientação: informações e dicas em geral;
- Feedback: fornecer aos indivíduos informações sobre si mesmos;
- Auxílio material: ajuda material em dinheiro ou outros objetos;
- Assistência física: divisão de tarefas, cuidado com crianças ou idosos.

A terceira etapa do questionário é formada pela caracterização da rede de suporte social. Assim, a partir dos nomes anteriormente listados, solicitamos que fosse indicada a relação do contato com o entrevistado, isto é, se o contato é pai, mãe, cunhado(a), amigo(a), neto(a) etc. Nas situações em que a relação era extradomicílio, pedimos também o endereço do contato. Dessa maneira, é possível trabalhar com medidas euclidianas, com a identificação da distância entre os domicílios. Abaixo, é possível observar o funcionamento das etapas 2 e 3 (Figura 15).

Figura 15 - Diagrama de aplicação do questionário - Partes 2 e 3: mapeamento e caracterização das redes.

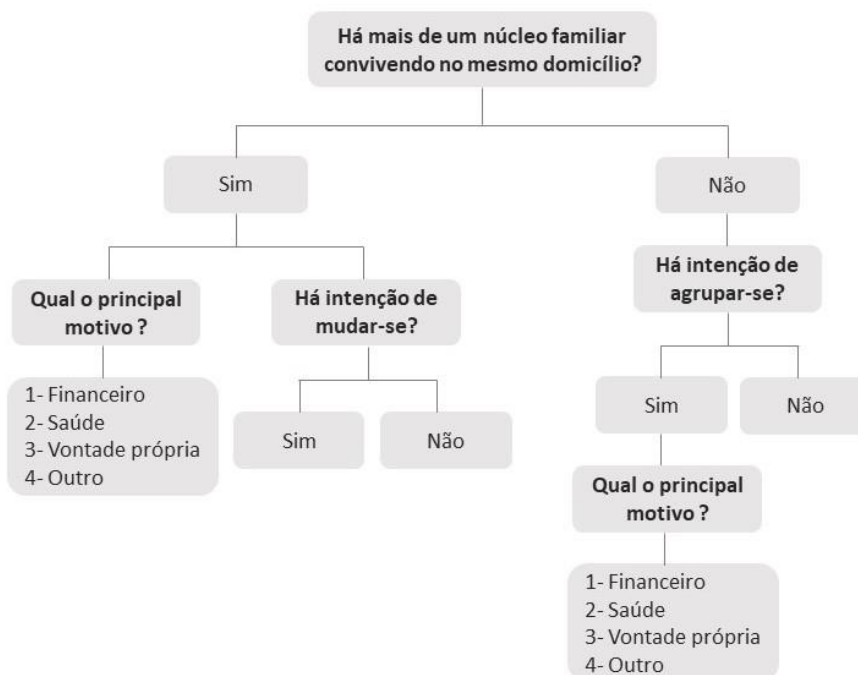


Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Por fim, a quarta etapa do questionário (Figura 16) tem como objetivo levantar fatores referentes à coabitação, a fim de identificar a presença ou não de mais de um núcleo familiar no mesmo domicílio, bem como as razões que levaram essa união e a intenção ou não de descolar-se para outro domicílio. Ademais, buscamos identificar se, em outros casos, há a

intenção de um grupo familiar agrupar-se a outro. Para elaboração dessa etapa, utilizamos alguns questionamentos abordados no Manual de Entrevista da PNAD 2007.

Figura 16 - Diagrama de aplicação do questionário - Parte 4: coabitação.



Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Após a aplicação do questionário nos dois setores de estudo, os dados foram inseridos em uma planilha base Excel, em que cada item se tornou uma variável, permitindo a construção de gráficos e tabelas para análise dos resultados.

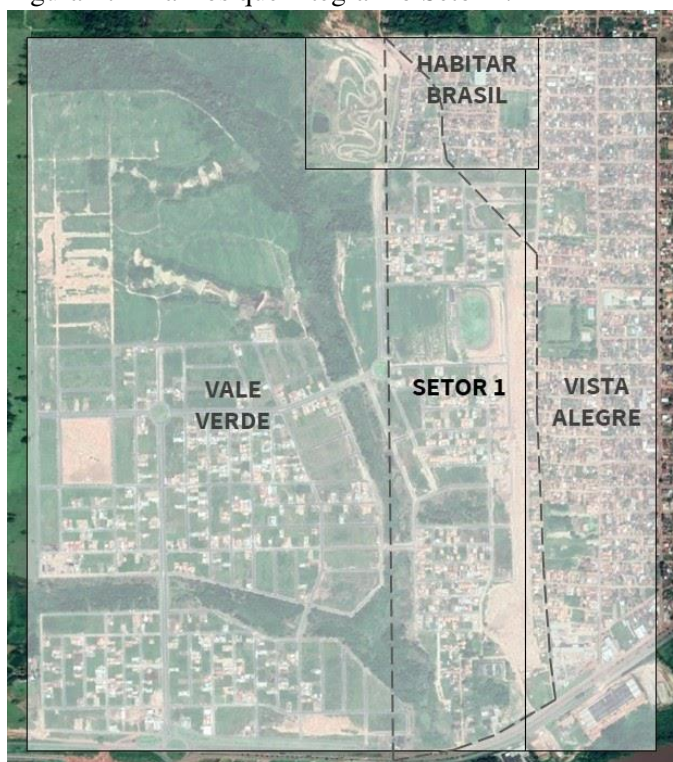
Para elaboração dos grafos das redes de suporte social, utilizamos o Gephi, software gratuito destinado à estruturação e à visualização de redes simples e complexas. Por fim, o mapeamento das redes de suporte no espaço foi desenvolvido por meio do QGIS, software livre que consiste em uma multiplataforma de informações geográficas.

CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES 1 E 2

Iniciaremos a seção de resultados a partir de uma contextualização mais detalhada acerca dos setores de estudo. Uma vez que a relação do homem com o espaço é condicionada por diferentes aspectos, assim como as pessoas recebem influência do meio em que estão inseridas, entendemos que caracterizar o lugar é esclarecer os comportamentos individuais e coletivos (MACÍAS E VÁZQUEZ, 2018).

O primeiro Setor¹ é composto por 111 domicílios. Atualmente essa área é formada pela junção de três bairros diferentes: Vale Verde, Habitar Brasil e Vista Alegre (Figura 17). Os limites dos bairros ou loteamentos não coincidem perfeitamente com os limites dos setores censitários. Nomeando-os aqui simplesmente para nos aproximarmos dos perfis demográfico e urbano-espacial dos Setores Censitários que havíamos definido, conforme os critérios de renda domiciliar, já no projeto de pesquisa.

Figura 17 - Bairros que integram o Setor 1.



Fonte: Adaptação da autora, 2020, a partir do Google Earth, 2020.

O Setor Censitário 1 é composto por habitações unifamiliares; é dizer, apenas uma unidade familiar, ou melhor, apenas uma unidade doméstica por unidade de residência ou domicílio (Figura 18).

¹ [=] código do Setor Censitário: 110004905000028

Figura 18 - Exemplo de habitações no Setor 1.



Fonte: Fotografias tiradas pela autora, 2020.

Todavia, dado o padrão de residências, o modelo de parcelamento e ocupação dos lotes, bem como pelo fato de haver apenas uma residência por lote, presumimos que as frações de arranjos domiciliares no Setor Censitário seguirão a tendência brasileira média, independentemente da renda domiciliar média do Setor Censitário, isto é, maior participação relativa dos casais com filhos e baixa porcentagem de famílias estendidas.

Nesse sentido, as redes de suporte social dos domicílios, mesmo os mais pobres, extrapolam os limites da unidade de residência e do lote simplesmente pelo fato de que as fontes de apoio não coabitam o mesmo espaço físico, nesse caso, o lote ou a residência.

No que diz respeito ao segundo Setor², trata-se de uma pequena área inserida na região central da cidade (Figura 19) e apresenta 128 domicílios captados pela planilha de renda. O centro de Cacoal é delimitado pela BR-364 e consiste na região de maior concentração de comércios, serviços, instituições financeiras etc. Ademais, essa é também a região mais valorizada em termos imobiliários da cidade.

² [=] código do Setor Censitário: 110004905000005

Figura 19 - Bairros que integram o Setor 2.



Fonte: adaptação da autora, 2020, a partir do Google Earth, 2020.

No geral, a maior parte dos domicílios identificados no Setor 2 são edificações multifamiliares, principalmente de uso misto, com comércio no térreo e parte residencial nos demais pavimentos (Figura 20).

Figura 20 - Exemplo de habitação no Setor 2.



Fonte: Fotografia tirada pela autora, 2020.

Em síntese, existem outras variedades de usos, funções e atividades no Setor 2. Outrossim, há nuances no modo como os domicílios ali se organizam. Diferente do que ocorre no Setor 1, o Setor 2 tem um número maior de edifícios residenciais multifamiliares.

Porém, afora essa singularidade, no geral, as unidades domésticas organizam-se mais ou menos da mesma forma tanto no Setor 1 quanto no Setor 2, isto é, independentemente do aspecto renda domiciliar média. Aliás, em ambos os setores aparentam que os Algarismos das Unidades de Residência e Unidades Doméstica coincidem, ou seja, uma unidade doméstica ou uma unidade familiar por domicílio.

Contanto que a dependência de redes de suporte social pluridomiciliares fosse o produto da perfeita correspondência entre arranjos domiciliares e domicílios (o que não é), então poderíamos imaginar que as redes de indivíduos e, logo, domicílios mais ricos e mais pobres pouco divergiriam. Algo para discutirmos e analisarmos com mais propriedade adiante.

De acordo com os dados por Setores Censitários em 2010, as regiões estudadas possuem ao todo 239 domicílios. Lembramos que a amostra foi composta de 190 domicílios, 90 para o Setor 1 e 100 para o Setor 2.

Ainda, o levantamento dos dados a campo ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, de acordo com o cronograma anteriormente estabelecido e as aprovações necessárias no Comitê de Ética. As visitas aos setores aconteceram em dias e horários alternados, a fim de evitar vieses de seletividade entre os entrevistados e respondentes, por exemplo, apenas donas de casa ou indivíduos de determinados grupos etários (crianças e jovens ou idosos).

Como já destacado no capítulo metodológico, seguimos alguns procedimentos para identificarmos os setores de pesquisa. A partir dessa definição e com vistas aos limites de cada uma dessas áreas, a seleção dos domicílios ocorreu de forma aleatória, sem um sorteio inicial e ao longo do percurso de cada setor.

Dado que o Setor 1 é composto por bairros predominantemente residenciais, a captação dos entrevistados ocorreu de forma mais simples. E quanto à recusa em participar da pesquisa, o quantitativo nesse setor foi pequeno: dos 90 participantes necessários para compor a amostra, apenas seis pessoas (6,67%) rejeitaram responder o questionário. O Setor 2, localizado no centro de Cacoal, apresentou desafios maiores, pois dos 100 participantes necessários, 36 pessoas (36%) recusaram responder o questionário. As razões para não participarem da pesquisa englobam: a falta de tempo e questões referentes à privacidade e à desconfiança da veracidade da pesquisa.

Um outro elemento desafiador à aplicação do questionário no Setor 2 foi que essa região é predominantemente comercial e, ainda que na fase de definição dos setores essa questão fosse conhecida, não prevíamos uma dificuldade tão grande na captação dos participantes desse local. Dito isso, durante a fase de levantamento dos dados, foi necessário ampliar o tamanho da área de coleta no centro da cidade.

Esse procedimento de ampliação ocorreu do mesmo modo apresentado na metodologia, a partir dos dados da planilha de Renda dos Domicílios. Nesse caso, selecionamos a segunda e terceira área de renda domiciliar na faixa mais alta (acima de 10 salários mínimos), visto que o Setor Censitário de renda mais elevada já havia sido selecionado. O tamanho da amostra para estratos de maior rendimento permaneceu em 100 participantes, independente da ampliação da área de coleta.

Destacamos que essa área de ampliação (Figura 21) permanece no centro da cidade e contém as características gerais do setor inicial.

Figura 21 - Ampliação do Setor de estudo 2.



Fonte: adaptação da autora, 2020, a partir do Google Earth, 2020.

Considerando que optamos por trabalhar com estratos de renda, iniciaremos as discussões a partir do levantamento sobre a renda total domiciliar em cada setor (Tabela 1). Para o Setor 1, a faixa de rendimento de um a dois salários mínimos apresenta o maior percentual. Destacamos que o intervalo de até um salário e três salários corresponde a 75,28% do total para o setor, ou seja, de fato, trata-se de uma área em que a maioria da população não auferem altos rendimentos. Isso também pode ser observado nas faixas de renda acima de dez salários, já que nenhum dos entrevistados se enquadraram nesse quesito. Ainda sobre o Setor 1, temos que a média de rendimento per capita é de aproximadamente R\$ 857,00.

Tabela 1 - Rendimento total domiciliar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Rendimento	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Até 1 salário	22,47	5,21
1 a 2 salários	31,46	8,33
2 a 3 salários	21,35	10,42
3 a 5 salários	21,35	21,88
5 a 10 salários	3,37	35,42
10 a 15 salários	0	10,42
Acima de 15 salários	0	8,33
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

No Setor 2 a faixa de renda com maior percentual (35,42%) é a de cinco a dez salários mínimos. Diferente do primeiro caso, esse setor possui poucos domicílios com renda mensal de até um salário e de um a dois salários. A média de rendimento per capita para o Setor 2 é de aproximadamente R\$ 2.900,00, mais de três vezes a renda domiciliar média do Setor 1. Além disso, enquanto no primeiro setor nenhuma das unidades possuem rendimentos acima de 10 salários mínimos, no setor 2, 10,42% dos entrevistados declararam renda total domiciliar entre 10 e 15 salários e 8,33% rendimentos acima de 15 salários.

Concluída essa caracterização geral dos dois setores e também a demonstração das diferenças de renda entre eles, iniciaremos, agora, uma etapa de descrição dos entrevistados.

3.1 Caracterização geral dos entrevistados

Lembramos que o questionário foi aplicado a um integrante de cada domicílio com mais de 18 anos. Dos 190 entrevistados nos dois setores, 120 eram mulheres (63,16%) e 70 eram homens (36,84%).

Para o Setor 1, 53,33% dos entrevistados correspondem aos autodeclarados responsáveis pelo domicílio, 44,44% constitui cônjuge e apenas 2,22% dos entrevistados, filhos. Já no Setor 2, 60% dos entrevistados representam os responsáveis pelo domicílio, 26% cônjuge, 13% filhos e 1% sogro (a). O total de responsável e cônjuge no setor 1 e no setor 2 somam 97,77% e 86%, respectivamente, e indica que a maior parte dos entrevistados possuem propriedade para retratar as principais relações de apoio do domicílio, embora, admitamos, de um modo enviesado, afinal eles respondem sobre os contatos de todos os integrantes do domicílio. É dizer, a rede de suporte social mapeada é aquela suposta pelo respondente.

Em relação à faixa etária (Tabela 2), no Setor 1, a idade dos entrevistados é um pouco mais homogênea e distribuída, principalmente nas idades iniciais. A faixa predominante é de 29 a 34 anos (18,89%) e a idade média dos entrevistados nesse setor é de 44 anos. Já para o

Setor 2, podemos observar percentuais expressivos nas idades mais avançadas, por exemplo, o intervalo de 55 até 80 anos ou mais representa 51% dos entrevistados. A idade média dos entrevistados, para esse setor, é de 52 anos. Dessarte, consideramos que há notáveis diferenças etárias entre as populações residentes nos Setores 1 e 2.

Tabela 2 - Faixa etária dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Faixa etária	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
18 a 23	3,33	5
24 a 28	13,33	5
29 a 34	18,89	6
35 a 39	10	9
40 a 44	7,78	8
45 a 49	11,11	5
50 a 54	12,22	11
55 a 59	5,56	13
60 a 64	10	9
65 a 69	4,44	12
70 a 74	1,11	8
75 a 79	1,11	5
80 ou mais	1,11	4
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A literatura sugere que as redes de suporte social são diferentemente utilizadas de acordo com a idade dos envolvidos. Em geral, idosos dependem mais delas (OCA, 1999). No entanto, não parece ser possível afirmarmos que o Setor 2 é composto principalmente por idosos, senão por indivíduos mais envelhecidos do que aqueles do Setor 1.

Acerca do estado civil dos entrevistados, nos dois setores, os maiores percentuais declararam estar casados civilmente ou em união estável; 75,56% no Setor 1 e 60% no Setor 2 (Tabela 3).

Tabela 3 - Estado civil dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Estado civil	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Solteiros	11,11	22
Casados	75,56	60
Divorciados	4,44	11
Viúvos	8,89	7
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Além disso, queremos destacar as frações de solteiros e divorciados, especialmente no Setor 2, acreditamos que elas indiquem maior proporção de domicílios unipessoais e monoparentais e, mais importante, que a preponderância dessas categorias não é o resultado, ainda, do processo de envelhecimento populacional.

No que diz respeito à escolaridade, podemos observar diferenças significativas entre um setor e outro. No Setor 1, 28,29% dos entrevistados declararam ter cursado apenas as primeiras fases de alfabetização, 24,44% possuem ensino fundamental, 22,22% ensino médio e 12,22% concluíram o ensino superior. Além disso, 6,67% afirmaram nunca terem frequentado a escola, ou então, não concluíram nem mesmo as séries iniciais (Tabela 4).

Tabela 4 - Anos de escolaridade dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Escolaridade	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Classe de alfabetização	28,89	9
Alfabetização de jovens e adultos	0	0
Ensino fundamental	24,44	14
Educação de jovens adultos (fundamental)	1,11	0
Ensino médio	22,22	30
Educação de jovens adultos (médio)	2,22	1
Graduação	12,22	28
Especialização	2,22	14
Mestrado	0	2
Doutorado	0	0
Não frequentou	6,67	2
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Como exposto acima, os entrevistados no Setor 2 apresentam um percentual bem inferior ao Setor 1 na classe de alfabetização (9%) e também no que se refere a nunca ter frequentado a escola (2%). Outras diferenças podem ser observadas na categoria de ensino superior, em que 28% possuem graduação e 16% possuem títulos de pós-graduação.

Elaborado pelo IPEA (2015), o Atlas da Vulnerabilidade Social nas Regiões Metropolitanas Brasileiras apresenta o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), e entre as esferas abordadas nesses índices, duas contemplam escolaridade: Capital Humano e Renda e Trabalho. Isso significa que a baixa escolaridade está associada à dificuldade de acesso a melhores oportunidades de trabalho, bem como acarreta ocupações com menores rendimentos.

Assim, a próxima variável analisada trata da situação de ocupação dos entrevistados (Tabela 5). No Setor 1, 51,11% trabalham como autônomos, carteira assinada (CLT) e agentes públicos. Entre as ocupações, podemos notar uma correlação com os índices mais baixos de escolaridade, visto que as ocupações mais recorrentes são de baixa qualificação profissional, como, por exemplo, pedreiro, empregada doméstica, vigilante, faxineiro etc. Além disso, 22,22% são aposentados e 26,67% estão sem ocupação. Vale lembrar que essa categoria inclui indivíduos que, por opção, escolheram não trabalhar fora de casa.

Tabela 5 - Situação de ocupação dos entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Situação de ocupação	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Autônomos	24,44	27
Carteira assinada	23,33	11
Agente público	3,33	5
Aposentado	22,22	40
Sem ocupação	26,67	15
Estudante	0	2
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

No Setor 2, o maior percentual refere-se aos aposentados (40%). Isso é explicado quando relacionado à faixa etária acima de 61 anos, índice mais alto no setor. Posteriormente, temos 43% relacionados a autônomos, carteira assinada e agentes públicos.

Vale lembrar que, em relação à situação de ocupação, principalmente em momentos de desemprego, Llanos, Orozco e Ríos (1996) apontam que as redes de suporte social permitem fortalecer as trocas entre os indivíduos como forma de enfrentar uma situação adversa temporária.

3.2 Arranjos domiciliares e caracterização da unidade doméstica

3.2.1 Arranjos domiciliares: Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal

Antes de iniciarmos as discussões a respeito dos arranjos domiciliares, devemos nos atentar que as formas de vida domiciliar se alteraram ao longo dos anos e seguem em mudança de acordo com o tempo e a cultura em que se vive, pois é um produto social em constante transformação (BILAC, 2001). Em uma análise geral, a partir de 1970, o Brasil atravessou uma série de transformações, por exemplo, o aumento da população urbana. Essas mudanças foram um efeito combinado da Primeira Transição Demográfica³, com um acelerado crescimento demográfico, resultado do declínio da mortalidade e padrões altos de fecundidade (BRITO, 2007) e da concentração espacial da população.

Outra questão importante diz respeito às reduções das taxas de fecundidade. Em 1970, a taxa de fecundidade da população brasileira era de 5,8 filhos por mulher, isto é, alta. No

³ A Primeira Transição Demográfica é caracterizada pela diminuição dos índices de mortalidade e aumento dos índices de natalidade (BRITO, 2007).

período de 1975 e 1980, ela caiu para 4,3 filhos por mulher e persistiu em queda (PATARRA, 1988). No ano de 2005, de acordo com Alves e Cavenaghi (2012), a taxa de fecundidade total da população brasileira alcançou o nível de reposição de 2,1 filhos e, por fim, em 2010, atingiu a taxa de 1,9 filhos (abaixo do nível de reposição populacional).

Além disso, combinado à queda da fecundidade, temos o aumento da expectativa de vida. De acordo com dados do IPEA (2010), em 1940, a população idosa no Brasil representava 4,1% da população total, já em 2009, passou a representar 11,4%. A parcela da população idosa, com 80 anos ou mais, também está em aumento, com alterações na composição etária do próprio conjunto de idosos (IPEA, 2010). Significa dizer que os idosos de hoje estão concentrados em faixas etárias mais avançadas do que os idosos das décadas passadas.

Outras alterações importantes tratam de questões sociais e culturais: protelação do casamento e maiores índices de coabitação, adiamento da gravidez, maior número de divórcios, postergação da saída da casa dos pais, e um ponto muito significativo é a posição relativa da mulher, que se alterou em diversos aspectos (OGDEN E HALL, 2004). As mulheres brasileiras iniciaram um processo de grande reestruturação social, com maior participação no mercado de trabalho e aumento na quantidade de domicílios chefiados por mulheres (monoparental feminino).

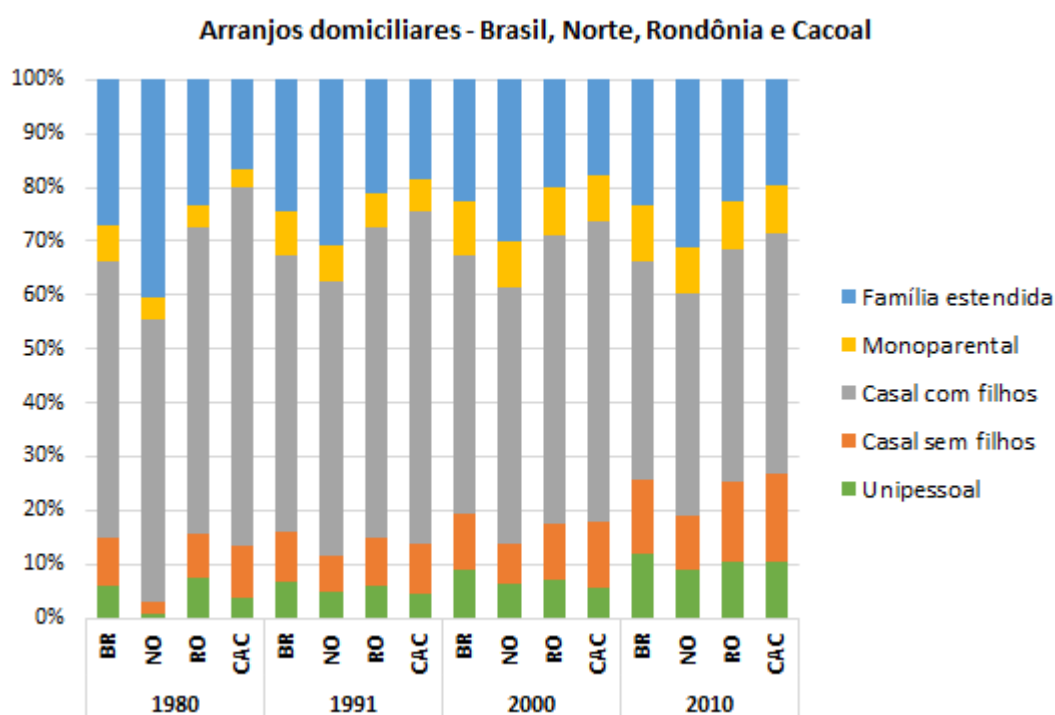
Conjuntamente a essas alterações, ou seja, reduções nas taxas de fecundidade e maior expectativa de vida, podemos observar impactos na composição dos arranjos domiciliares. De acordo com Alves e Cavenaghi (2012), as famílias estão tornando-se menores, em função da queda de fecundidade e maior número de separações. Em 1960, a composição em média era de cinco pessoas, já em 1981, passou para uma redução de 4,3 pessoas e entre 1981 e 2006 para 3,1 pessoas (LEONE; MAIA; BALTAR, 2010). Além disso, as famílias estão mais diversificadas e plurais, por exemplo, com o crescimento de domicílios multigeracionais (BENGTSON, 2001). Isso ocorre uma vez que, as mudanças no envelhecimento da população resultam em anos mais longos de vida compartilhada entre gerações.

Mesmo que todas essas modificações sejam concretas, elas não ocorrem de maneira igual no tempo e no espaço. Isso significa que a depender da região do país, dos diferentes níveis de renda, entre outros fatores, essas modificações estão situadas em fases distintas de alteração.

Posto isso, é importante avaliar a frequência dos arranjos domiciliares sob recortes díspares. Começaremos por um recorte de Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal (Gráfico 2) e, depois, prosseguiremos com a apresentação dos dados para os setores estudados. Para essas análises foram utilizadas cinco configurações de arranjos domiciliares: Unipessoal; Casal sem

filhos; Casal com filhos; Monoparental; Família estendida. Vale reforçar que entendemos essas classes como divisões práticas para o mapeamento do objeto que pretendemos estudar. Não as vemos como as composições socialmente aceitáveis, tampouco exclusivas. No entanto, ao trabalhar com dados de diferentes Censos Demográficos é necessário a compatibilização das variáveis que se alteram entre os anos de recenseamento. É certo que essas sejam as categorias mais costumeiras em diversos estudos e por esse motivo optamos em mantê-las.

Gráfico 2 - Arranjos domiciliares Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal – 1980, 1991, 2000 e 2010.



Fonte: Elaboração da autora, 2020, a partir dos Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.

A partir do gráfico, é possível identificar que, no Brasil, o arranjo domiciliar casal com filhos consiste no modelo mais comum ao longo do século XX. Contudo, esse modelo vem perdendo sua importância relativa, embora permaneça hegemônico. Ao analisarmos o recorte temporal de 1980-2010, encontramos uma diminuição próxima a 10,6%, a qual julgamos ser uma redução considerável.

Os dados referentes à Região Norte, Rondônia e Cacoal comportam-se segundo a mesma tendência de diminuição da participação relativa dos casais com filhos, ainda que a velocidade e a intensidade da redução não sejam iguais. Isto é, não nos parece ousado afirmar que, progressivamente, comportamentos afeitos à Segunda Transição Demográfica adentraram no interior do território brasileiro. Entre os recortes espaciais, o município de Cacoal é o que

apresenta maior variação. Em 1980, o arranjo casais com filhos correspondia a 66,4% e em 2010 esse percentual atingiu 44,6%, ou seja, uma diminuição de 21,8%.

O arranjo correspondente à família estendida representa a segunda posição de incidência em todas as áreas, com o maior percentual na região Norte e o menor em Cacoal. Nos quatro recortes, é possível identificar um crescimento no número de famílias estendidas entre 2000 e 2010, principalmente no estado de Rondônia e no município de Cacoal – crescimento de 2,4% e 1,8% respectivamente.

Outrossim, podemos notar um crescimento relativo a casal sem filhos – grupo que reúne tanto casal que não tiveram filhos e aqueles cujos filhos já cresceram e saíram da casa dos pais – em todas as áreas. Cabe enfatizar Cacoal, com exceção de 1991, que lidera os índices nessa categoria, e especialmente quando comparada à Região Norte. Em 1980, enquanto Cacoal apresentava 10% em casal sem filhos, a Região Norte apresentava 2,2%.

Essa diferenciação entre o município e sua grande região pode ser resultado de comportamentos “importados”, em função do processo de ocupação da cidade por pessoas vindas de outros estados, sobretudo a partir de 1960. Assim como na categoria família estendida, entre 2000 e 2010, o arranjo casal sem filhos, em Rondônia e em Cacoal, apresentaram os maiores percentuais de crescimento.

No que diz respeito ao arranjo monoparental, em 1980, Cacoal apresentava o menor percentual (3,4%), e o Brasil, o maior (6,7%). Em todo recorte, o arranjo manteve-se em crescimento, com o Brasil na liderança, visto que atingiu um percentual de 10,5% em 2010.

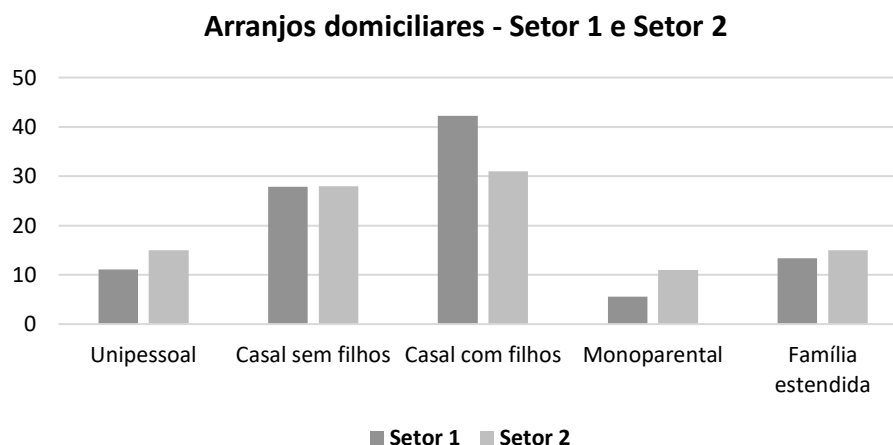
Por último, o arranjo corresponde ao unipessoal e assim como apontado anteriormente, é possível notar uma diferenciação entre Cacoal, Rondônia e Região Norte. Em 1980, enquanto Cacoal apresentava 3,6% e Rondônia 7,4%, a Região Norte tinha apenas 0,9% dos seus arranjos como unipessoal. Ao longo dos últimos censos, o percentual de pessoas morando sozinhas tem aumentado em todo recorte: o Brasil lidera os índices (12%), seguido por Rondônia (10,6%), Cacoal (10,4%) e Região Norte (9%).

3.2.2 Arranjos domiciliares: Setor 1 e Setor 2

Antes de iniciarmos com os dados sobre as redes de suporte no local de estudo, é relevante conhecer os arranjos domiciliares das unidades captadas no Setor 1 e 2 (Gráfico 3). Lembramos que se trata dos resultados adquiridos a partir dos dados da pesquisa de campo, ou seja, um recorte temporal de 2020, por meio da descrição das unidades. Optamos por manter as

classes utilizadas anteriormente – unipessoal, casal sem filhos, casal com filhos, monoparental e família estendida – caso fosse necessário a comparação das informações.

Gráfico 3 - Arranjos domiciliares, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A partir do gráfico, conseguimos identificar que o arranjo casal com filhos, bem como nas grandes regiões detalhadas anteriormente, lidera o índice nos dois setores, com 42,2% no Setor 1 e 31% no Setor 2. Em relação a casal sem filhos, ainda que o estado de Rondônia e a cidade de Cacoal apresentem aumento nessa categoria, principalmente entre 2000 e 2010, os setores censitários estudados possuem altos índices nesse quesito, 27,8% no Setor 1 e 28% no Setor 2.

No caso do setor 1, esse resultado pode estar ligado à fase inicial do ciclo de vida familiar, também chamado por Cerveny e Berthoud (1997) de fase de aquisição, já que ao retomar a faixa etária dos entrevistados, o maior percentual para o setor é de indivíduos com idade entre 29 e 34 anos. De acordo com Cunha, Silva e Rosado (2020) além do fator idade, outros processos podem justificar a fase inicial do ciclo de vida, por exemplo, a protelação do casamento, recasamento e adiamento na concepção dos filhos.

Em contrapartida, no setor 2 há resultados expressivos no que se refere à quantidade de indivíduos acima de 50 anos, com mais de 50%. Dessa forma, é possível que os arranjos sofram influência da estrutura etária da população. Ou seja, esses valores correspondem, na sua maioria, à definição de casal sem filhos, relativo ao denominado “ninho vazio”, em que os filhos não habitam mais a casa dos pais. Essa situação confirma-se a partir da composição das redes de suporte social do Setor 2, com forte presença de filhos e netos. Elementos que serão detalhados no tópico sobre redes.

Para completar as categorias, temos o arranjo família estendida. A família estendida é aquela que se estende além do núcleo do casal ou casal com filhos, formada também por parentes próximos. Nesse caso, incluímos, ainda, no arranjo família estendida unidades formadas por indivíduos sem relação de parentesco. Assim, o percentual é de 13,3% no setor 1 e 15% no setor 2.

O arranjo unipessoal, corresponde a 11,1% no Setor 1 e 15% no Setor 2 e; finalmente, os dados referentes ao arranjo monoparental, que representa 5,4% no Setor 1 e 11% no Setor 2.

3.2.3 Caracterização geral dos moradores

No que se refere à caracterização geral dos moradores, totalizam-se 550, compreendendo 268 no Setor 1 e 282 no Setor 2. A média geral de pessoas por domicílio em cada setor é de 2,98 pessoas no Setor 1 e 2,82 no Setor 2. A seguir, apresentamos também essa distribuição por arranjo domiciliar (Tabela 6).

Tabela 6 - Média de pessoas por domicílio, de acordo com arranjo domiciliar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Arranjo	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Unipessoal	1	1
Casal sem filhos	2	2
Casal com filhos	3,73	3,8
Monoparental	2,8	2,36
Família estendida	4,33	4,4

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

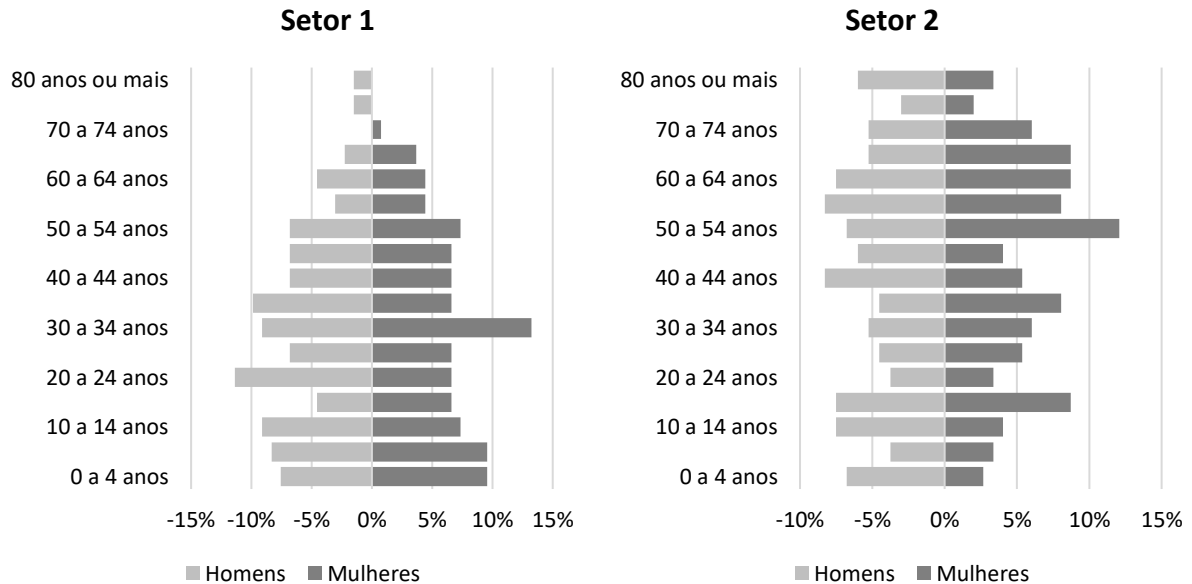
Optamos por apresentar a média de integrantes dos domicílios unipessoais e casais sem filhos, embora ela lhes sejam intrínsecas e óbvias. Porém, notamos que a média para o setor de menor rendimento (1) e o setor de maior rendimento (2), em relação aos arranjos casais com filhos, monoparentais e famílias estendidas, estão bem próximas, tanto nos valores gerais como por tipo de arranjo. Esse dado desmistifica o senso comum de que os núcleos familiares e mesmo as famílias domiciliares mais pobres são igualmente mais numerosas. Nesse sentido, parece que a fecundidade ecoou no número de integrantes independentemente da renda dos domicílios.

Dos 268 moradores do Setor 1, que compõem a amostra de domicílios, 50,75% são do sexo feminino e 49,25% do sexo masculino. Para o Setor 2, do total de 282 moradores, 52,84% são do sexo feminino e 47,16% masculino.

Em relação à faixa etária dos moradores (Figura 22), podemos identificar algumas semelhanças com os resultados referentes aos entrevistados. Enquanto o Setor 1 possui 66,42%

dos seus integrantes com idades até 39 anos, o Setor 2 concentra seus percentuais principalmente na faixa acima de 50 anos. Além disso, em relação às faixas mais avançadas, acima de 70 anos, por exemplo, o Setor 2 também apresenta um número maior de moradores.

Figura 22 - Pirâmides etárias, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

O percentual de famílias estendidas (15%) e o número de integrantes por família estendida (4,4) no Setor 2 é superior ao Setor 1 como vimos anteriormente. Ao incluir as informações sobre a faixa etária dos moradores, é possível que o envelhecimento populacional do Setor 2 justifique essa maior proporção de famílias estendidas, assim como pode indicar maior proporção de domicílios multigeracionais.

A seguir temos os dados referentes a escolaridade dos moradores (Tabela 7).

Tabela 7 - Anos de escolaridade dos moradores, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Escolaridade	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Creche	0,37	0,71
Pré-escola	2,99	2,13
Classe de alfabetização	19,03	9,22
Alfabetização de jovens adultos	0,37	0
Ensino fundamental	31,72	20,21
Educação de jovens adultos (fundamental)	0,37	0
Ensino médio	26,87	28,72
Educação de jovens adultos (médio)	0,75	0,35
Graduação	5,60	27,30
Especialização	1,12	6,03
Mestrado	0	0,71
Doutorado	0	0
Não frequentou	4,10	1,77
Não se aplica	6,72	2,84
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

De acordo com a Tabela 7, 31,72% dos moradores do Setor 1 possuem ou estão cursando o ensino fundamental, 26,87% o ensino médio e 19,03% a classe de alfabetização. Da mesma maneira como no perfil dos entrevistados, esse setor apresenta percentuais baixos referentes ao nível superior e pós-graduação. Já no Setor 2, os percentuais mais altos são referentes a ensino médio (28,72%) e graduação (27,30%). Destacamos que a categoria “não se aplica” refere-se às crianças que ainda não frequentam creche ou escola.

Para completar a etapa de caracterização geral, a situação de ocupação dos moradores é discriminada a seguir (Tabela 8). Nesse caso, os dados correspondem aos moradores com idade acima de 15 anos.

Tabela 8 - Situação de ocupação dos moradores acima de 15 anos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Situação de ocupação	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Autônomos	20,10	25,51
Carteira assinada	33,67	17,70
Agente público	1,51	4,12
Aposentado	15,58	30,04
Sem ocupação	23,62	13,99
Estudante	5,53	8,64
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

No Setor 1, cerca de 55,28% dos moradores estão com situação de ocupação como autônomos, carteira assinada e agente público. Em seguida, os dados referentes a moradores sem ocupação (23,62%) aposentados (15,58%) e estudantes (5,53%). No setor 2, o maior

percentual está em aposentados, com total de 30,04%. Os moradores autônomos, com carteira assinada e agente público totalizam 47,33%. E por fim, o percentual de moradores sem ocupação nesse setor é menor, com total de 13,99%.

Sobre a caracterização geral dos moradores, é possível identificar proximidade com as informações apresentadas no tópico anterior sobre os respondentes da pesquisa, principalmente em relação a faixa etária e escolaridade. Está claro que o Setor 1 é composto por uma população mais jovem enquanto o Setor 2 uma população mais envelhecida. Além disso, há diferenças nos anos de escolaridade, com maiores índices no Setor 2.

A despeito dessas diferenças, existem similaridades entre os setores, por exemplo, a distribuição dos arranjos domiciliares e a média de pessoas por domicílio.

Finalizado esse processo de caracterização das unidades domésticas, iniciaremos agora as análises específicas sobre as redes de suporte nos setores e suas variáveis.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS REDES DE SUPORTE SOCIAL

Vale lembrar que a pesquisa supõe que as unidades domésticas dependem de outros grupos domésticos externos à residência e, por isso, essas unidades podem caracterizar-se mais amplas do que um único domicílio. Trata-se de captar o grupo familiar e não familiar – já que mapeamos todas as classes de provedores de ajuda e não exclusivamente as relações familiares – externas à residência. Como dissemos, supomos que as redes de suporte diferem segundo forma e conteúdo de acordo com as características individuais e coletivas dos requerentes (renda, idade, escolaridade etc.).

Diante disso, buscamos na análise de redes, uma ferramenta oportuna na mensuração do tamanho e dos bens compartilhados, tipos de relacionamento e o nível de localismo dessas unidades.

É necessário atentarmos que a representação dessas redes possui um recorte espacial/temporal definido. Contudo, as redes não são estáticas, estão sempre em mudança e evolução no tempo com o fortalecimento ou enfraquecimento de contatos e a criação de novas ligações. Além disso, o que detalharemos acerca das redes de suporte social dos setores analisados é apenas um fragmento de uma rede maior, visto que seus integrantes podem estar em contato com outras redes distintas.

Nesta pesquisa, fizemos o mapeamento segundo alguns tipos específicos de auxílios e, assim, deixamos outros fora do espectro. O mapeamento das redes ocorreu por meio da identificação dos indivíduos que fornecem especificamente formas de apoio aos entrevistados

e/ou aos demais integrantes do domicílio, a partir de categorias de apoio já detalhadas na metodologia.

4.1 Tamanho

Quando falamos em dimensão/tamanho, temos de maneira direta a extensão das redes. Aqui, esse dado é formado pelo número de contatos ou número de nós que compõem a rede como um todo, excluindo o ego (entrevistado). O tamanho das redes está relacionado com o contexto definido, principalmente considerando os diversos dispositivos de informação que temos hoje, em que é possível comunicar e identificar contatos quase instantaneamente, trata-se do que Molina et al. (2008) apontam como contatos ativos, ou seja, a identificação de pessoas com quem há reconhecimento e acessibilidade mútuos. Outra questão, destacada por Marques e Bichir (2011), é que as redes egocentradas tendem a ser muito inferiores que as redes totais em função do próprio método de coleta das informações.

A tabela a seguir (Tabela 9) apresenta de modo geral a quantidade de contatos que integram as redes dos Setores 1 e 2. Consideramos todos os nomes listados no questionário apenas uma vez, independente da frequência em que foram mencionados.

Tabela 9 - Tamanho das redes de suporte social, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Nº de contatos	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
1 a 3 contatos	0	5
4 a 6 contatos	17,78	28
7 a 9 contatos	41,11	48
10 a 12 contatos	32,12	14
13 a 15 contatos	5,56	3
Acima de 15 contatos	3,33	2
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Podemos observar que no recorte apenas por renda, o Setor 1 e o Setor 2 apresentam o maior percentual de redes formadas entre 7 a 9 contatos. No entanto, enquanto para o Setor 1 o segundo maior percentual é de 32,12% para o intervalo de 10 a 12 contatos, no Setor 2 é de 28% para o intervalo de 4 a 6 contatos. No primeiro setor, não há redes compostas por 1 a 3 contatos; já no segundo setor, essa classe equivale a 5%. Além disso, acerca das redes compostas por grande quantidade de contatos, por exemplo, acima de 13, o Setor 1 tem um total de 8,89% e o Setor 2 um total de 5%.

Em uma análise mais descritiva dos resultados, temos que o Setor 1 possui uma média de 9,13 contatos (4 mín. e 19 máx.), variância de 8,71 e desvio padrão de 2,95. No Setor 2, apresenta uma média de 7,92 contatos (1 mín. e 20 máx.), variância de 8,72 e desvio padrão de 2,95. Em comparação com a média, o Setor 1, apresenta 58,89% das redes com tamanho abaixo de 9,13 e 45,56% acima. No caso do Setor 2, 52% das redes estão com tamanho abaixo da média de 7,92 e 48% acima.

Gostaríamos de recordar o resultado de integrantes por arranjos domiciliares relativo à renda. Isto é, o arranjo casais com filhos do primeiro setor era, inclusive, menor do que aquele do segundo setor. Nesse sentido, boa parte dos contatos dos mais empobrecidos está fora dos limites da unidade de habitação. Imaginamos, da mesma maneira, que a redução do número de membros do núcleo familiar e da família domiciliar aliada à condição socioeconômica desfavorável impele que a rede de apoio dos mais pobres seja maior e interdomiciliar, ou seja, configurando unidades domésticas entre diferentes domicílios, o que pode soar como um paradoxo.

Imaginamos ainda que o tamanho das redes de suporte social entre as famílias estendidas e demais arranjos podem apresentar variações. Assim consideramos, pois, nesse caso, parte dos provedores de ajuda coabitam, enquanto nos demais arranjos, eles residem em outros domicílios, aproximando-se de uma configuração pluridomiciliar. Dessa maneira, analisaremos o número de contatos das redes entre famílias estendidas e demais arranjos.

As famílias estendidas do Setor 1 têm média de 8,6 contatos (4 mín. e 14 máx.), variância de 11,38 e desvio padrão de 3,37. Nesse mesmo setor, os demais arranjos apresentam média de 9,2 contatos (4 mín. e 19 máx.), variância de 8,26 e desvio padrão de 2,87. Nesse caso, o tamanho das redes dos demais arranjos é mais uniforme, já que o valor da variância e do desvio padrão estão mais próximos em relação à média. Por outro lado, o tamanho das redes das famílias estendidas é mais disperso, visto que o valor da variância e do desvio padrão estão mais distantes em relação à média. Ao ponderar o conjunto dos dados acerca das famílias estendidas desse setor, temos 50% de redes com tamanho abaixo da média e 50% de redes com tamanho acima da média.

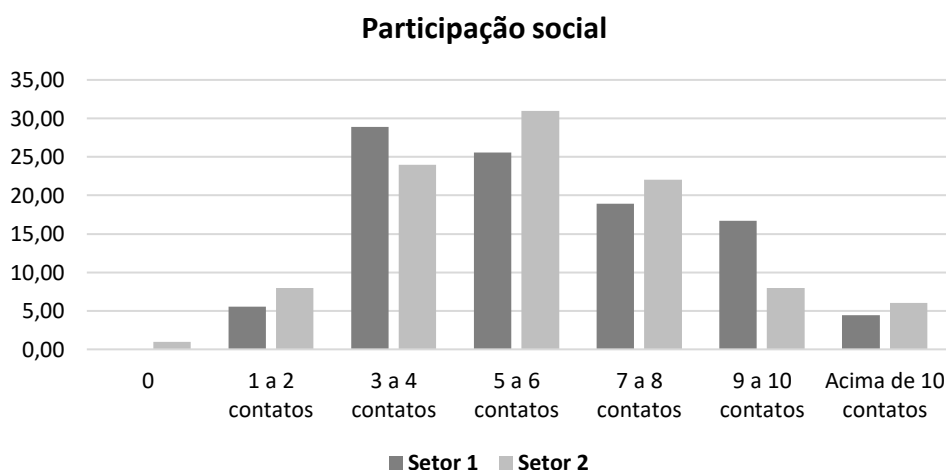
Com relação ao Setor 2, as famílias estendidas têm média de 8,6 contatos (6 mín. e 15 máx.), variância de 5,57 e desvio padrão de 2,36. Já os demais arranjos possuem média de 7,5 contatos (1 mín. e 20 máx.), variância de 9,06 e desvio padrão de 3,01. Nesse quadro, diferente do Setor 1, o número de contatos para família estendida no Setor 2 é mais uniforme, dado que o valor da variância e do desvio padrão estão mais próximos em relação à média.

Ao analisarmos apenas a quantidade total de contatos que compõem as redes, até o momento, as famílias estendidas não demonstram possuir menos contatos que os demais arranjos. Da mesma maneira, a clivagem entre maior e menor rendimento também não evidenciou resultados expressivos nesse sentido. Contudo, esses são dados preliminares e estão relacionados apenas ao tamanho geral. Para compreendermos melhor o funcionamento dessas redes, é necessário a análise de outros fatores, por exemplo, a distribuição dos contatos nas diferentes categorias de suporte ou mapeamento da localização desses contatos.

Para complementar, Marques (2007) destaca que há uma tendência em acreditar que redes maiores podem vincular maior quantidade de bens ao indivíduo, no entanto, apenas o tamanho isoladamente, não guarda muitas informações, principalmente porque esses contatos podem estar concentrados somente em alguns tipos específicos de apoio em detrimento de outros.

Nesse contexto, detalharemos a quantidade de contatos por tipo de apoio em cada setor. Iniciaremos essa análise pela categoria de apoio participação social (Gráfico 4), que consiste nos contatos a quem os indivíduos recorrem quando querem se divertir, fazer um churrasco, sair para beber, assistir a um filme, ou seja, atividades ligadas ao lazer em geral.

Gráfico 4 - Distribuição dos domicílios na categoria participação social, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



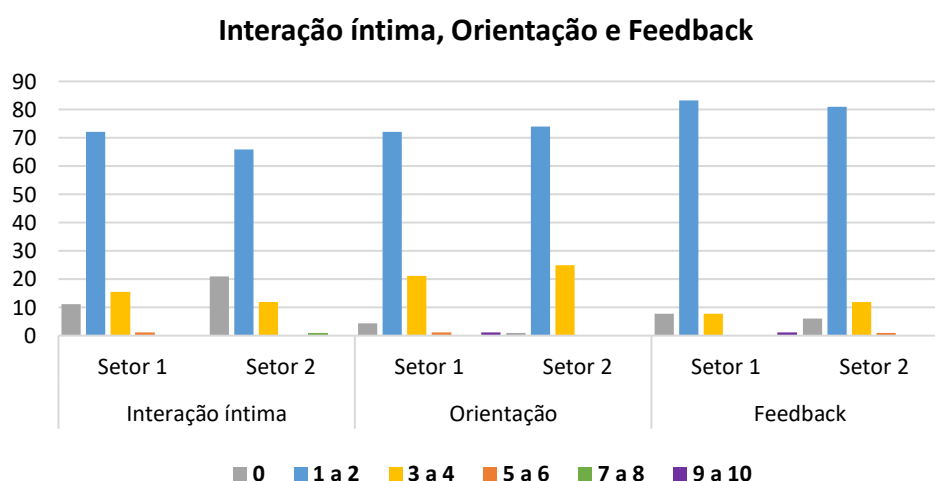
Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Esse é o tipo de apoio que nos dois setores apresenta a maior quantidade de contatos, por exemplo, redes compostas por mais de 10 contatos nessa categoria. No Setor 1, o maior percentual está no intervalo de 3 a 4 contatos (28,89%), seguido pelo intervalo de 5 a 6 contatos (25,56%), a média é de 6,02 contatos (1 mín. e 13 máx.), variância de 6,69 e desvio padrão de 2,59. No Setor 2 temos o inverso, o maior percentual está no intervalo de 5 a 6 contatos (31%),

seguido pelo intervalo de 3 a 4 (24%), a média é de 5,88 contatos (0 mín. e 17 máx.), variância de 7,93 e desvio padrão de 2,82.

Em função dos resultados semelhantes e para facilitar a análise dos dados, optamos por unir as categorias interação íntima, orientação e feedback. Diferente das relações de lazer, essas categorias são mais heterogêneas e concentram seus percentuais no intervalo de 1 a 2 contatos (Gráfico 5). Nesse caso, a quantidade menor de contatos pode ser justificada pela dificuldade dos entrevistados em identificar apoios mais íntimos e responder pela unidade como um todo.

Gráfico 5 - Distribuição dos domicílios nas categorias interação íntima, orientação e feedback, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Acerca do apoio interação íntima, que está ligado a quem os indivíduos recorrem quando precisam desabafar ou trocar alguma confiança, temos que no Setor 1, 72,22%, e no Setor 2, 66% dos entrevistados recorrem a esse tipo de apoio a 1 ou 2 contatos. Sendo a média de contatos para o Setor 1 de 1,47 (0 mín. e 6 máx.) e para o Setor 2 de 1,3 (0 mín. e 8 máx.). Outra questão presente nessa categoria, que também será observado nas seguintes, é a presença de nenhum contato. Dos 190 entrevistados, 11,11% no Setor 1 e 21% no Setor 2, declararam não recorrer a ninguém para esse tipo de suporte. Ou seja, até o momento os dados nos levam a crer que as redes dos mais carentes são maiores, bem como eles são mais dependentes delas.

Os dados referentes à categoria de orientação, ou seja, a quem os indivíduos recorrem quando necessitam de algum tipo de dica/informação sobre assuntos em gerais (dicas de emprego ou recomendações) também concentram seus percentuais no intervalo de 1 a 2 contatos. Em comparação à categoria de interação íntima, orientação apresenta índices menores no que se refere a nenhum contato. Apenas 4,44% no Setor 1 e 1% no Setor 2. Por meio dos dados descritivos, temos que a média do Setor 1 é de 1,87 (0 mín. e 10 máx.), variância de 1,96

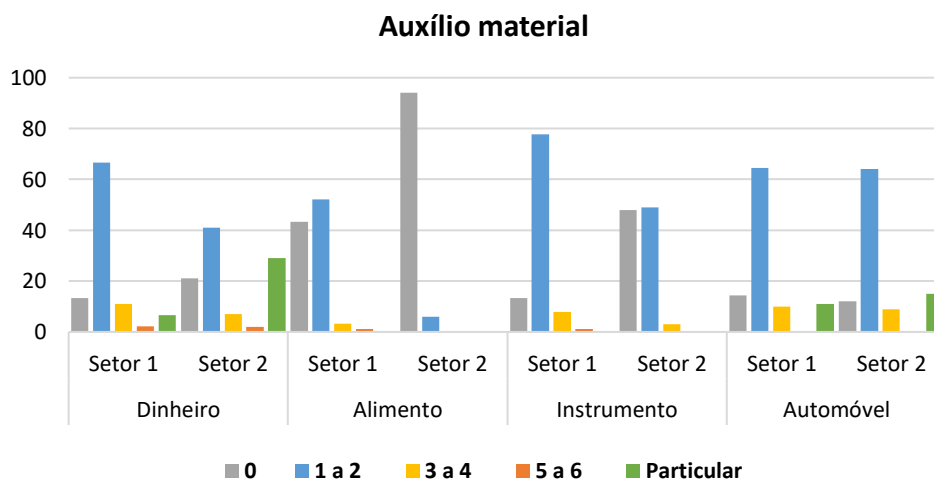
e desvio padrão de 1,4. No Setor 2 a média é 1,9 (0 mín. e 4 máx.), variância de 0,89 e desvio padrão de 0,94. No caso do Setor 1, é possível identificar um aumento no desvio padrão em relação ao Setor 2. Isso ocorre, porque diferente da maior parte dos casos, dois domicílios possuem 6 e 10 contatos nessa categoria. Trata-se de arranjos casais sem filhos, idosos, que recorrem esse suporte principalmente entre os filhos.

Outro ponto de destaque nessa categoria é que muitos entrevistados declararam buscar esse tipo de informação através da internet, por exemplo, em motores de pesquisas, e não citaram contatos específicos.

Por fim, o apoio referente ao feedback, que busca identificar a quem os indivíduos recorrem quando necessitam de uma crítica sobre eles mesmos, temos mais de 80% dos entrevistados nos dois setores que recorrem a esse tipo de apoio em 1 ou 2 contatos. Assim como nos casos anteriores a média dos setores permanece dentro do esperado, nesse caso 1,43 para ambos os setores.

Para completar as seis categorias utilizadas na elaboração do questionário, faltam os apoios referentes ao *auxílio material* e à *assistência física*. Os suportes ligados ao auxílio material (Gráfico 6) foram divididos em quatro grupos com base no trabalho de Cunha (2014b). Aproveitamos para esclarecer que nessa categoria incluímos a legenda “particular”, destinada aos indivíduos que recorrem a serviços particulares e não a um contato conhecido, por exemplo, dinheiro (bancos ou instituições financeiras), automóvel (táxi, serviço de transporte por aplicativo) etc.

Gráfico 6 - Distribuição dos domicílios na categoria Auxílio material, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Como demonstrado no gráfico, em geral, o intervalo de 1 a 2 contatos ainda permanece predominante. Mas ao atentarmos para a categoria dinheiro, podemos notar que no Setor 2, 21% dos entrevistados não recorrem a esse tipo de ajuda e 28% recorrem a instituições financeiras. No Setor 1, esses valores são de 13,33% e apenas 7,78%, respectivamente.

A categoria referente a alimento é a que apresenta maior disparidade, ligada a quem os indivíduos buscam no dia a dia quando precisam de um mantimento emprestado ou algum medicamento. No Setor 1, 43,33% dos entrevistados não recorrem a esse tipo de suporte, e no Setor 2, esse valor atinge 94%. Porém, podemos constatar que o Setor 1, ou seja, os entrevistados de menor rendimento, ainda utilizam esse tipo de recurso, visto que aproximadamente 52,22% dos entrevistados buscam esse apoio em 1 ou 2 contatos, enquanto no Setor 2, esse mesmo intervalo representa apenas 6%.

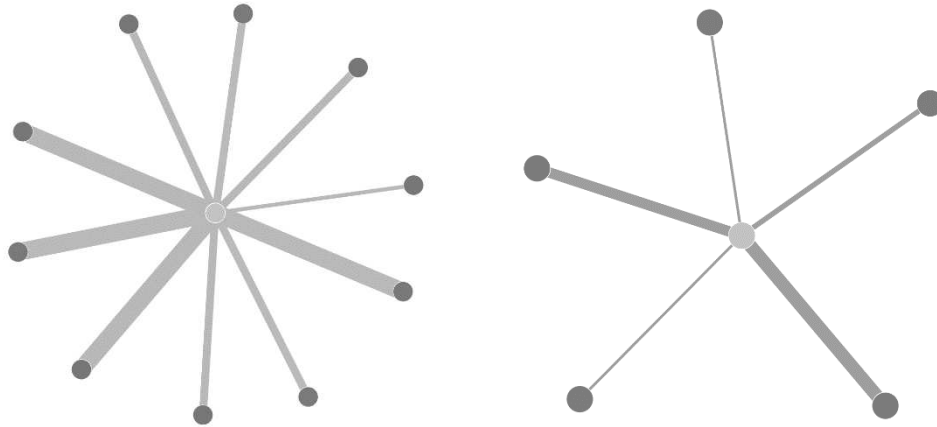
Com relação à troca de equipamentos (ferramentas, churrasqueira, cadeiras etc.), os entrevistados declaram ser uma prática mais comum, principalmente no Setor 1, com 77,78% dos entrevistados recorrendo a esse suporte a 1 ou 2 contatos. No Setor 2, esses valores estão mais divididos, dado que 48% não recorrem e 49% recorrem a 1 ou 2 contatos.

Por fim, a categoria automóvel é a que apresenta os índices maiores de suporte a 1 ou 2 contatos nos dois setores, 64,44% para o Setor 1 e 64% para o Setor 2. Ainda, 14,44% do Setor 1 e 13% do Setor 2, declararam não recorrer a esse tipo de suporte, e 11,11% no Setor 1 e 16% no Setor 2 utilizam serviços particulares, por exemplo, táxis, serviços por aplicativos ou aluguel de veículos.

A partir da junção dos contatos listados em todas essas subcategorias temos que a média de contatos para auxílio material no Setor 1 é de 4,5 contatos (0 mín. e 23 máx.), variância de 9,01 e desvio padrão de 3,01. Já no Setor 2, a média é de 2,45 contatos (0 mín. e 8 máx.), variância de 3,39 e desvio padrão de 1,84. As diferenças nos tamanhos das redes de apoio parecem ser ainda maiores à medida que os recursos demandados são cada vez mais tangíveis-acessíveis através de meios físico-financeiros. Outra forma de interpretá-las é que os mais carentes necessitam de redes mais extensas conforme a urgência de auxílios físico-materiais.

Novamente, temos um caso em que a variância e o desvio padrão estão mais altos no Setor 1, indicando que a amostra é mais dispersa, cerca de 56% estão abaixo da média no número de contatos para essa categoria e 44% acima. Ou seja, há uma dispersão em redes com menor e maior dependência de suporte (Figura 23).

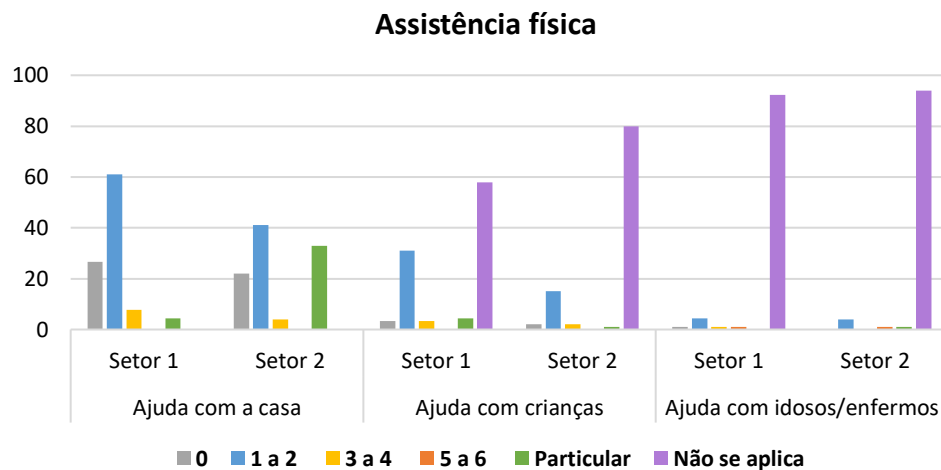
Figura 23 - Exemplo no tamanho das redes de suporte.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A última categoria de suporte é a de assistência física (Gráfico 7). Ela engloba apoios como cuidados com a casa, cuidados com crianças e cuidados idosos/enfermos.

Gráfico 7 - Distribuição dos domicílios na categoria assistência física, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Assim como no auxílio material, optamos por dividir a categoria em três tipos de apoio. O suporte referente à ajuda com a casa indica os contatos a quem os indivíduos recorrem quando precisam de ajuda como lavar, passar, cozinhar, cuidados com quintal, pequenos reparos etc. 26,67% no Setor 1 e 21% no Setor 2 declararam não recorrer a esse tipo de suporte. 61,11% no Setor 1 e 41% no Setor 2 recorrem a 1 ou 2 contatos. A maior diferença está em relação à contratação de serviços particulares, dado que no Setor 1 apenas 4,44% dos entrevistados possuem esse tipo de suporte; no Setor 2, esse valor equivale a 33%. Ou seja, estratos de maior

rendimento contam com serviços disponíveis no mercado, como diarista ou trabalhador doméstico.

Em relação aos cuidados com as crianças e com os idosos/enfermos, uma nova classificação também foi necessária – “não se aplica” – visto que alguns entrevistados não contam com crianças pequenas ou idosos que requerem algum tipo de cuidados em seus domicílios. No cuidado com as crianças, no Setor 1, 31,11% contam com 1 ou 2 contatos, já no Setor 2, esse percentual é de 15%. Novamente, o estrato de menor rendimento é mais dependente que o estrato de maior rendimento. Contudo, os percentuais preponderantes nessa categoria são justamente o “não se aplica”, 57,78% no Setor 1 e expressivos 80% no Setor 2.

Por fim, no que diz respeito aos cuidados com os idosos/enfermos, 92,22% no Setor 1 e 94% no Setor 2, responderam como “não se aplica”. Em seguida, as informações mais expressivas são a busca de suporte em 1 ou 2 contatos, com 4,44% no Setor 1 e 4% no Setor 2.

Novamente, em uma análise descritiva dos valores, temos que a média relativa ao suporte assistência física no Setor 1 é de 1,7 contatos (0 mín. e 9 máx.), variância de 2,90 e desvio padrão de 1,70. Já no Setor 2, a média é de 0,83 contatos (0 mín. e 9 máx.), variância de 0,90 e desvio padrão de 0,95. Em geral, nessa categoria o número de contatos está próximo da média, com ressalva para alguns casos em ambos os setores, já que temos exemplos de até 9 contatos. As situações em que esse número mais elevado aparece é em arranjos do tipo casais com filhos, principalmente crianças pequenas e família estendida, com presença de idoso.

A assistência física, sobretudo o cuidado com as crianças, resultará em redes de suporte intimamente ligadas à etapa do ciclo de vida familiar, pois consiste em uma fase com novas demandas. Esse fator é discutido por Wrzus et al. (2013), em que determinados eventos biológicos ou sociais podem promover alterações nas redes de suporte.

No caso dos setores, o percentual elevado no quesito “não se aplica” está de acordo com os próprios arranjos domiciliares dos setores, em que mais de 25% dos domicílios encontram-se na configuração casal sem filhos. E também, na faixa etária dos moradores, que no Setor 1 é composta por uma população mais jovem e no Setor 2 os percentuais estão concentrados na faixa acima de 50 anos.

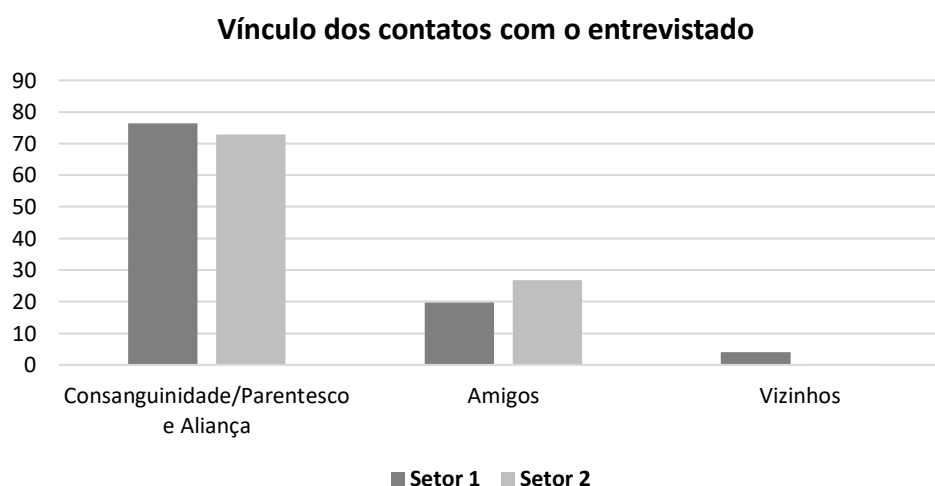
Concluimos a caracterização inicial das redes, processo que possibilitou a compreensão do tamanho e quais os principais tipos de suporte estão sendo compartilhados entre as unidades. A seguir, detalharemos os tipos de relações que esses contatos possuem com os entrevistados.

4.2 Tipos de relação

Ainda que os diferentes tipos de relacionamento possam ser multiplicados, Molina et al. (2008) apontam que em geral a distinção nos estudos é feita entre: parentes próximos, parentes, melhores amigos, colegas de trabalho, vizinhos e conhecidos, sendo que alguns contatos dessas esferas podem ser os mesmos.

Por razões práticas e operacionais, optamos por categorizar essas relações em três grupos: consanguinidade/parentesco e aliança; amigos em geral e vizinhos. Esses dados, para cada um dos dois setores, podem ser observados no gráfico a seguir (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Vínculo geral dos contatos com os entrevistados, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Como demonstrado pelo gráfico, inicialmente optamos por uma demonstração geral dessas relações, sem muitos detalhes de cada vínculo. Assim como destacado por Vasconcelos (2002) as redes dos setores 1 e 2 são predominantemente redes de parentesco, com mais de 70% dos contatos nos laços de consanguinidade/parentesco e aliança. Em seguida, temos 19,71% no Setor 1 e 27,04% no Setor 2 nos laços de amizade. Por fim, sobre as relações referentes à vizinhança, esclarecemos que as relações de parentesco e vizinhança não estão na mesma classe. Assim, temos apenas 4% dos contatos como vizinhos no Setor 1 e 0,39% no Setor 2.

Visto que as relações marcadas por algum grau de parentesco foram as mais evidentes nos dois setores, expandimos essas informações com o intuito de detalhar melhor esses vínculos (Tabela 10). Para construção da tabela, utilizamos parte das categorias acerca da relação de parentesco ou dependência do questionário-base do IBGE, que também foi adotado no

questionário desta pesquisa. Destacamos, ainda, que o grupo “outro parente” refere-se às relações com tios(as), primos(as), sobrinhos(as) e cunhados(as).

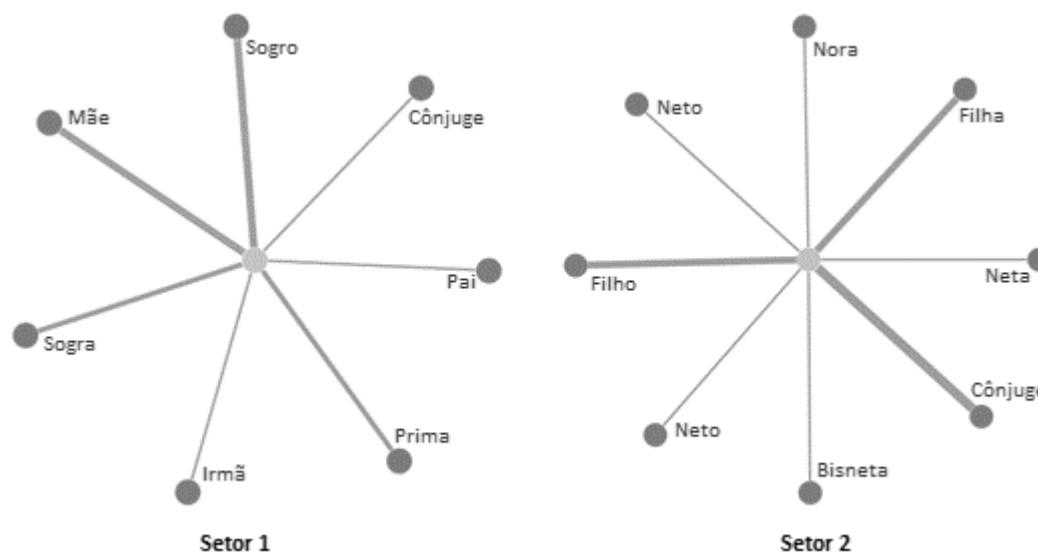
Tabela 10 - Vínculo detalhado dos contatos com o entrevistado, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Vínculo	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Cônjuge ou companheiro(a)	7,42	6,6
Filho(a)	16,79	19,79
Enteado(a)	0,24	0,13
Genro ou nora	4,01	4,53
Pai, mãe, padrasto ou madrasta	8,76	6,21
Sogro(a)	4,5	2,72
Neto(a)	4,74	5,43
Bisneto(a)	0	0,39
Irmão ou irmã	11,31	12,16
Avô ou avó	0,49	0,65
Outro parente	18	14,10
Amigo(a)	19,71	26,91
Vizinho(a)	4	0,39
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Com exceção da classe amizade, que, nesse caso, em função da expansão dos dados, apresenta os maiores percentuais. Identificamos maior predisposição dos indivíduos do Setor 2 em buscar suporte com filhos, netos e outros descendentes. Enquanto no Setor 1, os indivíduos recorrem principalmente a contatos como pai, mãe, padrasto, madrasta e outros parentes ascendentes. Ao relacionar essas informações com a idade dos respondentes, ou seja, uma população mais jovem no Setor 1 e mais envelhecida no Setor 2, é possível constatar que se tratam de grupos em estágios diferentes do ciclo vital. Por exemplo, temos a representação de uma rede de suporte do Setor 1 e do Setor 2 (Figura 24).

Figura 24 - Exemplo dos tipos de relações das redes de suporte.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

4.3 Localização dos contatos

Consoante demonstração no capítulo acerca dos temas norteadores, o conjunto dos relacionamentos estabelecidos nas redes de suporte acontece em locais diversos, com limites mais ou menos amplos. Os laços sociais são construídos e mantidos não apenas em função da proximidade, mas também da distância, visto a facilitação de acesso aos sistemas de transporte e comunicação. Nessa perspectiva, as redes de suporte podem apresentar uma configuração híbrida, delimitada em um espaço físico e um espaço ampliado.

A busca de apoio nesses diferentes espaços estará relacionada com as características individuais. Por exemplo, Viry (2011) aponta que pessoas que se mudam frequentemente investem pouco tempo em suas comunidades locais e estão mais propensas a manter laços estreitos distantes.

Outra questão diz respeito às demandas necessárias em cada rede. Nesse sentido, os suportes relacionados aos cuidados com a casa, cuidados com as crianças e cuidados com os idosos necessitam de alguém que os forneçam de modo físico e presencial. No entanto, os apoios como conversar, aconselhar, informar, emprestar dinheiro, e diversas outras atividades, são possíveis de serem compartilhadas, por exemplo, no meio ampliado, ainda que esses indivíduos estejam em locais remotos.

A tabela a seguir (Tabela 11), objetiva demonstrar de maneira resumida a localização geral dos contatos identificados a partir do questionário. Esses contatos foram distribuídos em

dez classes de localização, incluindo os casos em que os entrevistados não souberam ou não quiseram informar a localização de seus contatos.

Tabela 11 - Localização geral dos contatos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.

Localização	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Mesmo domicílio	13,02	18,13
Mesma quadra	9,49	5,18
Bairros do setor	28,10	19,30
Bairros limítrofes	3,28	11,27
Demais bairros	26,52	25,91
Zona rural	3,89	4,53
Outras cidades	11,19	8,68
Outros estados	3,41	4,02
Outros países	0,85	1,04
Não souberam/não informaram	0,24	1,94
Total	100	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

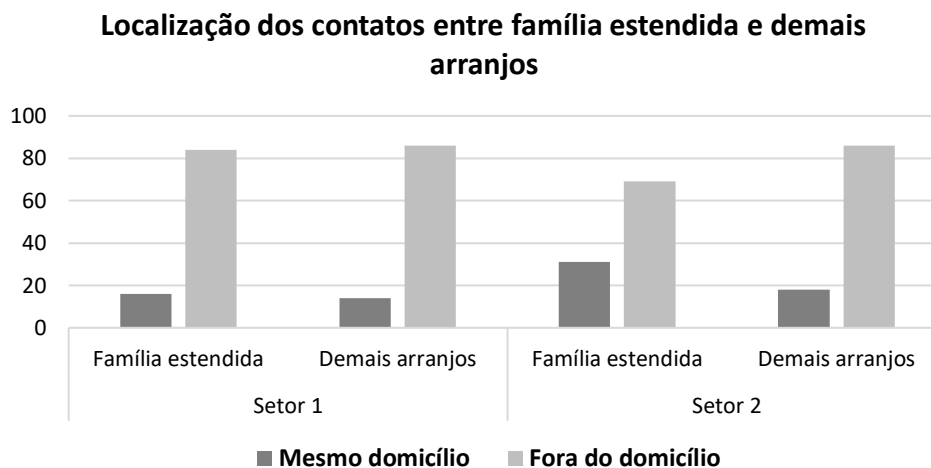
Ao analisarmos os dados de localização, constatamos que os maiores percentuais dos setores estão em contatos localizados nos bairros que compõem o setor ou nos demais bairros de Cacoal. Se atentarmos apenas para as áreas de influências mais próximas dos entrevistados (mesma quadra e bairros que integram o setor), as redes do Setor 1 estão com maior tendência ao localismo, com um percentual de 37,59% em comparação com o Setor 2 em 24,48%.

O localismo identificado nas redes do Setor 1, sugere maiores dificuldades desses indivíduos em acessar diferentes recursos. De acordo com Marques (2007), isso ocorre uma vez que as relações pessoais estão concentradas em outros indivíduos com condições sociais semelhante.

O Setor 2 possui um quantitativo maior de contatos inseridos no mesmo domicílio (18,13%), já no Setor 1 atinge 13,02%. Em relação aos contatos fora do município, no Setor 1, essas classes correspondem a 19,34% e no Setor 2, 18,26%. Sobre os contatos que não tiveram seus endereços informados pelos entrevistados, no Setor 1, esse dado equivale a 0,24% e no Setor 2, atinge o percentual de 1,94%.

Anteriormente, em análise sobre o tamanho das redes, evidenciamos que as famílias estendidas e os demais arranjos não apresentavam variações muito intensas quanto ao número de contatos. Contudo, nessa etapa, algumas considerações podem ser reavaliadas. A partir do Gráfico 9, é possível uma visualização entre a localização dos contatos entre família estendida e demais arranjos. Destacamos que nesse recorte, optamos por não incluir o arranjo unipessoal, já que sua rede de suporte está fora do domicílio.

Gráfico 9 - Localização dos contatos entre família estendida e demais arranjos, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

No Setor 1, 16% dos contatos das famílias estendidas estão no mesmo domicílio e 84% são contatos fora do domicílio. Para os demais arranjos, o percentual de contatos no mesmo domicílio é de 14% e de 86% fora. Já no Setor 2, o percentual de contatos das famílias estendidas que se encontram no mesmo domicílio equivale a 31% e a 69% fora. No caso dos demais arranjos, 18% estão no mesmo domicílio e 82% fora.

Portanto, as famílias estendidas nos dois setores, com ênfase para o Setor 2, possuem um percentual maior de fornecedores de suporte localizados no mesmo domicílio, resultando em relações mais endógenas em comparação aos demais arranjos. Consequência de parte dos provedores de apoio compartilharem a mesma unidade.

Até o momento nos esforçamos em caracterizar as unidades domésticas, a composição das redes, os principais suportes compartilhados e a localização dos provedores de ajuda. A partir de agora, iniciaremos uma etapa de detalhamento, com a construção dos grafos que ilustram as redes de suporte social, assim como o mapeamento dessas redes no espaço híbrido (físico e ampliado).

4.4 Estrutura e mapeamento das redes

A partir das informações obtidas por meio da aplicação do questionário, foi possível desenvolver a representação das redes de suporte. Buscamos selecionar nessa análise, redes de cinco moradores de cada setor, com o objetivo de ilustrar tanto o recorte por rendimento quanto os diferentes arranjos domiciliares. Destacamos, ainda, que a representação da rede de todos os entrevistados encontra-se nos Anexos II e III.

A seguir, é possível observar uma sintetização dos participantes selecionados para elaboração dos grafos das redes (Tabela 12). Adotamos um nome fictício para todos os entrevistados, com a finalidade de preservar o sigilo das informações obtidas durante a pesquisa.

Tabela 12 - Síntese dos participantes representados nos grafos.

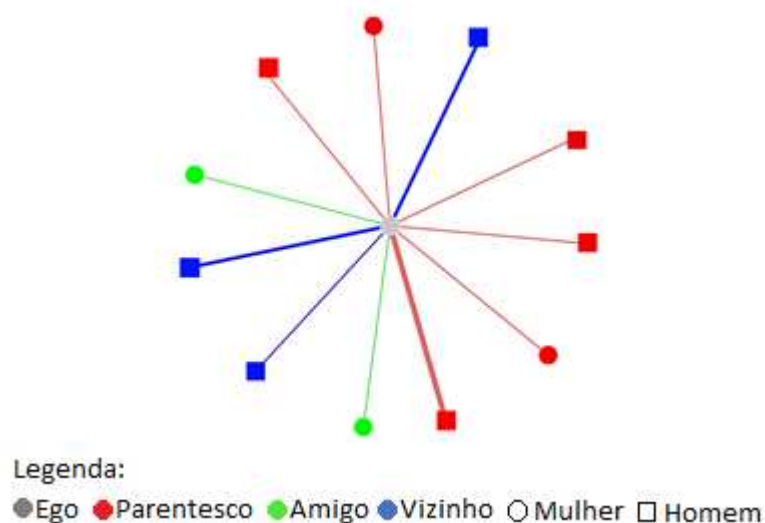
Setor	Entrevistado	Idade	Renda domiciliar (R\$)	Arranjo domiciliar
	S1-19	60 anos	1039,00	Casal sem filhos
	S1-22	26 anos	2500,00	Casal com filhos
1	S1-39	54 anos	700,00	Família estendida
	S1-63	33 anos	3117,00	Monoparental
	S1-69	58 anos	1039,00	Unipessoal
	S2-01	57 anos	20000,00	Família estendida
	S2-55	26 anos	5000,00	Casal com filhos
2	S2-73	33 anos	7000,00	Unipessoal
	S2-88	60 anos	10000,00	Casal sem filhos
	S2-94	51 anos	4000,00	Monoparental

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Antes de iniciarmos as análises, aproveitamos para esclarecer algumas informações presentes nos grafos. Conforme demonstrado na legenda, as redes são compostas pelo ego (entrevistado) e por contatos que podem ser: parentesco, amigos ou vizinhos. Outro elemento importante é que a espessura das arestas (linhas) indica o grau de intensidade das relações entre os nós e o ego, ou seja, arestas mais espessas significam que o nome do contato apareceu mais vezes no questionário.

O primeiro grafo (Figura 25) constitui a rede de suporte do domicílio S1-19, do Setor 1. A entrevistada é uma mulher de 60 anos, casada, sem ocupação profissional e a escolaridade é classe de alfabetização. Seu arranjo domiciliar consiste em casal sem filhos, seu cônjuge tem 51 anos, é aposentado e a escolaridade também é classe de alfabetização. O rendimento total domiciliar é de R\$ 1.039,00.

Figura 25 - Rede de suporte social S1-19.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Sobre a estrutura da rede, ela é composta por onze contatos, sendo dois amigos, três vizinhos e seis contatos de parentesco. Com exceção do cônjuge, todos os outros contatos são fora do domicílio. Como podemos observar, um contato desempenha um papel de maior intensidade na rede, o próprio cônjuge da entrevistada. Além dele, os outros contatos com maior frequência são dois vizinhos. As relações de parentesco incluem os pais da entrevistada e também os filhos do casal.

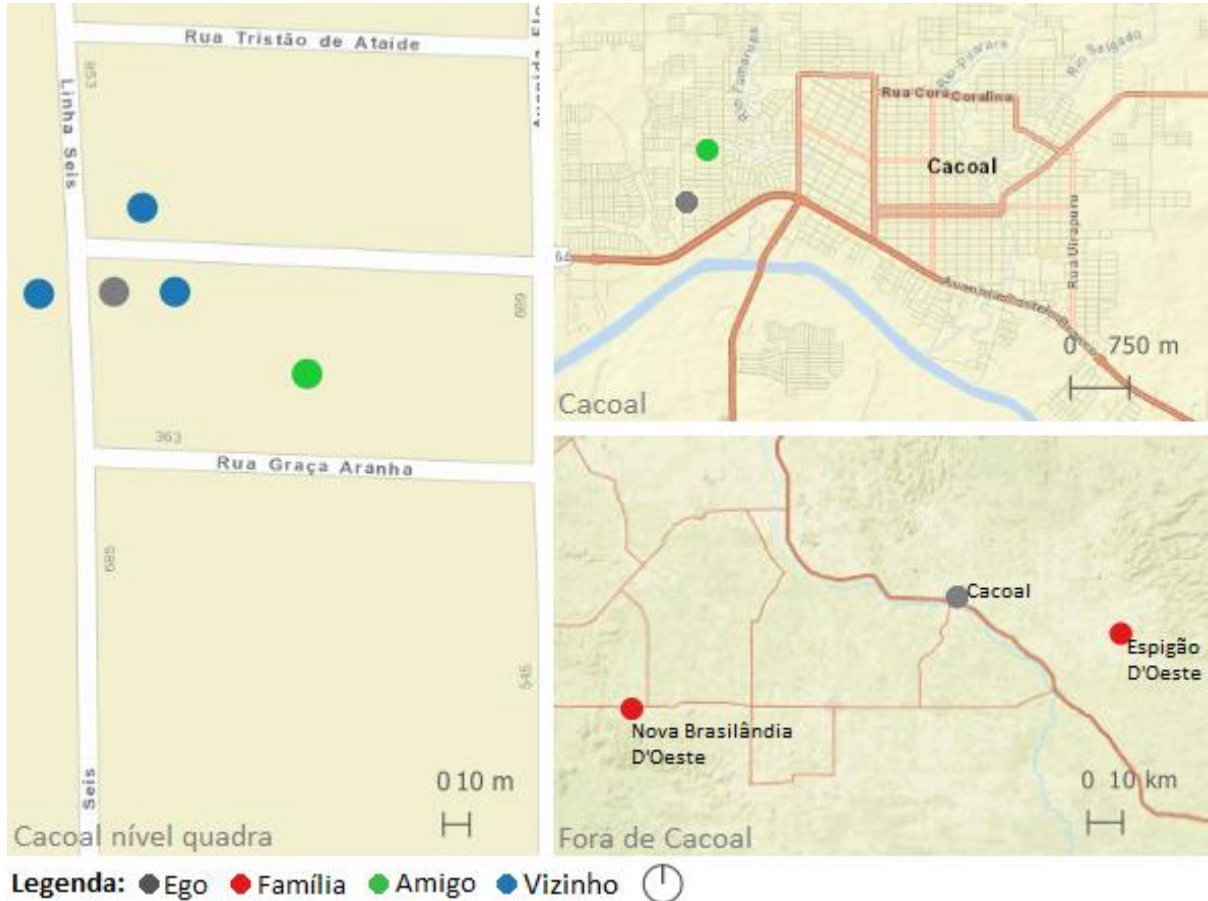
Além de desenvolvermos a análise da rede pelo uso dos grafos, desejamos complementar essas informações por meio da distribuição espacial. A combinação desses elementos permite ampliar a compreensão das trocas realizadas e os fenômenos socioespaciais.

Para realizarmos o mapeamento, utilizamos os endereços de cada contato informado pelo entrevistado no momento de aplicação do questionário. O objetivo era captar o endereço completo de cada contato, por exemplo, a rua, o número, o bairro, etc. No entanto, os entrevistados não sabiam com precisão esses dados ou, na maior parte dos casos, não estavam confortáveis em fornecer essas informações, embora tenham informado pelo menos o bairro ou ponto de referência. Dessa forma, a localização dos contatos nos mapas não representa seu endereço exato, mas consiste em uma aproximação do ponto central de cada bairro.

Diferente dos grafos, nesse caso mapeamos apenas os contatos fora do domicílio. E para permitir uma melhor visualização dos elementos, dividimos as representações em 3 escalas: a primeira representa os contatos localizados até o limite da mesma quadra; a segunda representa os demais bairros de Cacoal; e por fim, a terceira representa os contatos localizados fora do município.

A seguir, temos, então, a espacialização da rede S1-19 (Figura 26) já apresentada anteriormente.

Figura 26 - Mapa de localização da rede S1-19.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020

Do total de onze contatos que compõem essa rede, na representação espacial, podemos observar os 3 vizinhos, que residem em frente e ao lado do domicílio, os dois amigos, um localizado na mesma quadra e o outro no bairro Vista Alegre, um dos bairros que compõem o Setor 1. Já os contatos de parentesco estão localizados fora de Cacoal.

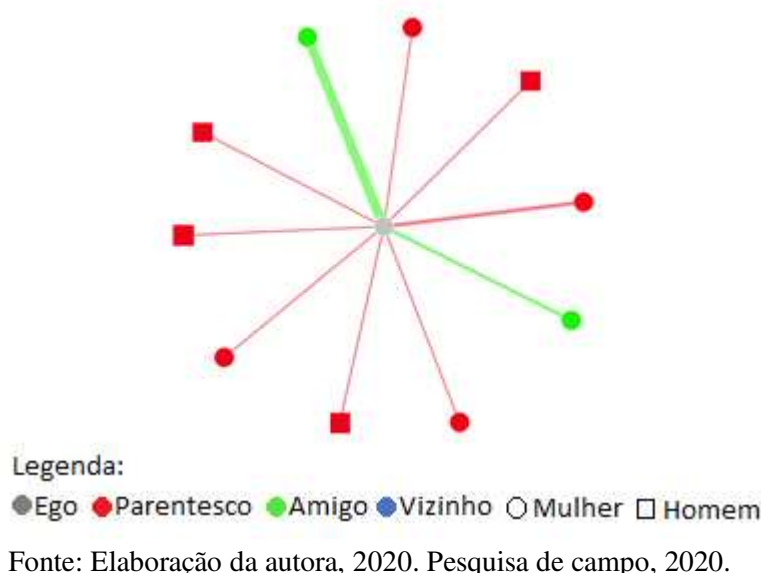
Na cidade de Nova Brasilândia D'Oeste-RO, estão os pais da entrevistada e dois filhos do casal. É importante destacarmos que devido à escala, ainda que nesse município haja 4 contatos, no momento de visualização os “nós” se sobrepõem, permitindo apenas a identificação de um círculo. Por fim, na cidade de Espigão D'Oeste-RO, está localizada mais uma filha do casal. O último contato corresponde ao cônjuge da entrevistada e, como já destacado anteriormente, não será representado no mapa.

Sobre a troca de suportes, os amigos e os familiares (pais e filhos) foram listados na categoria participação social. Para os apoios como interação íntima, feedback e orientação as

trocas ocorrem no próprio domicílio entre o casal. Os vizinhos fornecem apoio material, por exemplo, empréstimo de ferramentas e equipamentos, bem como auxiliam na categoria automóvel, oferecendo carona quando necessário.

O segundo grafo (Figura 27) constitui a rede de suporte do domicílio S1-22. A entrevistada é uma mulher de 26 anos, casada, possui ensino médio completo e é auxiliar de limpeza. O seu arranjo domiciliar é casal com filhos. O cônjuge da entrevistada possui 28 anos, ensino fundamental e trabalha como frentista. O casal possui dois filhos, com idades de quatro e oito anos, ambos em fase escolar. O rendimento total desse domicílio é de R\$ 2.500,00.

Figura 27 - Rede de suporte social S1-22

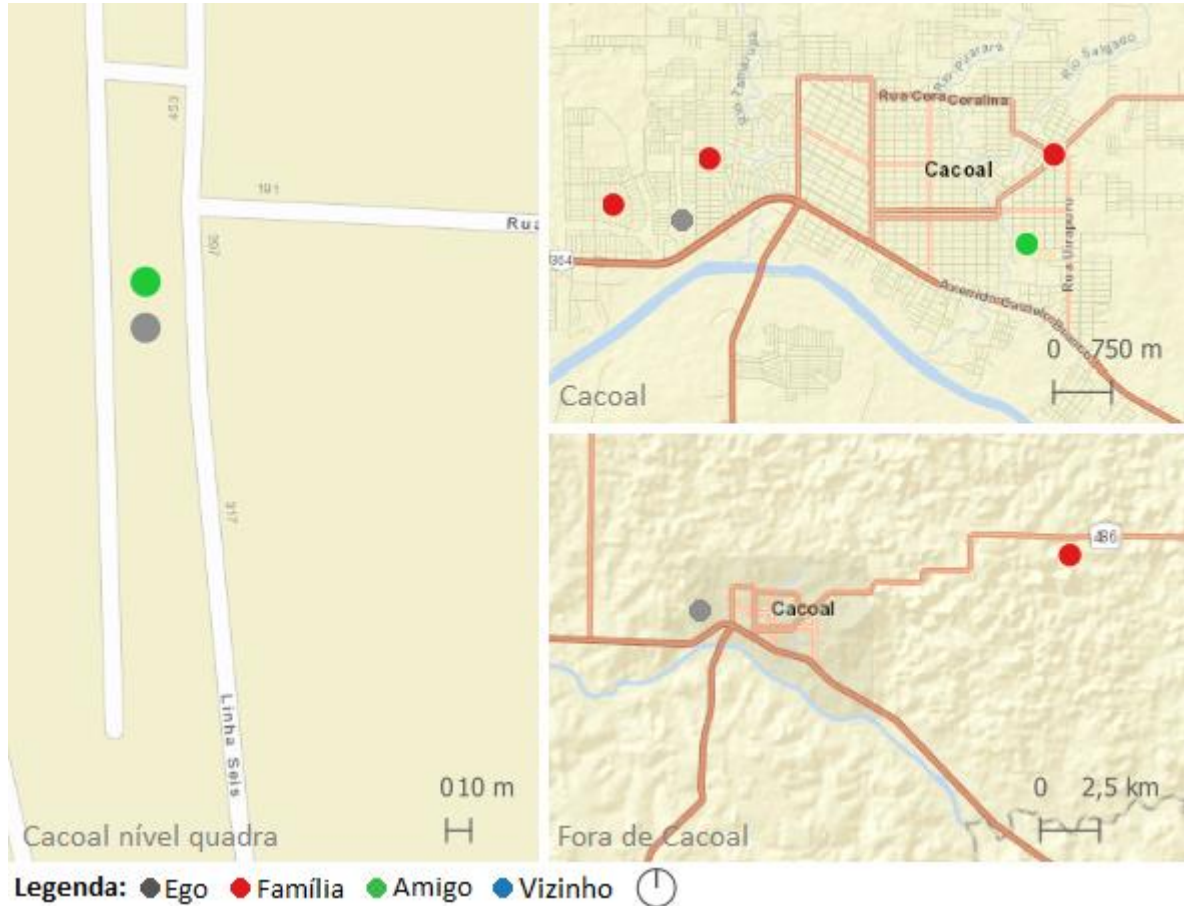


A rede de S1-22 é composta por dez contatos, sendo dois amigos e oito contatos de parentesco. Do total de contatos listados pela entrevistada, três residem no mesmo domicílio, o cônjuge e os filhos. Em relação à recorrência de apoio, há duas amigas que se destacam, uma no fornecimento de suporte, por exemplo, alimentos/medicamentos, ajuda no cuidado com a casa e cuidados com as crianças. E a outra em suportes de orientação e feedback. Outro contato que possui uma frequência maior na rede é a sogra da entrevistada, que fornece suporte nas categorias dinheiro e automóvel. As relações de parentesco, além do cônjuge, filhos e a sogra, são compostas pela mãe, irmã e dois cunhados. Os familiares em geral estão listados na categoria participação social.

Logo, na representação espacial (Figura 28) aparece, ao lado do domicílio, a amiga que fornece maior quantidade de suporte. A sogra e um dos cunhados estão localizados nos bairros vizinhos, a irmã e o cunhado residem no bairro Teixeira e a outra amiga no bairro Floresta, ambos estão a uma distância de aproximadamente 6 km do domicílio de estudo. O contato que

se encontra fora do perímetro urbano de Cacoal é a mãe da entrevistada, que reside na zona rural, aproximadamente 20 km do município.

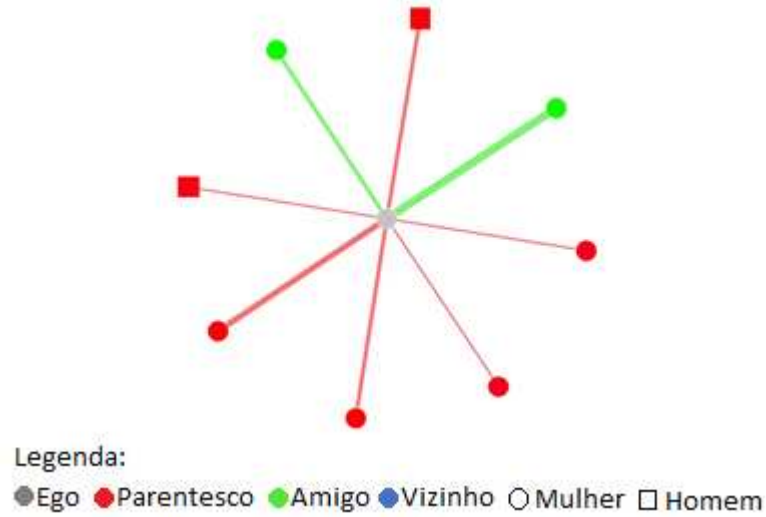
Figura 28 - Mapa de localização da rede S1-22.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

O terceiro grafo (Figura 29) ilustra a rede do domicílio S1-39. A entrevistada é uma mulher de 54 anos, solteira, possui ensino fundamental e trabalha com artesanato. Seu arranjo domiciliar é do tipo família estendida. Composto por ela, um filho de 22 anos, uma filha de 26, ambos com ensino médio e sem ocupação, e uma neta de quatro anos em fase escolar. O rendimento total domiciliar é de R\$ 700,00. Essa rede é composta por oito contatos, sendo dois de amizade e seis de parentesco. Em relação aos contatos de parentesco, tratam-se de quatro filhos, uma nora e uma tia.

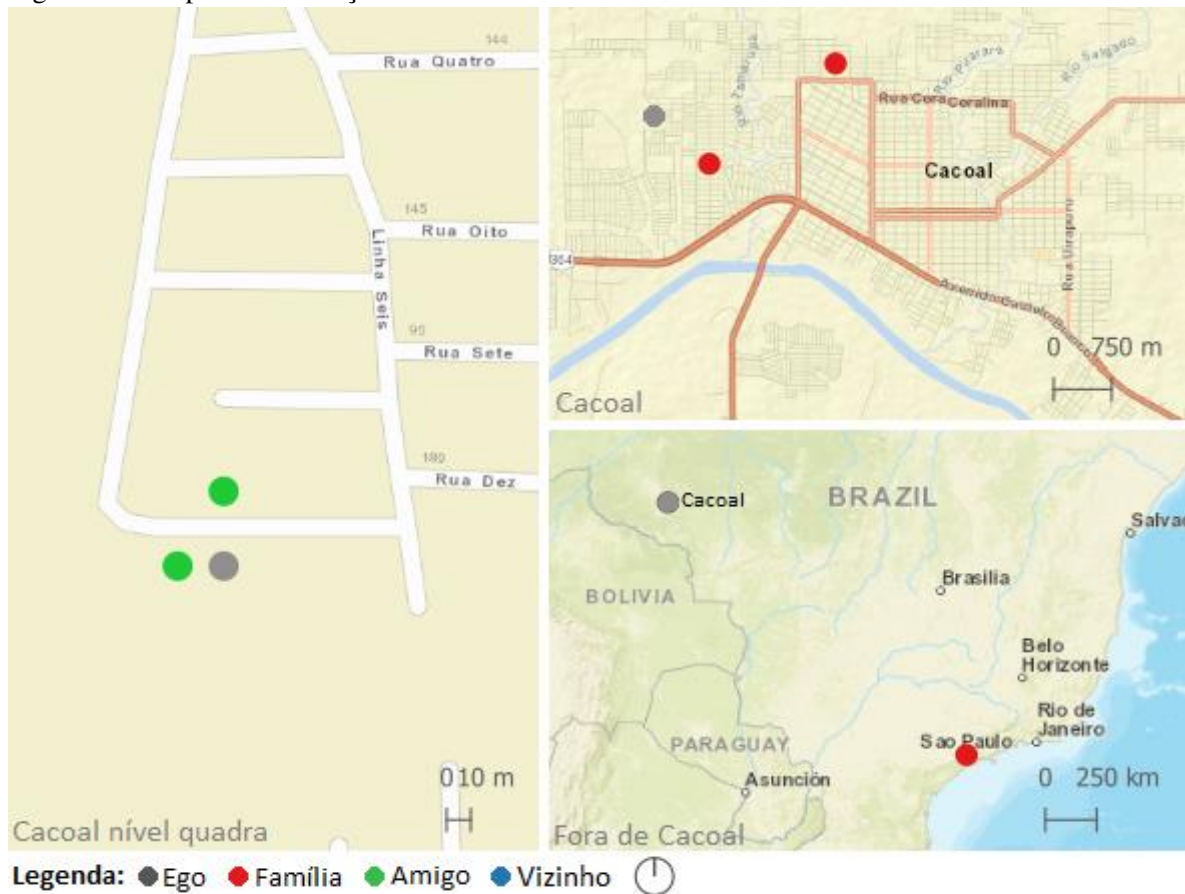
Figura 29 - Rede de suporte social S1-39.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Os fornecedores de suporte que representam maior intensidade são uma amiga, o filho e a filha que residem no mesmo domicílio. A seguir temos a espacialização dessa rede (Figura 30).

Figura 30 - Mapa de localização da rede S1-39.

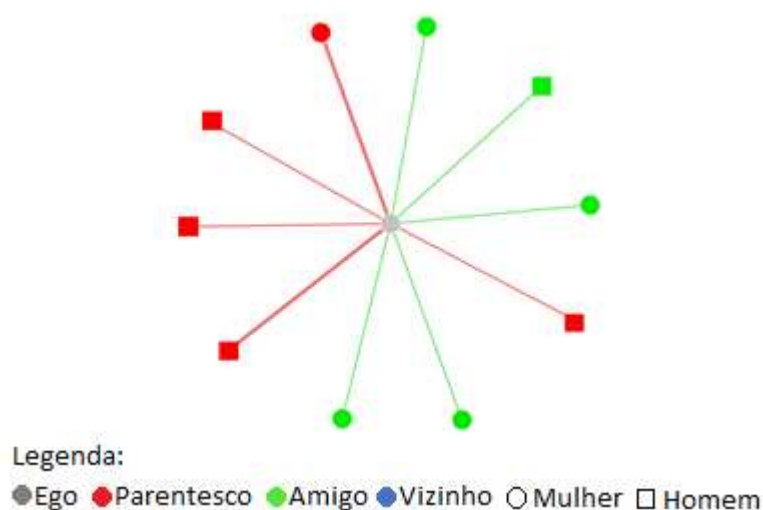


Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

De acordo com o mapa, a amiga que fornece suporte como alimento, instrumentos/equipamentos e informação localiza-se na casa ao lado. Em frente temos outra amiga, que também fornece orientação. O filho e a nora, estão localizados no bairro Vista Alegre e uma outra filha no bairro Brizon, esses contatos foram listados na categoria participação social. O contato representado na cidade de São Paulo é uma tia, que fornece apoio material, nesse caso dinheiro. Para finalizar, há outros dois filhos que residem no mesmo domicílio e não estão identificados no mapeamento. Esses filhos, foram listados em apoio como interação íntima, participação social, cuidados com casa e cuidados com a neta. Nesse caso, existe uma forte presença de trocas mais endógenas, visto que provedores importantes estão na mesma residência.

O grafo a seguir (Figura 31) constitui a rede do domicílio S1-63. A entrevistada é uma mulher de 33 anos, divorciada, tem graduação e trabalha como técnica de enfermagem. O arranjo domiciliar é monoparental, a entrevistada possui dois filhos, um de 15 anos, cursando o ensino médio, e outro de 8 anos, que está no ensino fundamental. O rendimento total domiciliar é de R\$ 3.117,00.

Figura 31 - Rede de suporte social S1-63.

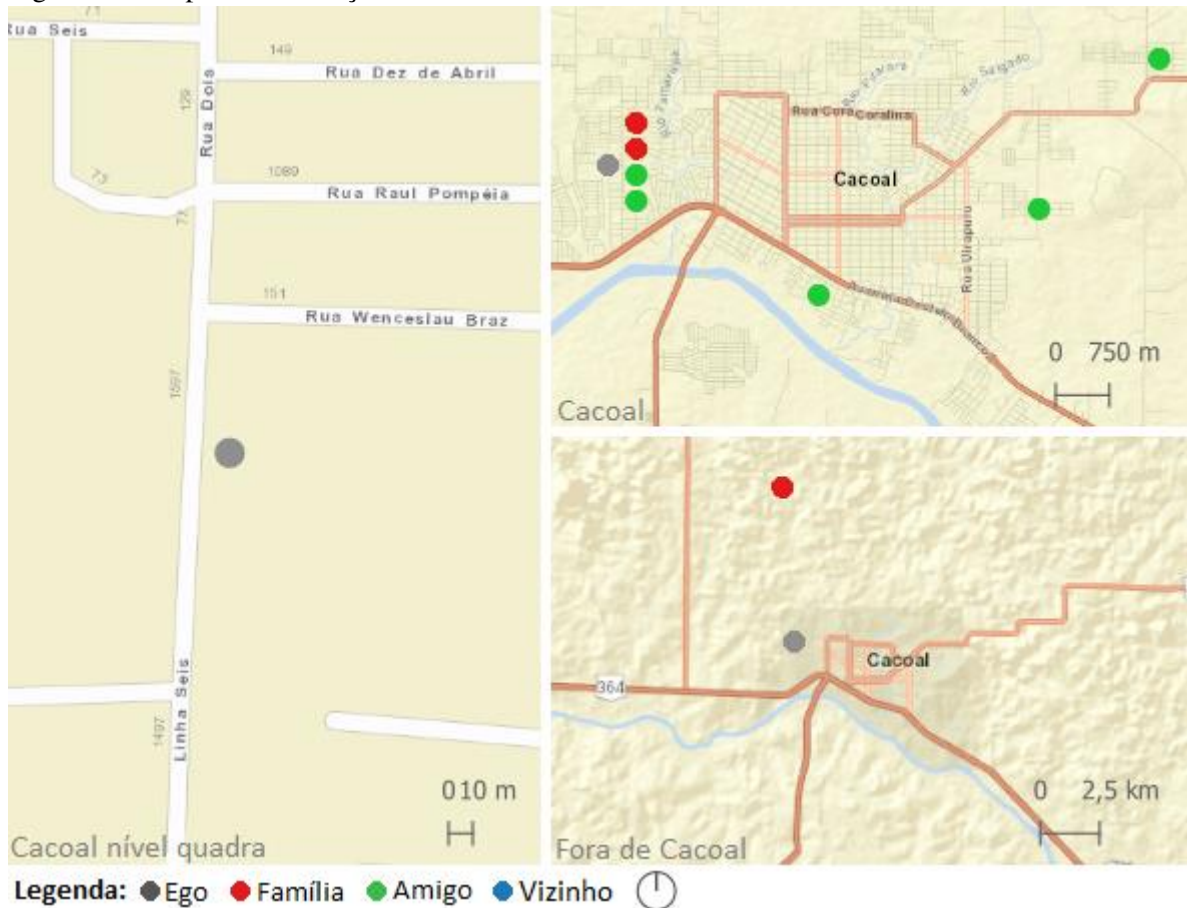


Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A rede é composta por dez contatos, sendo cinco amigos e cinco parentes, incluindo os dois filhos da entrevistada, dois irmãos e o pai. A intensidade das relações, nesse caso, é mais homogênea, com destaque na relação estabelecida com o filho, que reside no mesmo domicílio, nos suportes cuidados com a casa e cuidados com criança, e na relação estabelecida com uma irmã nos apoios orientação e feedback. Até o momento, essa é a rede que apresenta maior quantidade de amigos e esses contatos estão mais concentrados no suporte participação social.

De acordo com o mapa de espacialização (Figura 32) o domicílio S1-63 não possui contatos localizados na escala da quadra. Em um dos bairros que integram o setor estão localizados quatro contatos, dois amigos, a irmã e o irmão. Os outros amigos estão em bairros mais dispersos. O contato localizado fora do perímetro urbano de Cacoal é o pai da entrevistada, que reside na zona rural e fornece apoio com dinheiro.

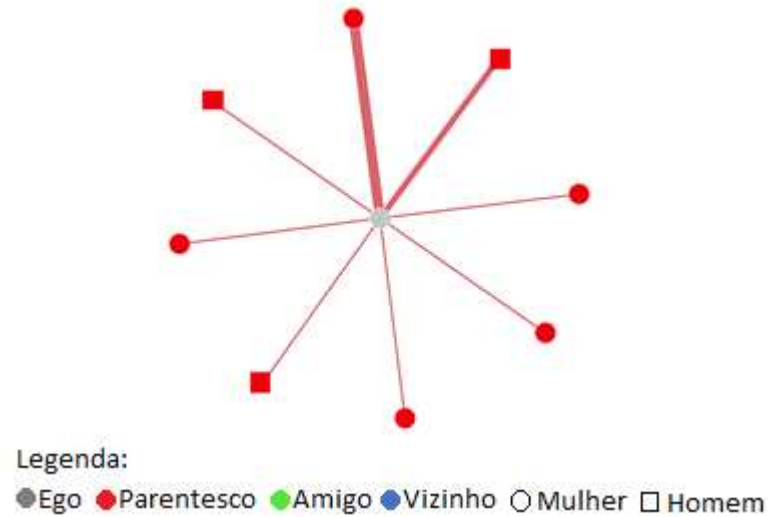
Figura 32 - Mapa de localização da rede S1-63.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Finalizando essa primeira etapa sobre as redes do Setor 1, apresentamos a rede do domicílio S1-69 (Figura 33). A entrevistada é uma mulher, 58 anos, viúva, aposentada e sua escolaridade é classe de alfabetização. Seu arranjo domiciliar é unipessoal e seu rendimento é de R\$ 1.039,00. A estrutura da rede S1-69 é composta por oito contatos, todos eles de parentesco e incluem os filhos da entrevistada e dois netos. Nessa rede dois contatos possuem maior recorrência, uma filha e um filho.

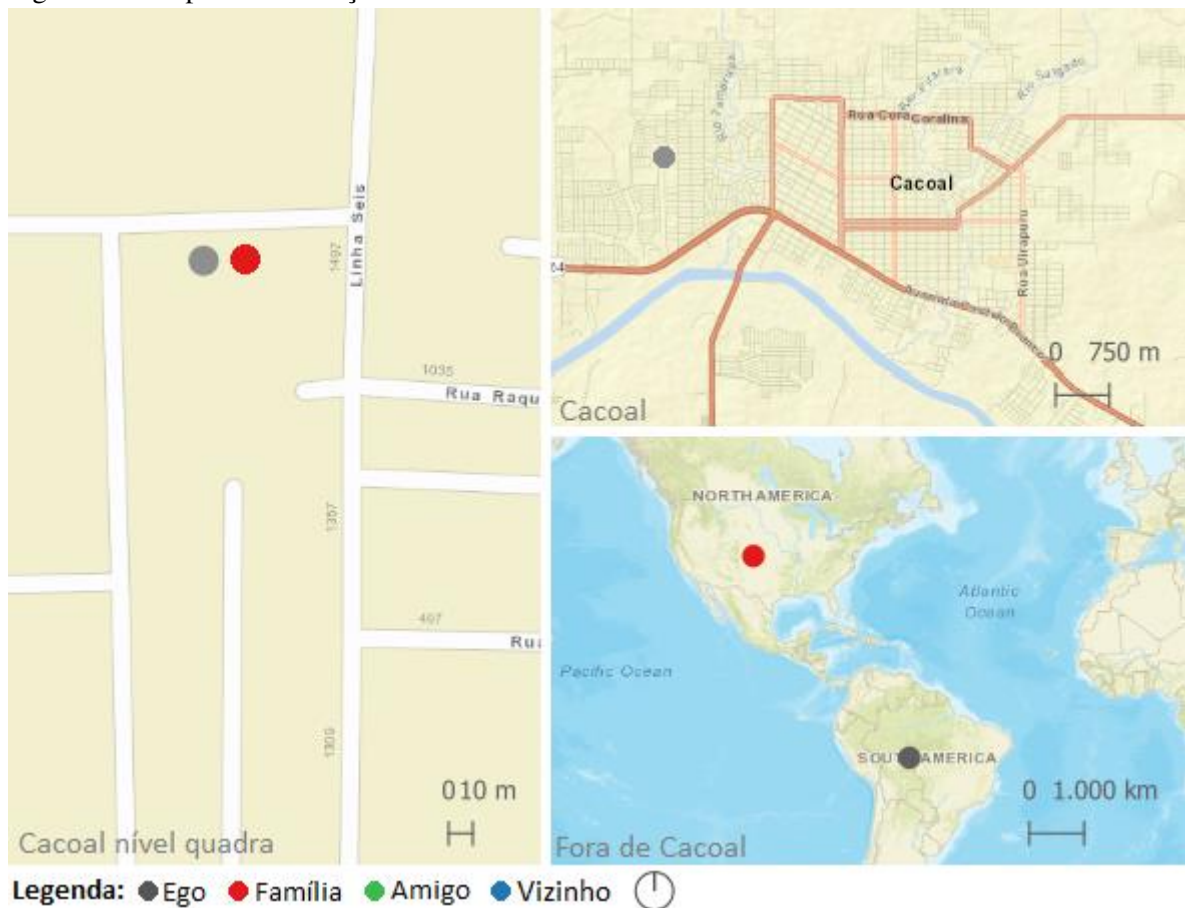
Figura 33 - Rede de suporte social S1-69.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Por meio da espacialização (Figura 34) podemos notar que a filha da entrevistada reside na casa ao lado e é o contato que fornece apoios com alimentos, equipamentos e ajuda no cuidado com a casa. Essa filha e os dois netos são citados na categoria participação social. Além desses três familiares que moram ao lado, a entrevistada não informou nenhum outro na cidade. Já na escala fora do município estão localizados cinco contatos e todos residem nos Estados Unidos. Esses filhos foram citados na categoria de suporte dinheiro. E um deles, possui um nível maior de intensidade no grafo, pois fornece apoios como interação íntima, orientação e feedback.

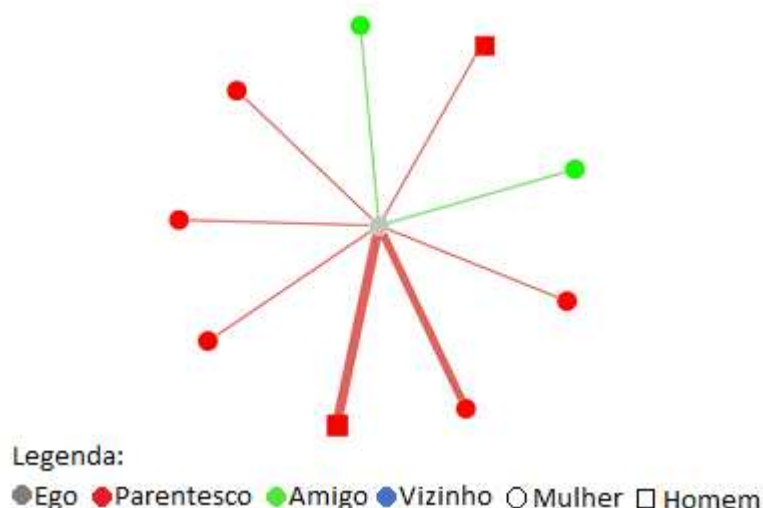
Figura 34 - Mapa de localização da rede S1-69.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Os grafos a seguir compreendem as redes de suporte de alguns domicílios do Setor 2. No primeiro caso, há a constituição da rede do domicílio S2-01 (Figura 35). A entrevistada é uma mulher de 57 anos, casada, tem graduação e é aposentada. O arranjo domiciliar é do tipo família estendida e além da entrevistada é composto pelo cônjuge, filha, genro e seu pai. O rendimento total domiciliar é de R\$ 20.000,00.

Figura 35 - Rede de suporte social S2-01.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

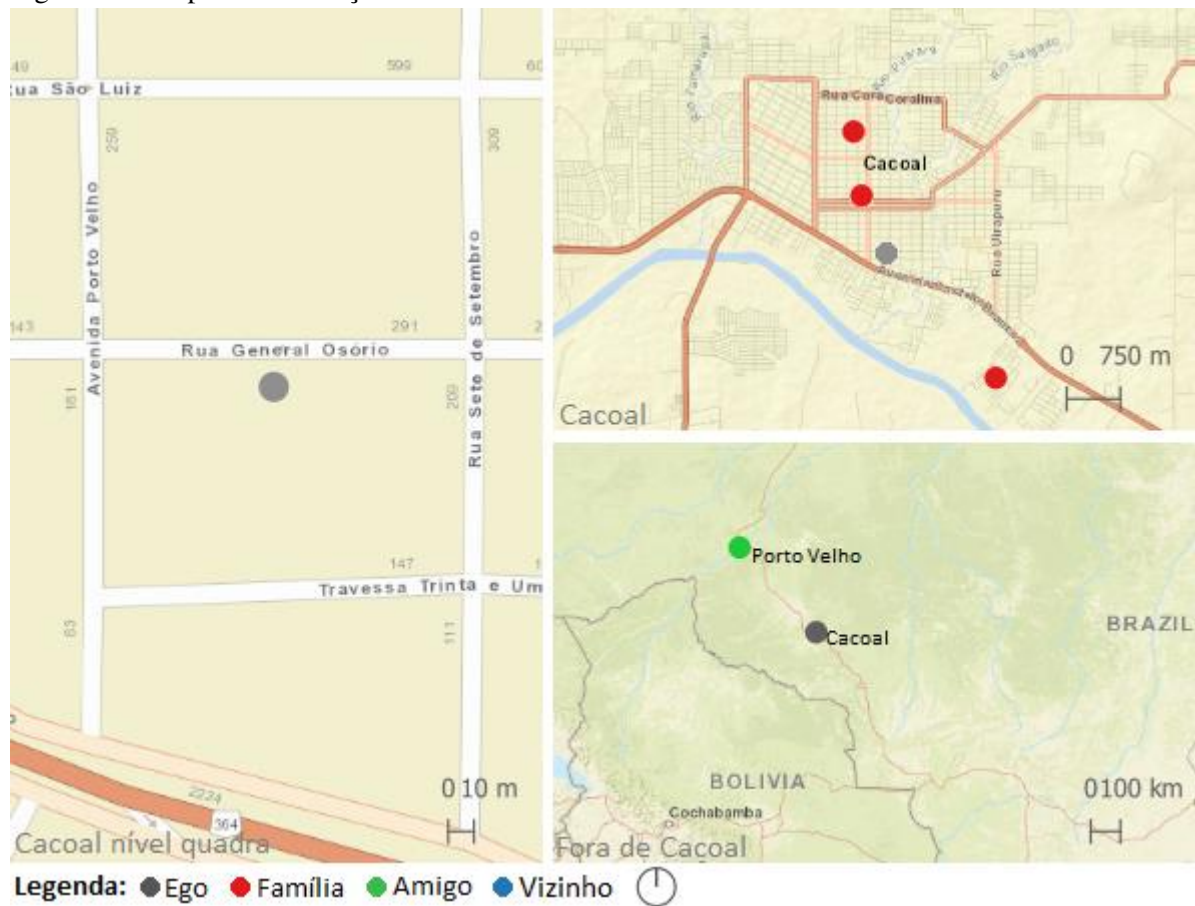
A rede é formada por nove contatos, sendo dois contatos de amizade e sete de parentesco. Os laços de parentesco incluem sobrinha, cunhada, outros filhos, genro e nora da entrevistada. Com exceção da filha, os outros contatos estão fora do domicílio e as relações que apresentam maior intensidade são de um filho e outra filha, principalmente em suportes como orientação, feedback, equipamentos e automóvel.

Assim como no domicílio S1-39, esse também se caracteriza por família estendida. No caso do primeiro setor, vimos que na rede S1-39 os moradores buscam suporte principalmente entre os membros do domicílio, aqui as relações não são predominantemente internas. No entanto, a filha que reside no mesmo domicílio, foi listada no auxílio e cuidado com o pai da entrevistada.

Uma questão que se difere de alguns exemplos do Setor 1, é que a entrevistada declarou não recorrer em apoios como alimentos/medicamentos e sobre dinheiro e cuidados com a casa, a busca para esses serviços ocorre de maneira particular.

Na espacialização dessa rede não existem contatos localizados na escala da quadra. Já na área de Cacoal estão localizados o filho, a nora, a filha e o genro da entrevistada. Um deles reside no mesmo bairro (Centro) e o outro no bairro Vila Romana. A cunhada da entrevistada também está localizada na escala de Cacoal, no bairro vizinho ao Centro (Figura 36). Fora do município, na cidade de Porto Velho-RO, estão localizados dois contatos de amizade e uma sobrinha (Figura 36).

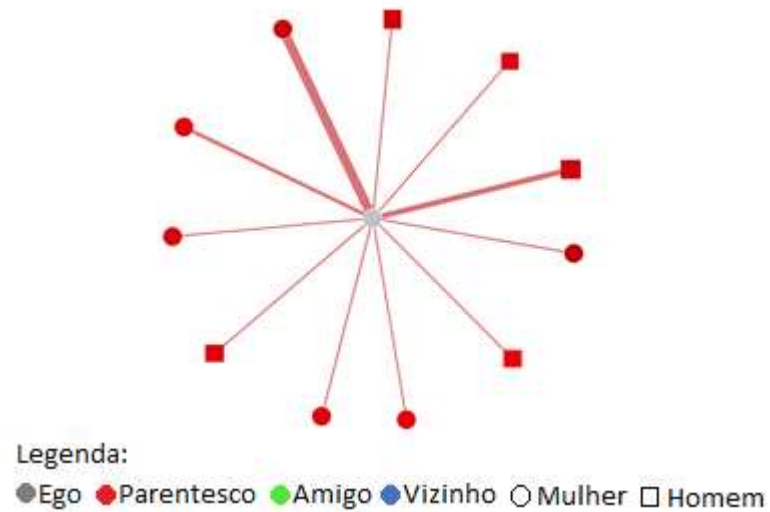
Figura 36 - Mapa de localização da rede S2-01.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

O próximo grafo constitui a rede do domicílio S2-55 (Figura 37). A entrevistada é uma mulher de 26 anos, casada, tem ensino médio completo e trabalha com vendas. Seu arranjo domiciliar é casal com filhos, o cônjuge tem 28 anos, ensino médio e também trabalha com vendas. O casal possui dois filhos, com idades de 1 e 4 anos. O rendimento total do domicílio é de R\$ 5.000,00.

Figura 37 - Rede de suporte social S2-55.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

O contato que representa maior intensidade nessa rede é a mãe da entrevistada. Em seguida temos o cônjuge e uma cunhada. A seguir temos a localização dos contatos (Figura 38).

Figura 38 - Mapa de localização da rede S2-55.



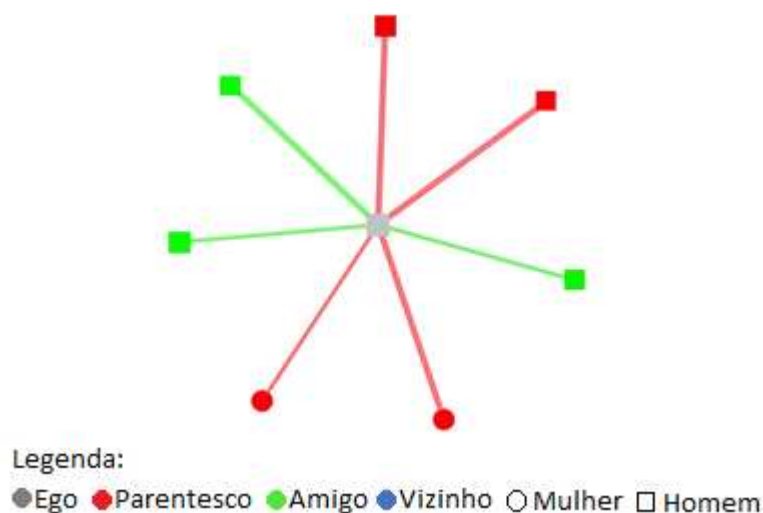
Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

O cônjuge, que não foi indicado no mapa, foi listado em apoios com orientação, feedback e participação social. Na espacialização da rede também não existem contatos no nível da quadra. Em Cacoal, essa rede possui quatro contatos, tratam-se de cunhados e cunhadas que residem no bairro Vista Alegre, próximo ao Setor 1, com exceção de uma cunhada que fornece apoio com automóvel, os demais estão listados na categoria participação social.

O sogro e a sogra moram na cidade de Ministro Andreazza-RO, aproximadamente 50km de Cacoal. E na cidade de Rolim de Moura-RO, cerca de 60 km de Cacoal, estão a irmã e o cunhado. Todos indicados também na categoria participação social. Os pais da entrevistada também residem na cidade de Rolim de Moura, no entanto, a mãe foi indicada em vários suportes, por exemplo, orientação, feedback e cuidados com as crianças. Segundo a entrevistada, é comum que sua mãe passe temporadas em Cacoal para auxiliá-la, sobretudo, nesse último suporte.

A terceira representação do Setor 2, constitui a rede do domicílio a S2-73 (Figura 39). O entrevistado é um homem de 36 anos, solteiro, tem pós-graduação e trabalha como agente público. O arranjo domiciliar é unipessoal e o seu rendimento de R\$ 7.000,00.

Figura 39 - Rede de suporte social S2-73.



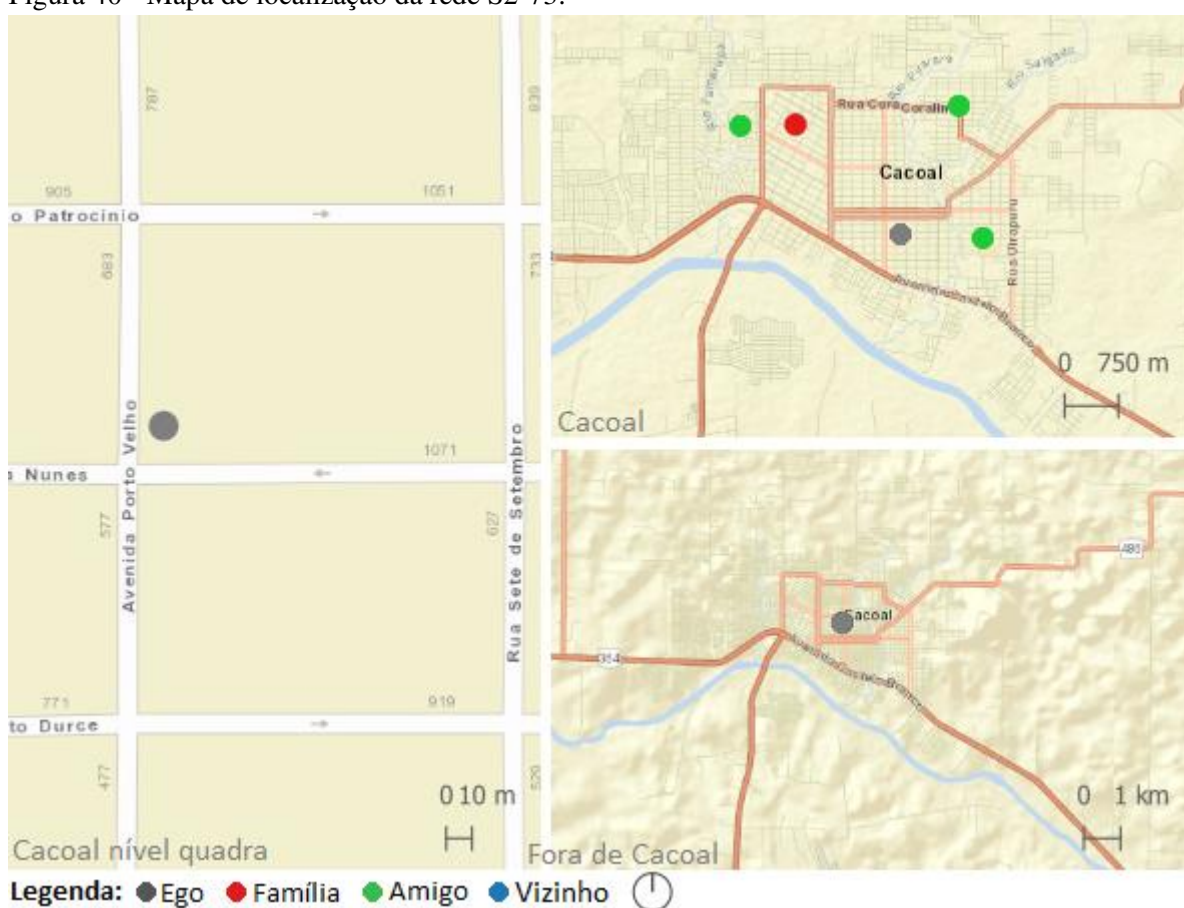
Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A rede S1-73 é composta por sete contatos, sendo quatro com laços de parentesco e três amigos. Ao todo, três contatos apresentam maior recorrência no fornecimento de apoio – pai, mãe e irmão – nas categorias instrumentos, lazer, feedback e automóvel. A rede também é

formada pela irmã. Os amigos estão listados na categoria participação social e um deles também é suporte em informação.

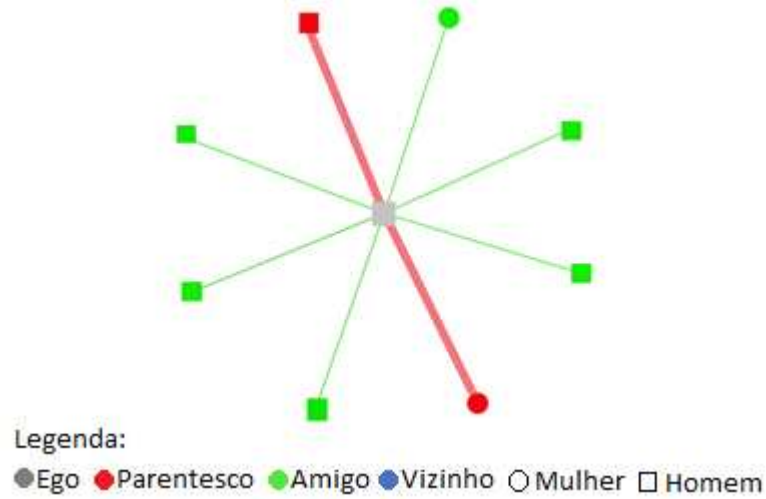
No mapa de localização (Figura 40), assim como ocorrido nos outros casos do Setor 2, o entrevistado não informou nenhum contato localizado no nível da quadra. Já nos demais bairros, temos os contatos de parentesco, mãe, pai, irmão e irmã que residem no bairro Novo Cacoal. E os contatos de amizade, que estão distribuídos em outros 3 bairros distintos. Nesse caso, nenhum dos fornecedores de suporte informados no momento da entrevista residem fora de Cacoal.

Figura 40 - Mapa de localização da rede S2-73.



O próximo grafo constitui a rede do domicílio S2-88 (Figura 41). O arranjo é casal sem filhos. O entrevistado é um homem de 60 anos, casado, tem ensino médio completo e trabalha com vendas. Sua esposa tem 60 anos, ensino médio completo e também trabalha com vendas. O rendimento total domiciliar é de R\$ 10.000,00. Essa rede é formada por oito contatos, sendo dois de parentesco e seis de amigos. Os contatos de parentesco são os que apresentam maior intensidade na rede – no caso, o filho e a filha do casal – que foram listados em categorias como orientação, feedback e automóvel.

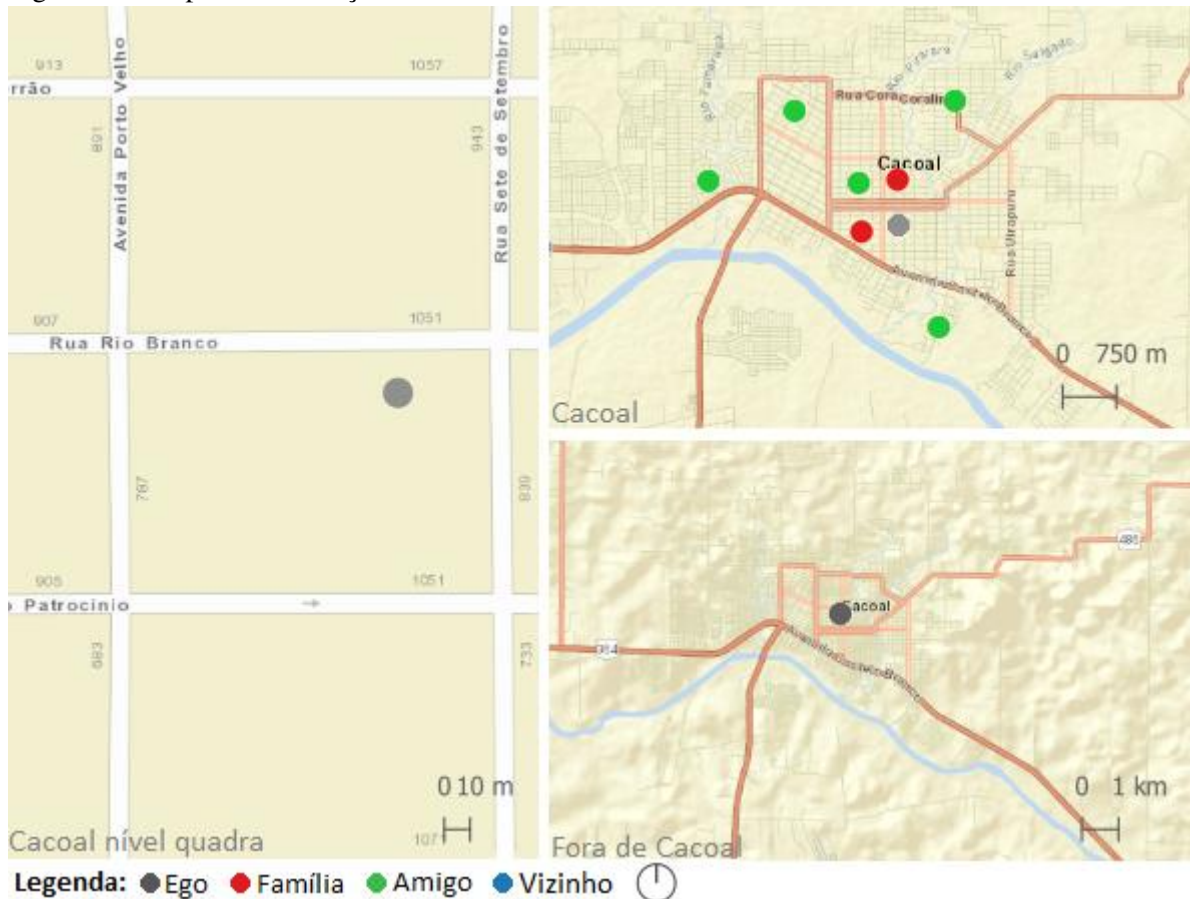
Figura 41 - Rede de suporte social S2-88.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Os amigos compõem o suporte participação social e as demais categorias são marcadas pela presença de serviços particulares (banco e cuidados com a casa) ou não se enquadram (cuidados com as crianças ou idosos). A seguir temos o mapa de localização (Figura 42).

Figura 42 - Mapa de localização da rede S2-88.

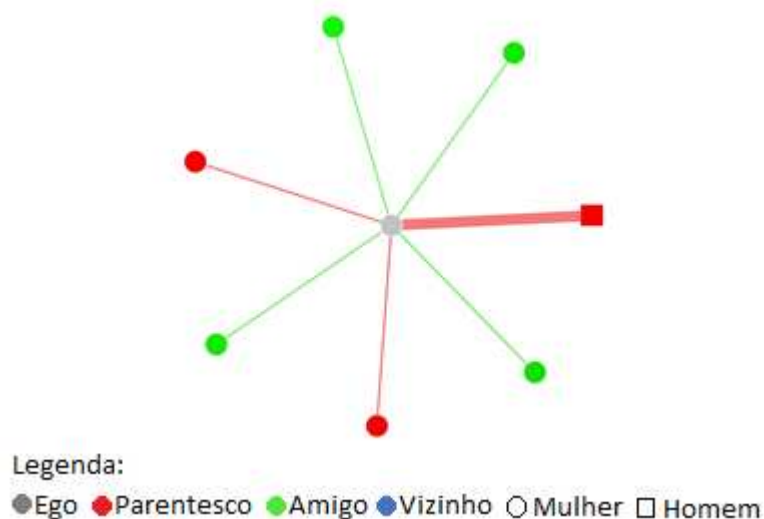


Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Novamente, na rede S2-88, não existem contatos nas proximidades do domicílio. No bairro Centro, estão localizados os filhos do casal e também dois contatos de amizade. Os outros contatos de amigos estão distribuídos em diversos bairros de Cacoal. Nessa rede, não houve menção no momento de pesquisa sobre contatos fora do município.

Por fim, a última representação do Setor 2 constitui a rede do domicílio S2-94 (Figura 43). A entrevistada é uma mulher de 51 anos, solteira, tem pós-graduação e, no momento, está desempregada. O arranjo domiciliar é monoparental e a entrevistada possui um filho de 26 anos, solteiro, tem graduação e trabalha como assistente administrativo. A renda total domiciliar é de R\$ 4.000,00.

Figura 43 - Rede de suporte social S2-94.

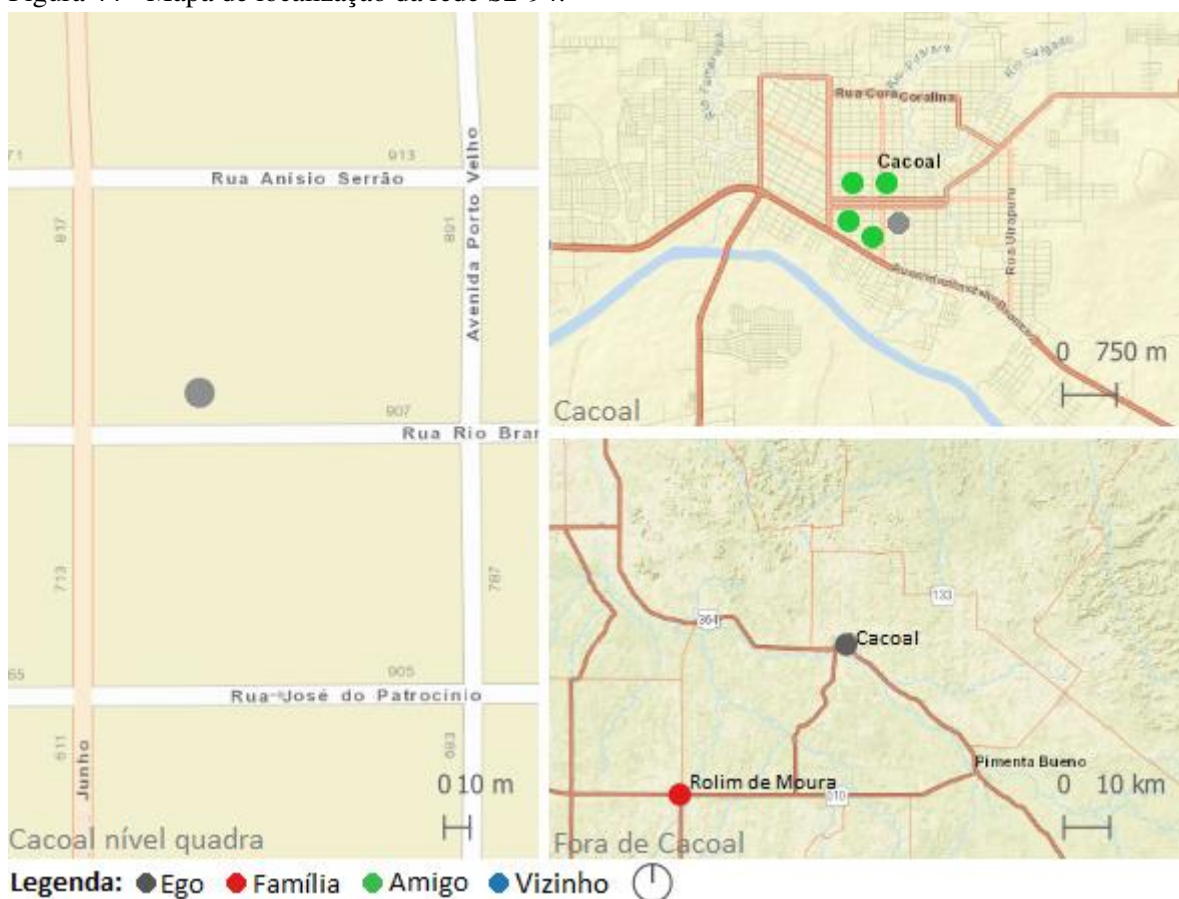


Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

A rede é composta por sete contatos, sendo três de parentesco e quatro de amigos. O indivíduo que fornece maior suporte à entrevistada é o filho, que reside no mesmo domicílio, principalmente em apoios com participação social, interação íntima, orientação e cuidados com a casa. Além do filho, os outros dois contatos de parentesco são as irmãs, citadas na categoria feedback. Já os contatos de amizade estão concentrados na categoria participação social.

Na espacialização dessa rede, não existem contatos localizados próximos ao domicílio. No recorte de Cacoal, os contatos de amizade estão inseridos todos no bairro Centro. E as irmãs, residem na cidade de Rolim de Moura (Figura 44).

Figura 44 - Mapa de localização da rede S2-94.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

De acordo com a ilustração dos grafos, notamos que o tamanho das redes selecionadas não apresentou grande variação. Sobre os tipos de relações entre contatos e entrevistado, em análise dos 10 grafos, temos 67% de contatos com algum laço de parentesco, 29% amigos e 3% vizinhos. No geral, os contatos de amizade foram mais recorrentes na categoria participação social e ajuda com transporte.

Sobre os apoios referentes ao auxílio material, no Setor 1, é frequente a busca por esse tipo de suporte, sobretudo entre a parentela, amigos próximos e em menor caso, vizinhos. Já no Setor 2, os domicílios selecionados recorrem de forma muito reduzida. Alimentos/medicamentos não são compartilhados. E em todos os casos, o suporte referente à dinheiro é feito por intermédio de bancos ou outras instituições financeiras.

Em relação aos suportes que compõem o grupo assistência física, somente um caso no Setor 1 declarou não recorrer a nenhum contato para o apoio cuidados com a casa, já os demais entrevistados listaram membros do próprio domicílio ou contatos extra domicílio. O mesmo ocorreu para os casos de cuidados com as crianças. Para o suporte cuidados com os idosos, não há casos em que essa situação se aplica no Setor 1.

No Setor 2, com exceção de 1 caso, os demais entrevistados declararam recorrer a serviços particulares quando o suporte se trata de cuidados com a casa. Sobre o cuidado com as crianças e cuidados com os idosos, apenas dois domicílios se enquadram nesse quesito e buscam suporte em contatos de parentesco.

Ao combinar as informações dos suportes com a espacialização dos contatos, algumas questões importantes foram evidenciadas. Quase a totalidade das redes analisadas possuem combinações híbridas na busca por suportes, ou seja, há presença de contatos no espaço físico e ampliado.

Essa é uma questão bem pontuada por Macías e Vasquez (2018), pois o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação possibilitam que as redes de suporte se ampliem em sua distribuição. Atingindo um ponto em que a extensão de seus laços deixe de enfrentar barreira geográficas.

Começando pelo nível mais amplo, temos a escala de contatos localizados fora do município. Em apenas dois casos, os entrevistados não informaram contatos fora de Cacoal. Lembramos que a própria metodologia aplicada no questionário tinha como objetivo identificar os contatos mais importantes, ou seja, a ausência desses nomes não significa necessariamente que essas redes não possuem nenhum contato além do perímetro urbano de Cacoal, relaciona-se muito mais com o grau de intensidade ou com os contatos que o entrevistado lembrou no momento da entrevista.

As redes de ambos setores possuem contatos localizados fora do município. Temos casos de contatos localizados na área rural, em cidades próximas dentro do mesmo estado, contatos fora do estado e até mesmo fora do país, como é o caso da rede S1-69. Os contatos interação íntima, orientação e feedback são os mais recorrentes em trocas fora cidade, sendo uma característica marcante entre os dois setores.

Outro tipo de suporte caracterizado pela presença de contatos localizados de forma mais dispersa são as ajudas financeiras. Isso também é resultado de uma ampliação no desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias, que atualmente dispõe de uma infinidade de recursos e opções que facilitam as atividades bancárias em geral.

Consoante análise da escala de Cacoal e seus demais bairros, no Setor 1, com exceção da (S1-69), as redes possuem contatos localizados além do nível da quadra. Algumas delas possuem maior dispersão que outras, porém vale lembrar que nesses casos pelo menos um contato situa-se em algum dos bairros que integram o setor. A rede do domicílio S1-19 é exemplo mais marcante de localismo na escala da cidade, porquanto possui apenas um contato fora da vizinhança, localizado no mesmo bairro.

No Setor 2, a maior parte das redes possuem contatos mais dispersos, localizados em regiões diversas. A ressalva, nesse caso, está na rede do domicílio S2-94, já que todos os seus contatos em Cacoal estão localizados no bairro Centro. Entre as dez redes selecionadas, em ambos setores os contatos inseridos na escala de Cacoal são listados principalmente no suporte participação social.

Os suportes cuidados com a casa e cuidados com as crianças foram os que tiveram maior presença de contatos localizados em nível de quadra. Nesse sentido, chamamos atenção para o domicílio S2-55, em que a mãe da entrevistada, que reside fora do município, auxilia nos cuidados com as crianças. Essa pode ser uma situação de indivíduos móveis, que encontram maneiras de manter seus laços sociais em uma faixa mais ampla, não apenas integrados à comunidade local (VIRY, 2011).

Ainda que as redes de suporte não dependam necessariamente da distância, elas podem responder ao localismo e à frequência de interações, processos evidentes nos mapas de espacialização. No Setor 1, há uma tendência maior de contatos localizados no nível da quadra, ou seja, contatos com alta proximidade espacial. No Setor 2, essa característica não se manifestou em nenhuma das redes analisadas.

Esse fator pode estar relacionado com a própria localização e na oferta de equipamentos e infraestrutura do Setor 1. De acordo com dados da Secretaria de Planejamento do Município, as áreas que integram esse setor possuem os dois menores índices na planta de valores da cidade, entre R\$ 80,00 e R\$ 100,00 o m². Outro quesito, é que o bairro Vale Verde, um dos que compõem o setor, enquadra-se nas questões apresentadas acerca do processo de expansão acelerado de Cacoal. Trata-se de um loteamento inaugurado em 2012 e que, ainda hoje, possui diversos lotes vagos, baixa ocupação e não possui comércios e serviços básicos para atender à população.

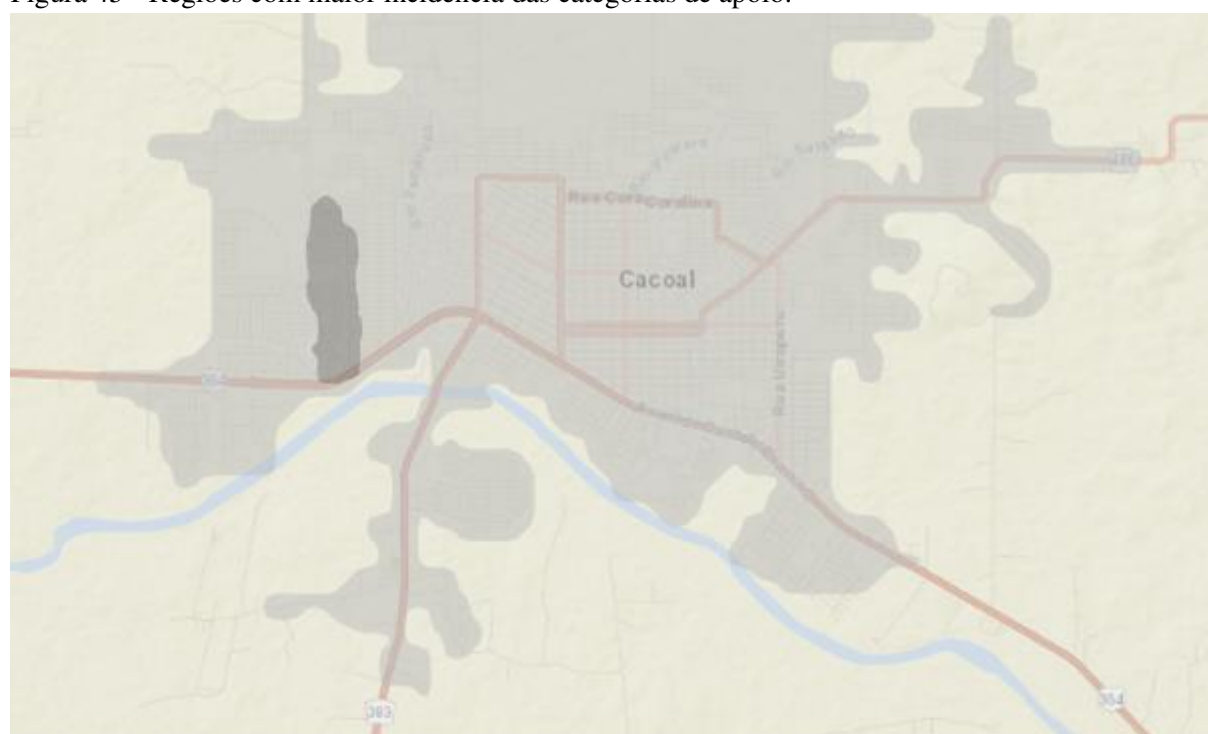
Ainda que outros setores não sejam objetos dessa pesquisa, destacamos que essa carência de investimentos pode ser observada em outras áreas do município – inclusive em Zonas Especiais de Interesse Social – onde oferecem pouca, ou nenhuma, infraestrutura à população, espaços que não atendem ao princípio de uma localização adequada que, por consequência, afetam a qualidade habitacional. A situação piora, porque não há um sistema eficiente de transporte público no município, o que obsta a mobilidade e o acesso a esses serviços em outros bairros.

Diante desse cenário, é possível que muitos moradores encontrem medidas para suprir essa falta de infraestrutura e localização inadequada por meio de suas redes de apoio, o que reforça o conceito de *sociedade-providência* apresentado por Wall et al. (2001).

Em contrapartida, o Setor 2 está inserido na área de maior valorização da cidade, com o preço da terra mais elevado, cerca de R\$ 1.250,00 o m². Trata-se de uma região com grande potencial de investimento, bem como oferta variada de comércios, serviços e equipamentos públicos. Portanto, além do quesito rendimento domiciliar, que já foi amplamente discutido, há maiores facilidades para os moradores desse setor em buscar os mais variados suportes de maneira independente e com menores deslocamentos.

Por fim, realizamos um zoneamento das seis categorias de suporte, considerando os casos mais incidentes das dez redes de suporte detalhadas anteriormente (Figura 45).

Figura 45 - Regiões com maior incidência das categorias de apoio.



Legenda:

- Auxílio material e assistência
- Participação social
- Interação íntima, orientação e feedback

Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

De modo proporcional, os auxílios materiais e assistências físicas, representados pela totalidade mais escura do mapa, estão concentrados no Setor 1, sobretudo em contatos no nível da quadra. A mancha intermediária representa o suporte participação social, em que os principais contatos listados nessa categoria estão distribuídos nos diversos bairros da cidade. Finalmente, as categorias interação íntima, orientação e feedback possuem maior quantidade

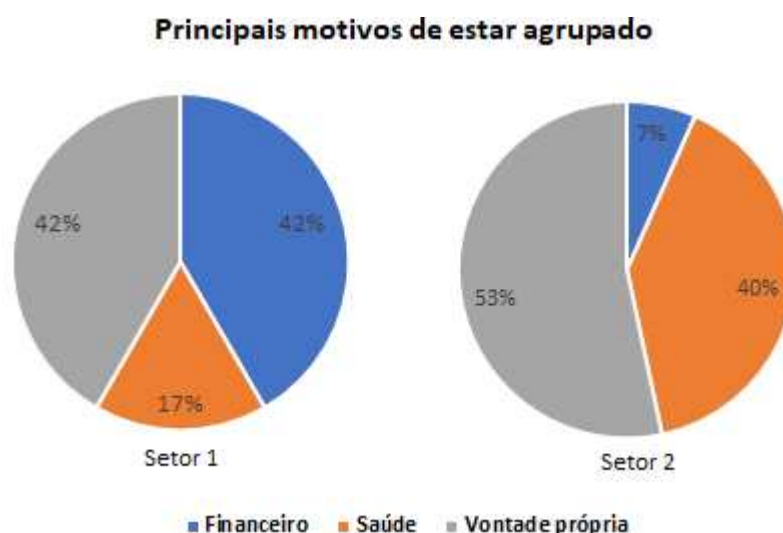
de contatos fora da área urbana do município. Essas categorias estão representadas pela totalidade mais clara no mapa e se estendem para regiões ainda mais amplas.

4.5 Coabitação

Este tópico da dissertação compreende a discussão dos resultados obtidos na quarta etapa do questionário, a qual objetivou mapear questões relacionadas ao compartilhamento do mesmo domicílio. Por meio da etapa inicial da caracterização da unidade doméstica, conseguimos identificar os arranjos das famílias estendidas, ou seja, os casos em que há mais de um núcleo familiar na mesma residência.

Conforme apresentado nos arranjos domiciliares, a quantidade de domicílios formados por mais de um núcleo familiar, no Setor 1 é de 13,33% e no Setor 2, 15%. Entre as principais razões desses núcleos estarem agrupados, no Setor 1, 42% dos entrevistados declararam ser por motivos financeiros e vontade própria, 17% declararam ser por questões de saúde. Já no Setor 2, 53% dos entrevistados declararam estar agrupados por vontade própria, 40% declararam por questões de saúde e apenas 7% por motivos financeiros (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Razões da coabitação das famílias estendidas, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

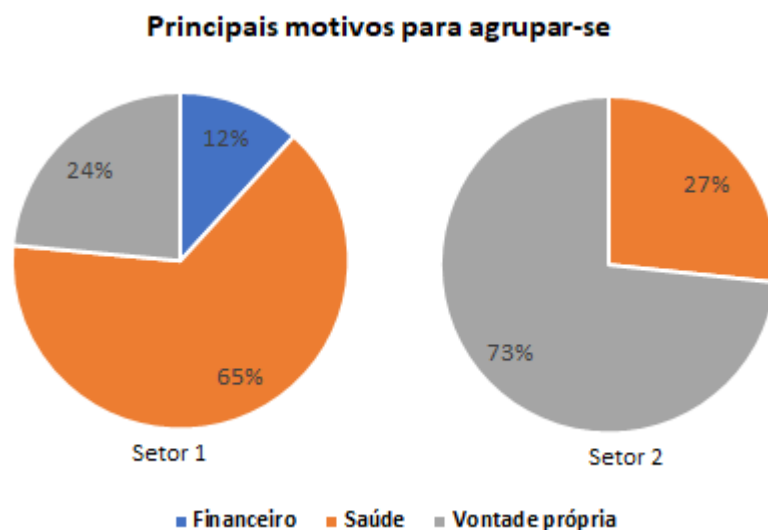
As razões para coabitação reforçam algumas questões já discutidas anteriormente. Sabemos que o Setor 1 é caracterizado por uma população de rendimentos mais baixos e por uma parcela de núcleos familiares em fase inicial do ciclo de vida. Logo, é esperado que as

formas de coabitação estejam relacionadas às estratégias de sobrevivência dos indivíduos, por exemplo, na divisão de despesas com aluguel.

Em seguida, os entrevistados foram questionados sobre a intenção ou não de desagrupar-se. No Setor 1, 33,33% dos entrevistados declararam ter essa intenção, já no Setor 2, apenas 13,33%. Entre os principais motivos para a fragmentação temos: a privacidade, a independência e a falta de espaço. Em contrapartida, 66,67% dos entrevistados do Setor 1 não possuem a intenção de desagrupar-se, já no Setor 2, 86,67%.

Nas situações em que há somente um núcleo familiar por residência, questionamos se havia intenção de agrupar-se. No Setor 1, 21,79% dos entrevistados declararam ter essa intenção, e no Setor 2, 17,86%. Entre os principais motivos para agrupar-se, no Setor 1, 65% dos entrevistados responderam por questões de saúde, 24% por vontade própria e 12% por razões financeiras. No Setor 2, 73% por vontade própria, 27% por questões de saúde e nenhum caso informou por razões financeiras (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Razões para agrupar-se com outro núcleo familiar, segundo setores censitários, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020.



Fonte: Elaboração da autora, 2020. Pesquisa de campo, 2020.

Ainda temos os casos em que não há intenção de agrupar-se com outro núcleo familiar. Totalizam-se 78,21% no Setor 1 e 82,14% no Setor 2. As respostas informadas pelos entrevistados que não desejam se agrupar são diversas, reunimos aqui as mais frequentes: “privacidade”; “falta de espaço”; “não dá certo”; “quem casa quer casa”; “não é necessário”; “hoje não”; “somente em caso de emergência”; “dá muita confusão”; etc.

Imaginávamos que em função da intensidade ou dependência das trocas de suporte, parte dessas redes pluridomiciliares, no futuro, poderiam unir-se. Pela análise das respostas dos

entrevistados, observamos que alguns casos que desejam compartilhar o mesmo domicílio possuem características em suas redes que justificam essa escolha. Por exemplo, no Setor 1, o quesito financeiro, foi indicado por entrevistados que possuem contatos importantes nas trocas materiais e assistenciais, que enxergam a coabitação como uma forma de fusão de orçamentos.

No entanto, as situações mais recorrentes nos dois setores consistem no agrupamento por razões de saúde e vontade própria. Em casos de casais sem filhos, já em idade avançada, e que pelas facilidades e cuidados do dia a dia desejam estar mais próximos dos filhos ou netos. O mesmo cenário é citado por filhos em relação ao seus pais. Esse resultado dialoga com as reflexões de Wajnman (2012) sobre a formação das famílias estendidas em extensão vertical. Oferecer apoio aos pais ou netos é destacado como um dos principais motivos para coabitação.

Assim, supomos que há dois desejos, a depender do ponto de vista. De um lado, os dados esclarecem que as redes de suporte social são essenciais, sobretudo entre os mais pobres, como, obviamente, fontes de auxílio. Não é casual, portanto, a existência de grande localismo de contatos segundo o recurso, especialmente material, requerido. Não obstante, por outro lado, boa parte das respostas afirmam que a coabitação de diferentes núcleos familiares dentro da mesma unidade habitacional não é desejada. Parece que os resultados evidenciam essa contradição entre a necessidade e a ambição, ou o tênue equilíbrio entre eles. As redes e a proximidade físico-geográfica dos contatos seriam uma solução à coabitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que direcionou essa pesquisa consistia em compreender se os núcleos domiciliares comportavam-se como unidades pluridomiciliares. Ainda que em que algumas fontes de dados as unidades domésticas e núcleos domiciliares estejam condicionados pelos limites físicos da residência, ao longo dos capítulos identificamos que não se trata unicamente de relacionamentos ou de dependências intraunidade de habitação. O conjunto das relações são amplos e resultam em uma espécie de rede, que interliga diferentes domicílios.

Embora haja limitações no mapeamento de redes egocentradas, os objetivos da pesquisa sobre caracterizar as principais trocas de suporte entre domicílios foi alcançado. Os resultados demonstram que os casos analisados estão enquadrados no conceito pluridomiciliar, porém compondo uma única unidade de consumo e compartilhamento de recursos. Todavia, essas unidades pluridomiciliares se diferenciam na configuração de suas redes, com níveis diferentes de frequência e interação, em alguns casos com maior ou menor dependência.

A partir da população e da amostra, observamos as diferenças entre os setores selecionados, a configuração de suas unidades e a formação de suas redes de suportes. Como apresentado no capítulo metodológico, os setores analisados são resultados das informações por Setores Censitários do último Censo. Esse grande intervalo entre o último recenseamento (2020) e o levantamento dos dados (2020) poderia indicar modificações na caracterização dos setores.

Contudo, notamos que, atualmente, os setores preservam suas características quanto ao rendimento. Nesse quesito, enquanto o Setor 1 é marcado por uma população de menor renda, no Setor 2, área central do município, boa parte dos entrevistados possuem rendimentos três vezes maiores do que a renda domiciliar média do Setor 1. Além do fator renda domiciliar, há notáveis diferenças na caracterização da população dos setores 1 e 2, por exemplo, faixa etária e escolaridade.

Ao atentarmos para as redes de suporte, constatamos que, embora ligeiramente, as redes do Setor 1 são maiores do que as redes do Setor 2. Quando fracionamos esses contatos entre as categorias de suporte, a quantidade média de contatos para cada apoio manteve-se próxima entre os setores, com exceção dos suportes materiais e assistências físicas. Isso ocorre porque no setor de maior rendimento a quantidade de domicílios que recorrem aos serviços particulares ou não buscam esses suportes, é maior do que a quantidade do primeiro setor.

Acerca dos tipos de relação, ou seja, o vínculo dos contatos com os entrevistados, nos dois setores, mais de 70% dos contatos são equivalentes a laços de parentesco/consanguinidade

ou aliança. No entanto, no Setor 1 as redes são mais diversas, já que diferentemente do Setor 2, estabelecem conexões com vizinhos.

Sobre as maiores incidências entre tipo de relação e apoio, constatamos que, majoritariamente, as trocas estabelecidas entre parentesco são de suportes materiais, assistenciais e nas categorias de diálogo (interação íntima, orientação e feedback). Já os laços de amizade têm hegemonia na categoria suporte social, e os poucos contatos de vizinhança estão concentrados em trocas de ferramenta ou transporte.

Ainda a respeito do vínculo dos contatos, evidenciamos um fator não esperado no início da pesquisa, as unidades domésticas também dialogam com a temporalidade do ciclo vital. Como demonstrado, as redes do Setor 1 são mais dependentes de alguns tipos de contatos, sobretudo, ascendentes (pais, mães, padrastos, madrastas, sogros e sogras), o que indica que essas unidades estão em momentos de ciclo vital distintos daquelas unidades do Setor 2, que dependem mais de seus descendentes (filhos e netos).

Ao relacionarmos as redes de suporte com a condicionante localização, conseguimos identificar que, embora as famílias estendidas acompanhem a média no número geral de contatos, as relações tendem a ser mais endógenas, com índices maiores de famílias estendidas com contatos no mesmo domicílio. Já para outros arranjos, podemos observar relacionamentos mais exógenos, com destaque para os casos de casais sem filhos e casais com filhos, que buscam com maior intensidade apoios em indivíduos localizados em outro domicílio, assemelhando-se a uma organização estendida.

A partir dos mapas de espacialização, notamos a relevância e o crescimento das interações híbridas, combinando trocas de apoio no espaço físico e ampliado. Nessa perspectiva, o desenvolvimento em conjunto com a acessibilidade das tecnologias de comunicação, permite que os indivíduos formem redes mais amplas e compartilhem diferentes suportes independente das limitações geográficas.

Não obstante, a maioria dos contatos que constituem as redes investigadas estão localizados no perímetro urbano de Cacoal, mormente, nos próprios bairros que compõem os setores, o que indica uma tendência ao localismo. A população investigada mantém um forte caráter local em termos geográficos, o qual influencia na configuração das redes, principalmente a partir do estrato social. Vale ressaltar que o setor de menor rendimento possui redes ainda mais locais, predominando a presença de fornecedores de suporte situados ao lado do domicílio ou na mesma quadra.

Parte de nossas inquietações era justamente compreender se a sociabilidade poderia sofrer influência do espaço. E de acordo com que os mapas de espacialização nos indicam, é

possível que sim, especialmente no caso de população com menor renda inserida em área com baixa infraestrutura, o que está alinhado aos estudos acerca da intensificação das redes de suporte em situações adversas e problemas mais amplos, como segregação. Além disso, os resultados referentes aos dados de localização entre os setores, chamam atenção para a importância de bairros com usos diversificados e para promoção de descentralizações urbanas.

Por fim, as questões sobre coabitação indicam que algumas unidades, com destaque para os casos de maior dependência de seus contatos, desejam agrupar-se com os núcleos fornecedores de suporte em algum momento, seja por razões financeiras, questões de saúde ou vontade própria. Ou seja, a configuração dessas unidades ao longo do tempo pode sofrer variações, resultando em necessidades diretas no programa de necessidades das unidades habitacionais.

Nesse contexto, o estudo também contribui nas reflexões sobre habitação e na importância de adoção de residências flexíveis e evolutivas, que possibilitem a expansão e adequação da unidade de acordo com as necessidades de seus usuários ao longo do ciclo de vida familiar.

Por outro lado, muitos indivíduos não desejam coabitar, mas também não querem estar distantes o suficiente que dificulte as trocas de suporte social. Fato que se manifesta notadamente no setor de menor rendimento, o que reforça as unidades ampliadas, principalmente segundo o critério renda. Nesse cenário, apontamos como sugestão de pesquisas futuras, refletir sobre novas políticas de habitação tendo em vista o equilíbrio de ter um domicílio separado, mas estar relativamente próximo espacialmente possibilitando manter as trocas se apoio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.R. **Desenvolvimento urbano e sustentabilidade**: uma análise sobre os indicadores de qualidade ambiental no município de Cacoal- Rondônia. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2017.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Déficit habitacional, famílias conviventes e condições de moradia. **Demografia dos Negócios**, Campinas, v. 3, p. 257-286, 2006.
- _____. Transições urbanas e da fecundidade e mudanças dos arranjos familiares no Brasil. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v. 27, n. 2, p. 91-144, 2012.
- APARICIO, C. A. P. Notas sobre a operacionalização dos conceitos de família e domicílio na PNAD e na PCV. **Textos Nepo (UNICAMP)**, Campinas, v. 85, p. 1-55, 2018.
- ATLAS BRASIL. **Perfil**: município de Cacoal, Rondônia. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/cacoal_ro>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- BARRERA, M. A method for the assessment of social support networks in community survey research. **Connections**, Toronto, v. 3, n. 3, p. 8-18, 1980.
- BENGTSON, V. L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, Califórnia, v. 63, p. 1–16, 2001.
- BILAC, E. D. **Estruturas familiares e padrões de residência**. Mimeo, 2001.
- BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 2001, p. 67-69.
- BRITO, F. **A transição demográfica no Brasil**: as possibilidades e os desafios para a economia e a sociedade. Belo Horizonte: Cedeplar, 2007. (Textos para a discussão, 318).
- BRUSCHINI, M. C. Uma abordagem sociológica da família. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo: ABEP, v. 6, n. 1, p. 1-24, 1989.
- CASTELLS, M. **La Galaxia Internet: reflexiones sobre internet, emresa y sociedade**. Barcelona: Plaza & Janés, 2001.
- CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. D. Domicílios y familias en la experiencia censal del Brasil: cambios y propuesta para identificar arreglos familiares. **Notas de población**, Santiago, v. 37, p. 15-45, 2011.
- CÁRTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 94, p. 95-120, 1988.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface (Botucatu)**, v. 9, n. 17, p. 235-248, 2005.

CUNHA, A. V. da. **Redes sociais, efeitos da vizinhança e criminalidade**: o capital social e a eficácia coletiva como mecanismos explicativos da violência urbana. 2014a. 227 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2014a.

CUNHA, T. A. **Conte Comigo**: A migração abrindo portas. Migração Interna, Redes de Suporte Social e Vulnerabilidade Social na Região Metropolitana de Campinas. 2014b. 212 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014b.

CUNHA, T. A.; SILVA, C. M.; ROSADO, V. B. Desafios metodológicos da pesquisa sobre os efeitos da legislação urbanística na distribuição espacial da população: Conselheiro Lafaiete como estudo de caso. **Engenharia Urbana em Destaque**, São Carlos, v.1, n.1, p. 11-29, 2020.

DANIEL, D. M. B. **Vazios urbanos**: Investigação e proposta para o município de Cacoal – RO. 89 f. Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo). UNESC, Cacoal, RO, 2017. FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTES, B.; EICHNER, K. A Formação de Capital Social em uma Comunidade de Baixa Renda. **Redes: Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales**, Sevilla, v. 7, p. 47-80, 2004.

FRANCO, A. de. **Escola de Redes**: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e mundo globalizado. Curitiba: Escola de Redes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

HANNEMAN, R.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, 2005. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores sociais mínimos**: Conceitos. 2020a. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. Acesso em: 7 jan. 2020.

_____. **Cidades**: Cacoal. 2020b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacoal/panorama>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

_____. Censo demográfico: **Agregados por Setores Censitários**. 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico2000.html?edicao=1>>

0192&t=resultados&fbclid=IwAR03YA81ix-2ls7Si7A146luSr7j1Ti9oCEt_6tMXJFWW-ua8fhWR7thOZQ>. Acesso em: 20 abr. 2020.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da vulnerabilidade social nas regiões metropolitanas brasileiras**. Brasília: IPEA, 2015.

_____. **Comunicado do IPEA nº 64, PNAD 2009 – Primeiras análises: Tendências Demográficas**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101013_comunicadoipea64.pdf>. Acesso: 10 jun. 2020.

KEMPER, L. **Cacoad, sua história sua gente**. 2. ed. Goiânia: Grafopel, 2006.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 59-77, 2010.

LEVIN, J. **Estatística para Ciências Humanas**. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1987.

LLANOS, R. A.; OROZCO, C. M.; RÍOS, O. L. H. de los. Redes sociales: um mecanismo de supervivência em sectores de pobreza. **Investigación y Desarrollo**, Barranquilla Universidad del Norte, n. 4, p. 73-89, 1995.

LOPES, Valdecir F. La familia en el Brasil, según el censo de población de 1960. **Notas de Población**, n. 10, p. 67-93, 1976.

MACÍAS, A. G.; VÁZQUEZ, S. L. De la comunicación virtual a la interacción presencial em la ciudad. La persistente relevância del espacio geográfico para las relaciones sociales. **Redes: Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales**, Sevilla, v. 29, p. 188-205, 2018.

MARQUES, E. **Redes Sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. 2007. 182 f. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

MARTELETO, R M. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R.; VARELLA, S. O levantamento de informações sobre as famílias nas Pnads de 1992 e 1999. **Texto para discussão IPEA**, Rio de Janeiro, n. 860, 2002.

MEDEIROS, M; OSÓRIO, R. Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: Classificação e evolução de 1977 a 1998. **Texto para Discussão IPEA**, Brasília, n. 788, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOLINA, J. L. La ciencia de las redes. **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, Barcelona, n. 11, p. 36-42, 2004.

MONTALI, L. T. Arranjos Familiares: O Esforço Coletivo para Viver na Grande São Paulo. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 72, p. 58-69, 1990.

MURPHY, M. J. Variations in Kinship Networks Across Geographic and Social Space. **Population and development review**, v. 34, p. 19-49, 2008.

OCA, V. M. Relaciones familiares y redes sociales. **Envejecimiento demográfico de México: retos y perspectivas**, México, n. 13, p. 289-325, 1999.

OGDEN, P.; Hall, R. The second demographic transition, new household forms and the urban population of France during the 1990s. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 29, n. 1, p. 88-108, 2004.

ONU – Naciones Unidas. Principios y recomendaciones para los censos de población y habitación. **Revisión 2**, Nova York, n. 67, 2010.

PATARRA, N. Rumo a um novo perfil demográfico. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 23-28, 1988.

PORTUGAL, S. Dádiva, Família e Redes Sociais. In: SILVIA, P.; MARTINS, P. H. (Orgs.) **Cidadania, Políticas Públicas e Redes Sociais**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. p. 39-55.

RODRIGUEZ, J. Información Censal relevante para la medición del déficit habitacional. **América Latina: aspectos conceptuales de los censos del 2000**, Santiago, n. 1, p. 205-257, 1999.

SILVA, R. S. **Os assentamentos irregulares no processo de construção socioespacial da cidade de Cacoal-RO**. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, RS, 2018.

SILVA, H.; MONTE-MÓR, R. L. Transições demográficas, transição urbana, urbanização extensiva: um ensaio sobre diálogos possíveis. **Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu, 2010.

VASCONCELOS, P. Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. **Análise social**, Portugal, v. 37, n. 163, p. 507-544, 2002.

VIRY, G. Residential mobility and the spatial dispersion of personal networks: Effects on social support. **Social Networks**, v. 34, n.1, p. 59-72, 2012.

WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros**. 2012. 158 f. Tese (Professor Titular) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

WALL, K. et al. Families and Informal Support Networks in Portugal: The Reproduction of Inequality. **Journal of European Social Policy**, Londres, v. 11, n. 3, p. 213-233, 2001.

WATTS, D. J. **Seis Graus de Separação: A evolução da ciência de redes em uma era conectada**. São Paulo: Leopardo, 2009.

WRZUS, C. et al. Social Network Changes and Life Events Across the Life Span: A Meta-Analysis. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 139, n. 1, p. 53-80, 2013

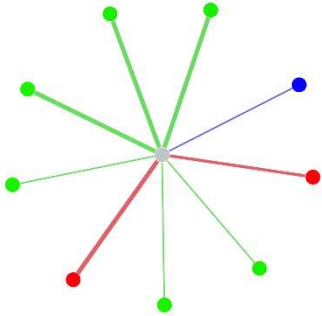
ANEXOS

Anexo I: Questionário aplicado

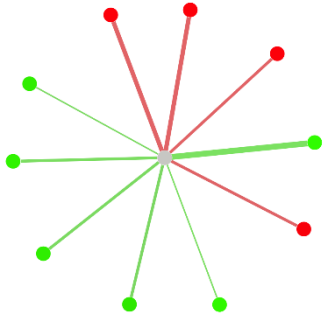
ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO			
1. Caracterização geral			
1.0 Nome		1.1 Sexo [] Feminino [] Masculino	
1.2 Idade		1.3 Estado civil [] Solteiro [] Casado [] Divorciado [] Viúvo	
1.4 Escolaridade			
[] Creche			
[] Pré-escolar (maternal/jardim da infância)			
[] Classe de alfabetização			
[] Alfabetização de jovens e adultos			
[] Ensino fundamental			
[] Educação de jovens e adultos – supletivo ensino fundamental			
[] Ensino médio			
[] Educação de jovens e adultos – supletivo ensino médio			
[] Superior de graduação			
[] Especialização			
[] Mestrado			
[] Doutorado			
[] Não frequentou			
[] Não se aplica			
1.5 Situação de ocupação		[] Autônomo	[] Carteira assinada
		[] Aposentado	[] Desempregado
		[] Não se aplica	[] Agente público
			[] Estudante
1.6 Ocupação que exerce atualmente			
1.7 Formato da unidade doméstica			
1.7.1 Nome do morador		1.7.2 Relação de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pela unidade doméstica	
a-			
b-			
c-			
d-			
e-			
Relação com o responsável			
1- Pessoa responsável pelo domicílio	2- Cônjuge ou companheiro(a) de sexo diferente	3- Cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo	4- Filho(a) do responsável e do cônjuge
5- Filho(a) somente do responsável	6- Enteado(a)	7- Genro ou nora	8- Pai, mãe, padrasto ou madrasta
9- Sogro(a)	10- Neto(a)	11- Bisneto(a)	12- Irmão ou irmã
13- Avô ou avó	14- Outro parente	15- Agregado(a)	16- Convivente
17- Pensionista	18- Empregado(a) doméstico(a)	19- Parente do(a) empregado(a)	20- Individual em domicílio coletivo

		doméstico(a)	
1.8 Rendimento total domiciliar			
2. Mapeamento da rede			
2.0 Participação social – Diga o nome do contato a quem você recorre quando precisa:			
2.0.1 Se divertir (churrasco, sair para beber, ver um filme etc.)			
2.1 Interação íntima – Diga o nome do contato a quem você recorre quando precisa de:			
2.1.1 Trocar alguma confiança, segredo ou desabafo			
2.2 Orientação – Diga o do contato nome a quem você recorre quando precisa de:			
2.2.1 Alguma dica ou informação sobre algo			
2.3 Feedback – Diga o nome do contato a quem você recorre quando precisa de:			
2.3.1 Crítica a respeito de você mesmo			
2.4 Auxílio material – Diga o nome do contato a quem você recorre quando precisa de:			
2.4.1 Dinheiro emprestado			
2.4.2 Alimento/medicamento			
2.4.3 Instrumento (ferramentas, churrasqueira etc.)			
2.4.4 Automóvel			
2.5 Assistência física – Diga o nome do contato a quem você recorre quando precisa de:			
2.5.1 Ajuda nas tarefas de casa			
2.5.2 Ajuda para cuidar de crianças			
2.5.3 Ajuda para cuidar de idosos ou enfermos			
3. Caracterização da rede			
Em relação aos nomes listados anteriormente:			
3.0 Nome	3.1 Vínculo	3.2 Endereço	
a-			
b-			
c-			
d-			
4. Coabitação			
4.0 Há mais de um núcleo familiar convivendo no mesmo domicílio			
[] Sim [] Não			
<i>SE SIM</i>			
4.0.1 Qual o principal motivo de morar neste domicílio com outro núcleo familiar			
[] Financeiro [] Saúde [] Vontade própria [] Outro _____			
4.0.2 Existe a intenção de mudar para outro domicílio			
[] Sim _____ [] Não			
<i>SE NÃO</i>			
4.0.3 Existe a intenção de agrupar-se com outro núcleo familiar			
[] Sim [] Não _____			
4.0.4 Qual seria o principal motivo de agrupar-se com outro núcleo familiar			
[] Financeiro [] Saúde [] Vontade própria [] Outro _____			

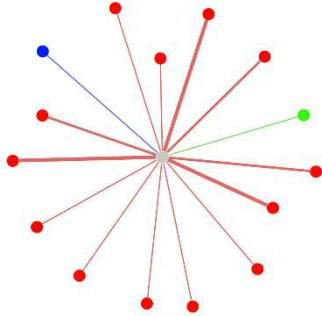
Anexo II: Grafos das redes de suporte do Setor 1



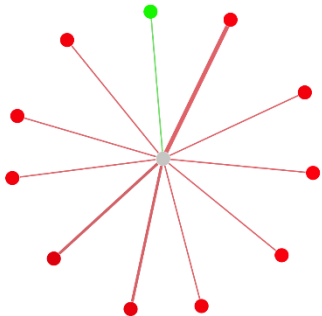
S1-01



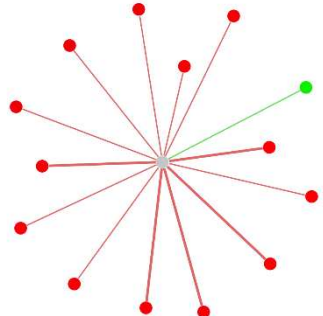
S1-02



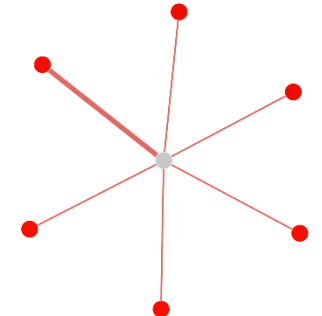
S1-03



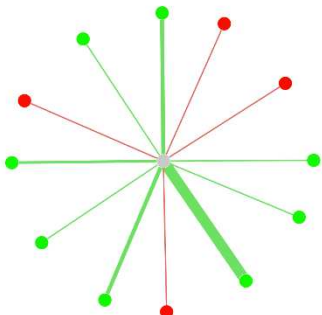
S1-04



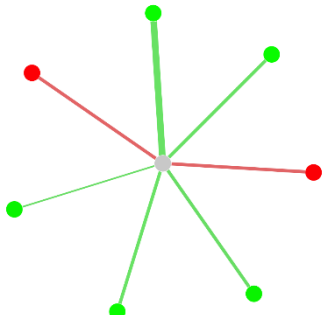
S1-05



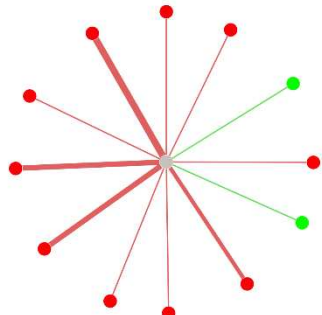
S1-06



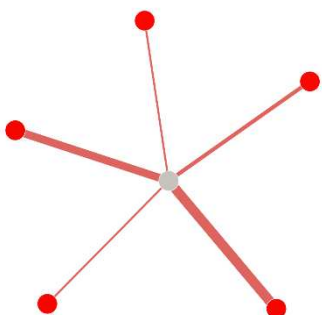
S1-07



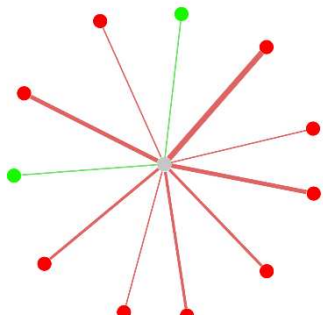
S1-08



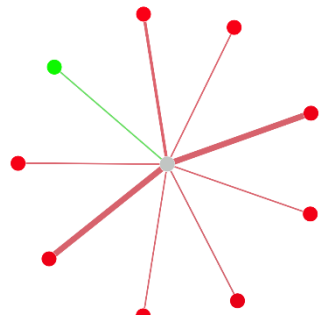
S1-09



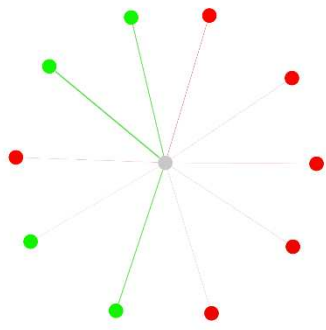
S1-10



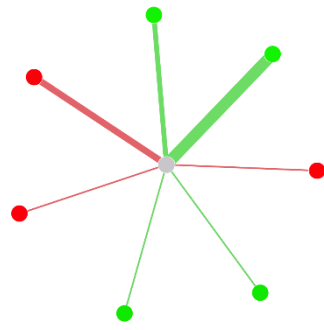
S1-11



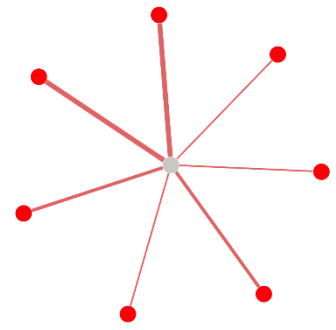
S1-12



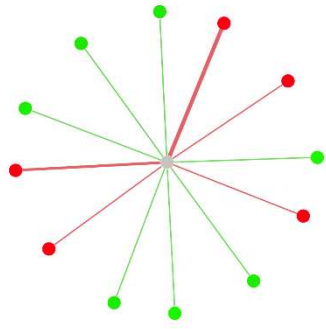
S1-13



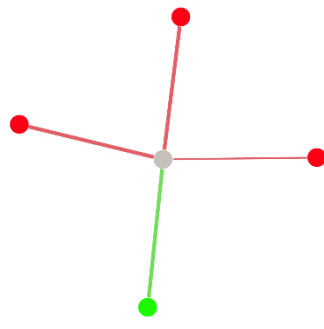
S1-14



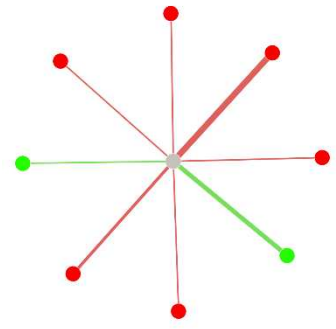
S1-15



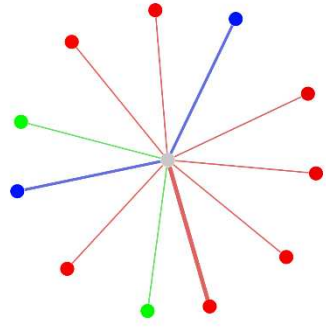
S1-16



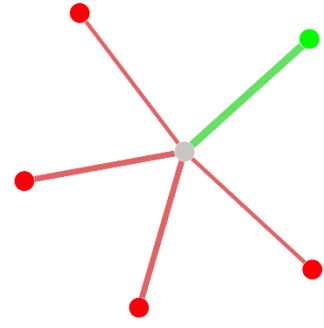
S1-17



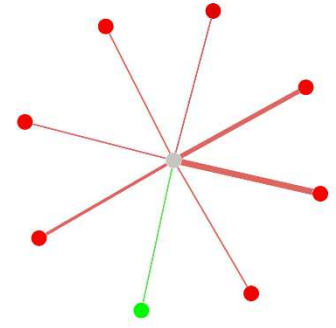
S1-18



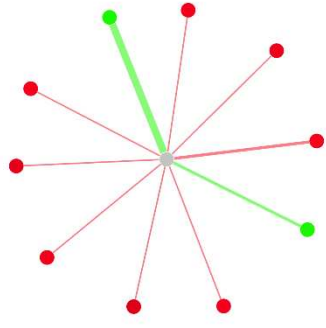
S1-19



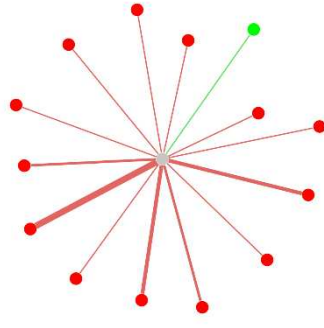
S1-20



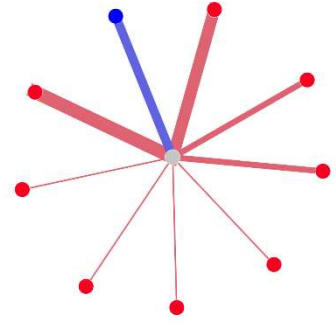
S1-21



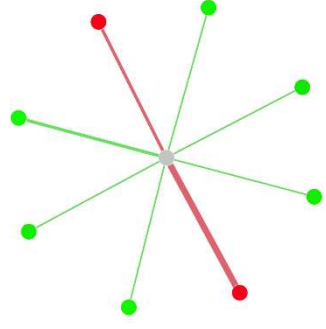
S1-22



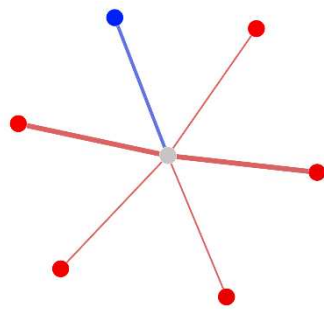
S1-23



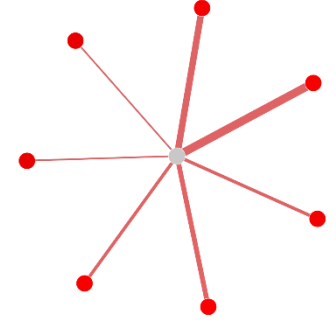
S1-24



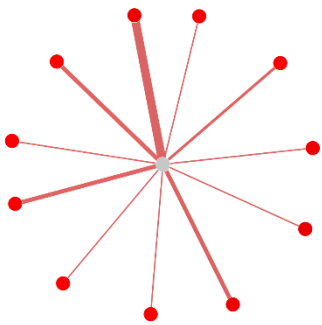
S1-25



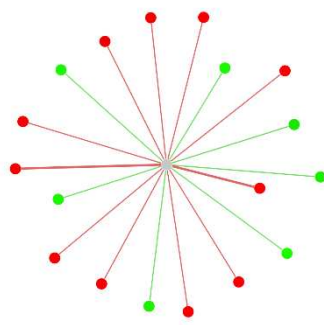
S1-26



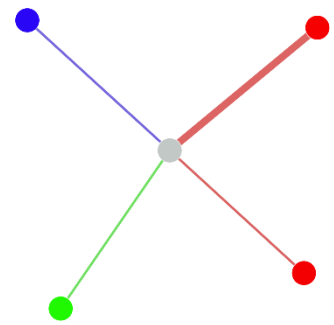
S1-27



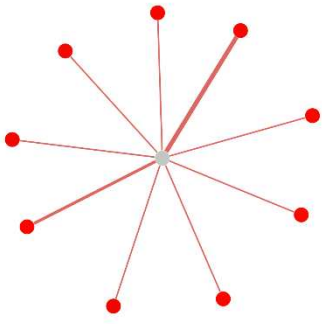
S1-28



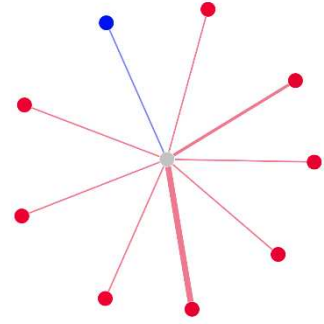
S1-29



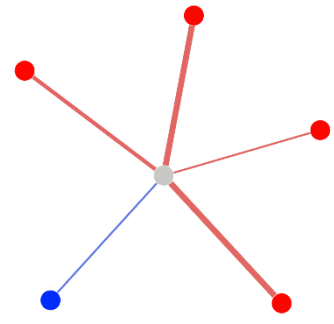
S1-30



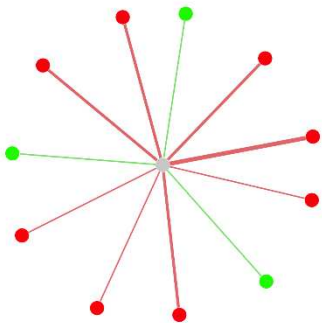
S1-31



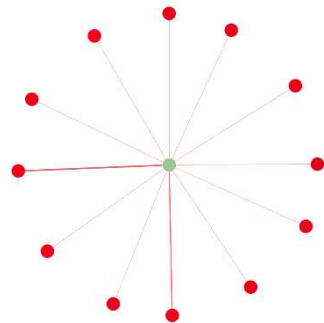
S1-32



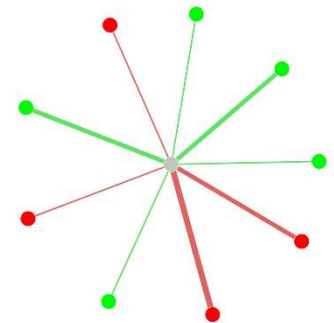
S1-33



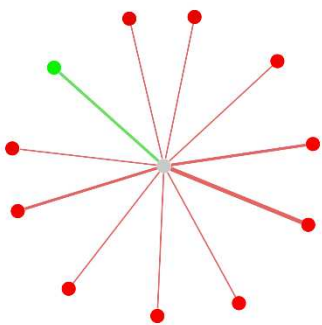
S1-34



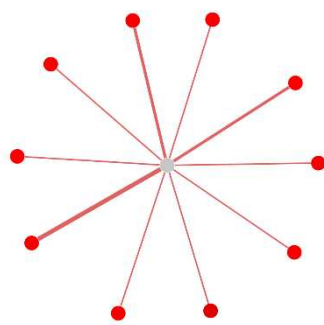
S1-35



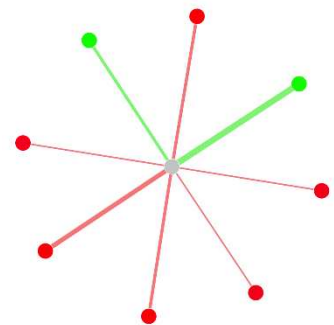
S1-36



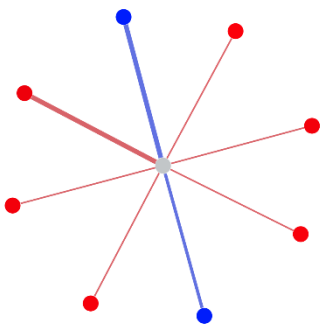
S1-37



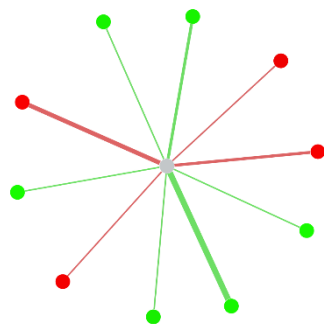
S1-38



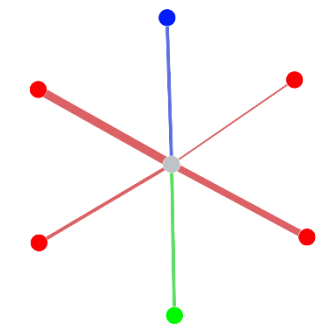
S1-39



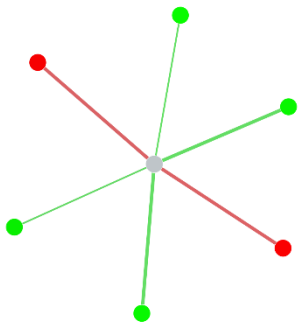
S1-40



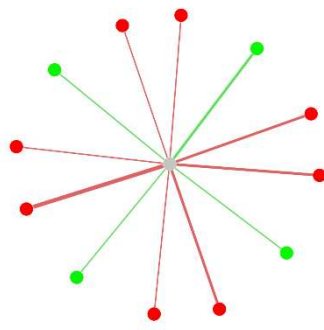
S1-41



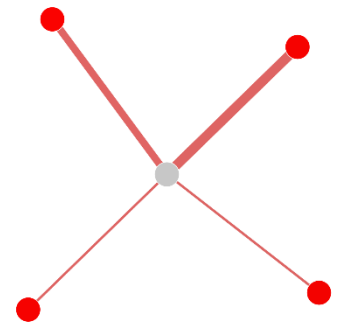
S1-42



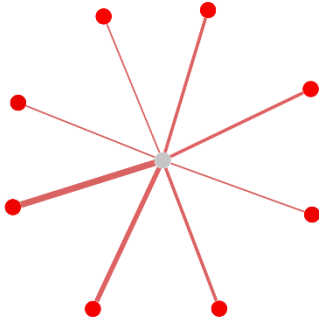
S1-43



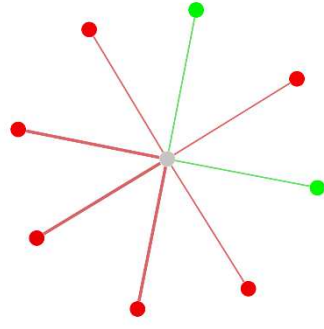
S1-44



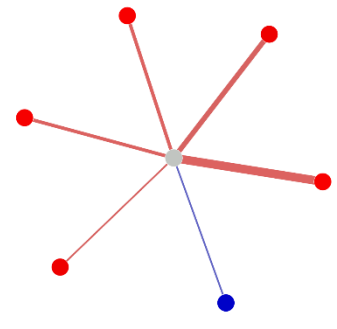
S1-45



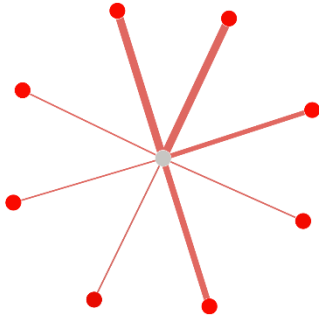
S1-46



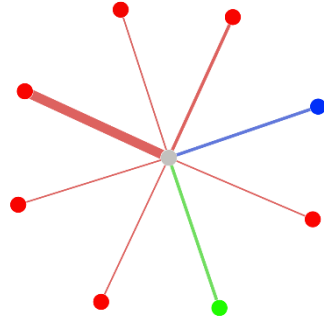
S1-47



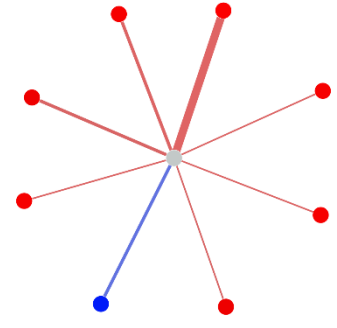
S1-48



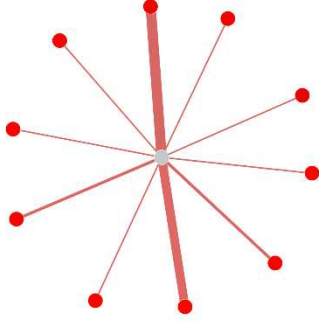
S1-49



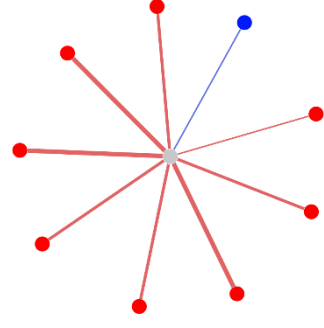
S1-50



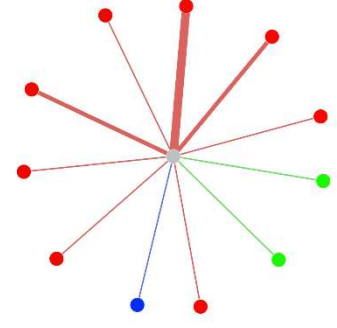
S1-51



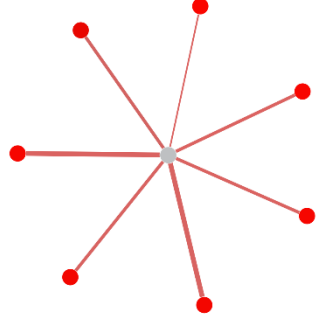
S1-52



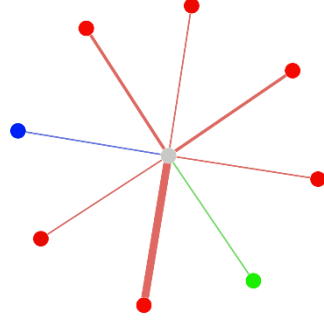
S1-53



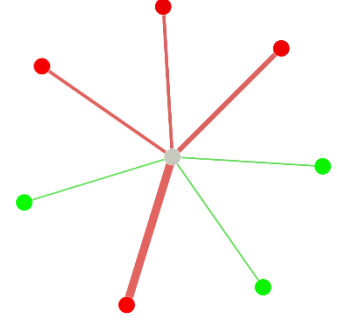
S1-54



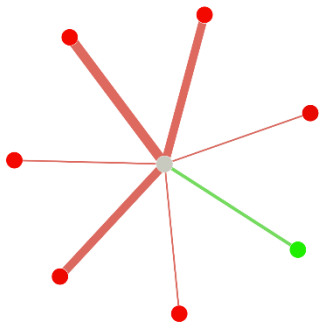
S1-55



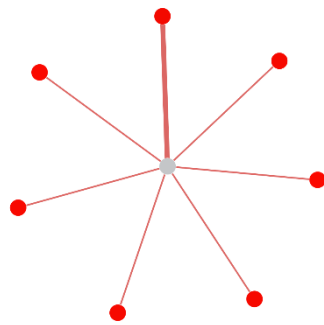
S1-56



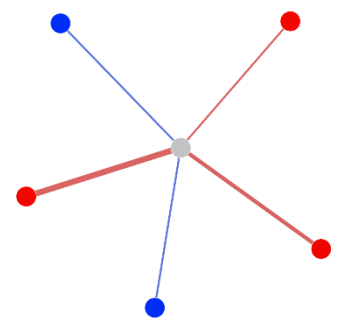
S1-57



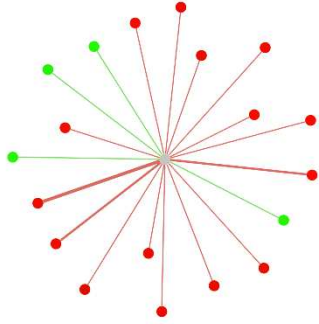
S1-58



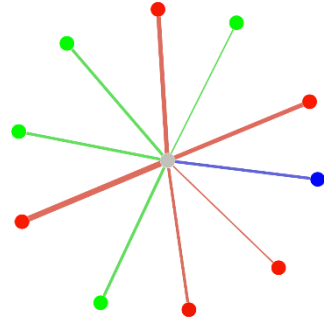
S1-59



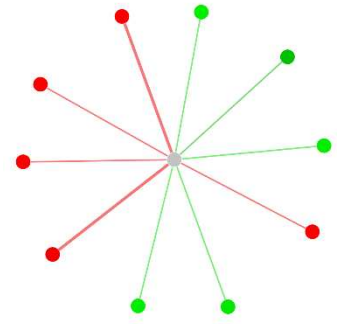
S1-60



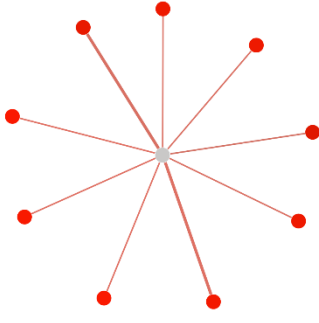
S1-61



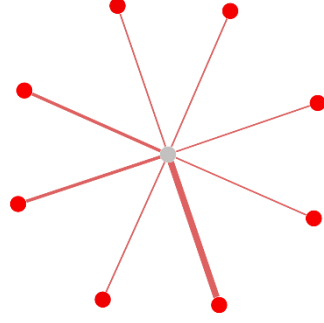
S1-62



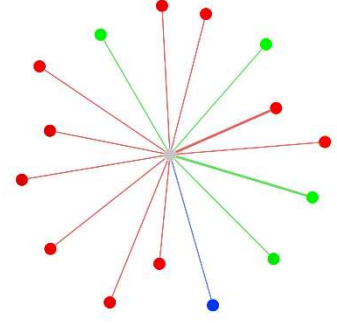
S1-63



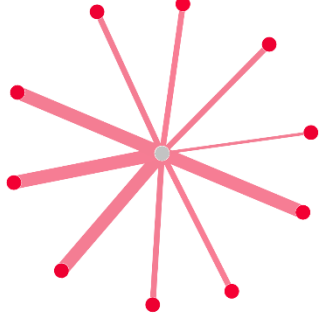
S1-64



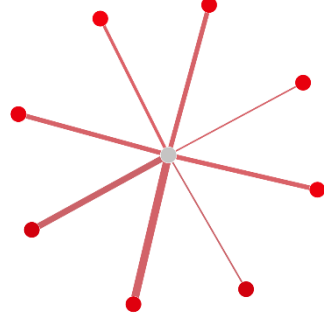
S1-65



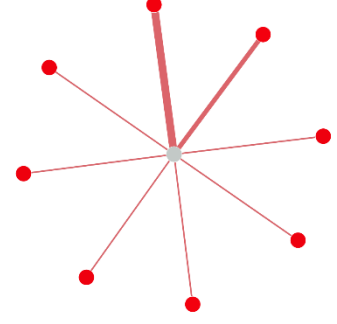
S1-66



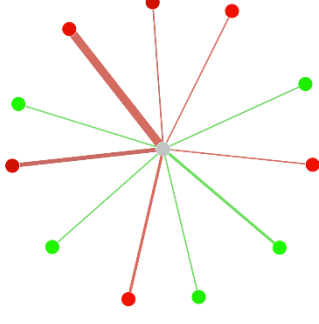
S1-67



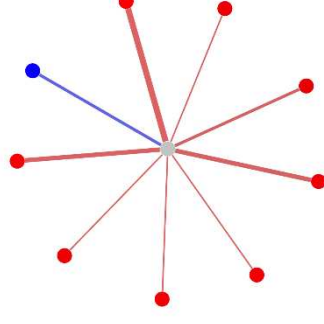
S1-68



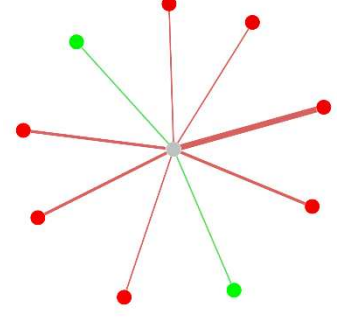
S1-69



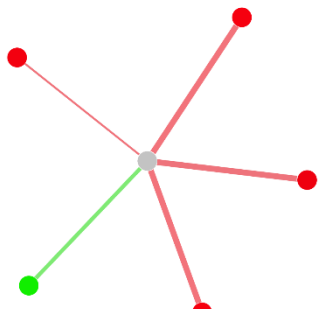
S1-70



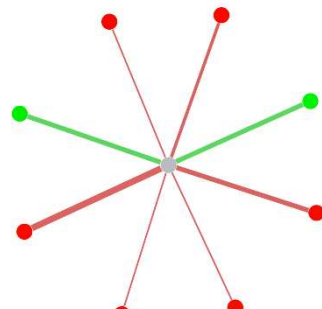
S1-71



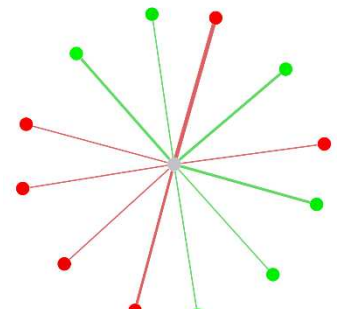
S1-72



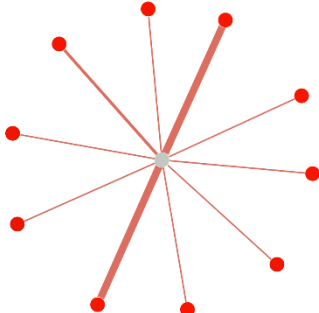
S1-73



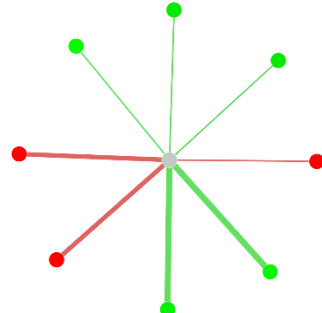
S1-74



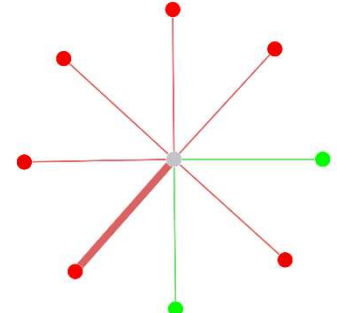
S1-75



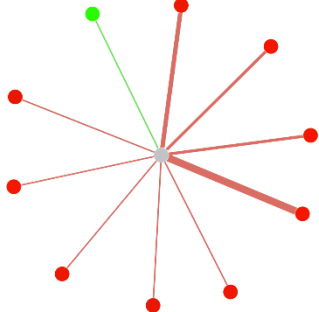
S1-76



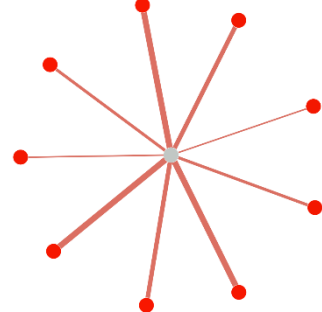
S1-77



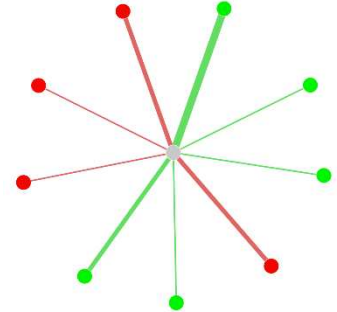
S1-78



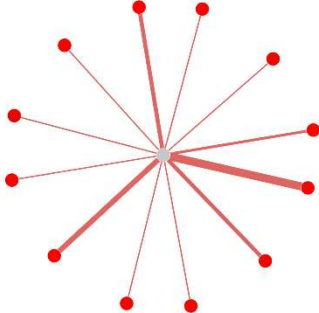
S1-79



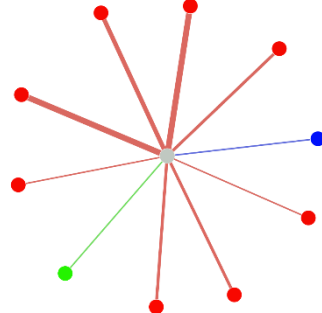
S1-80



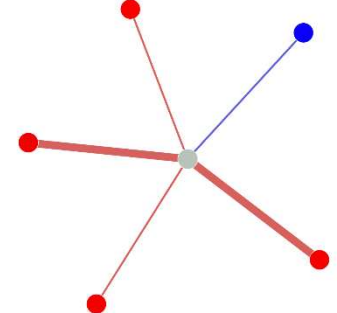
S1-81



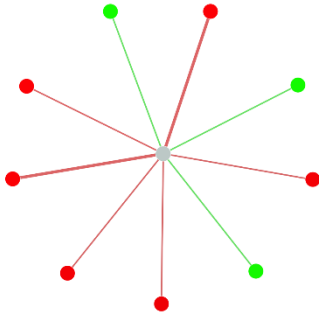
S1-82



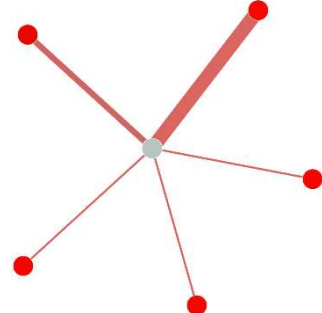
S1-83



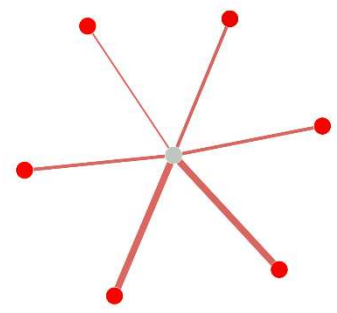
S1-84



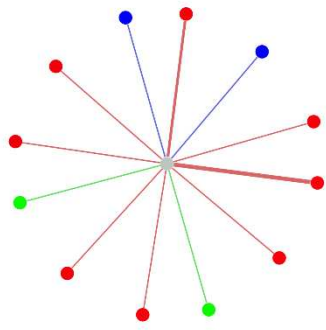
S1-85



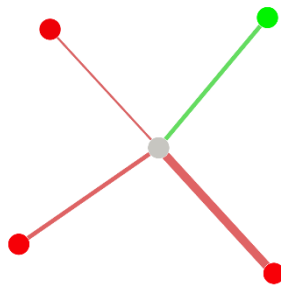
S1-86



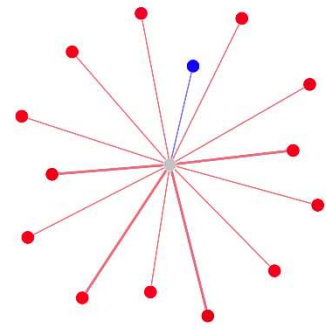
S1-87



S1-88

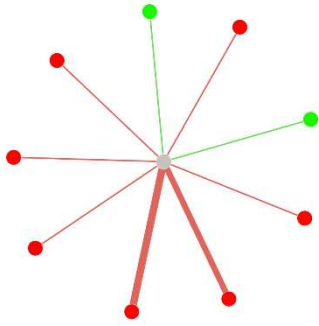


S1-89

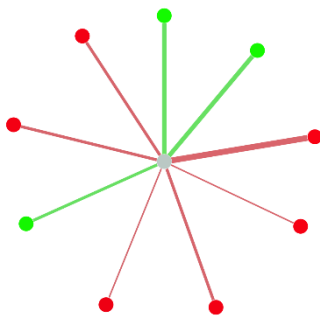


S1-90

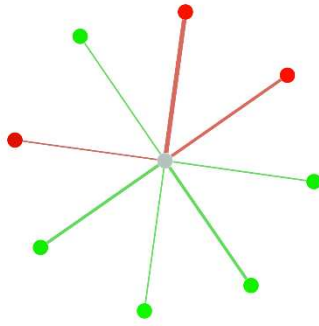
Anexo III: Grafos das redes de suporte do Setor 2



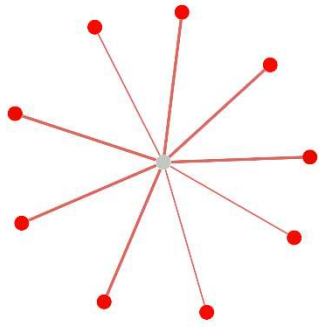
S2-01



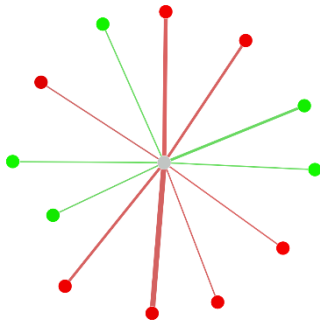
S2-02



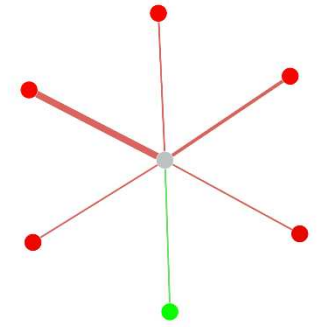
S2-03



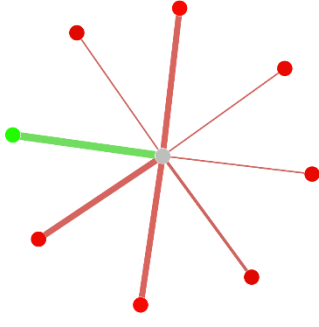
S2-04



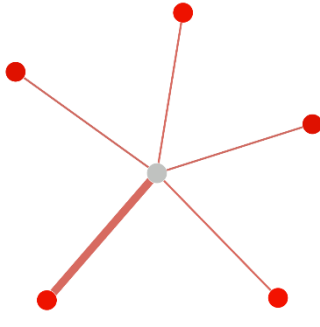
S2-05



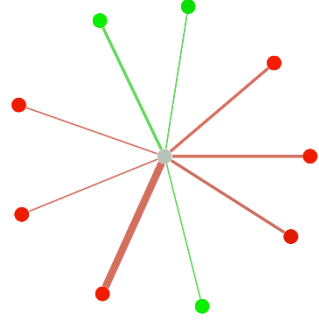
S2-06



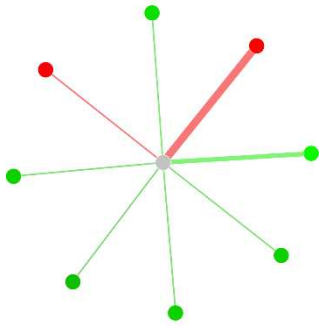
S2-07



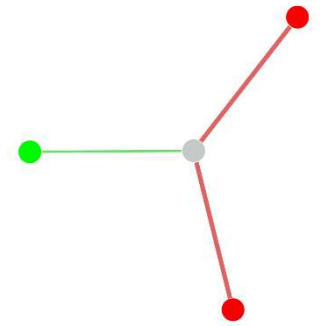
S2-08



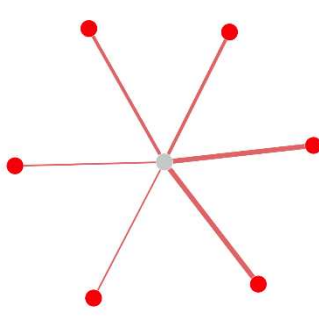
S2-09



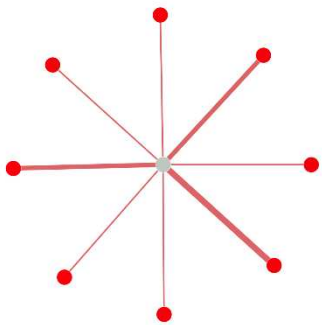
S2-10



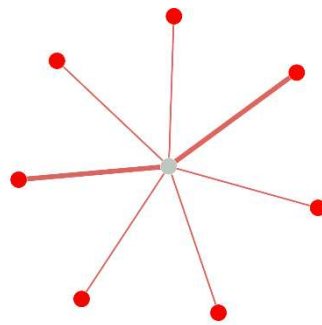
S2-11



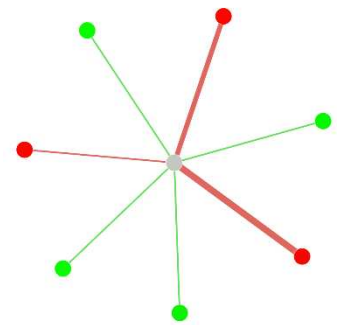
S2-12



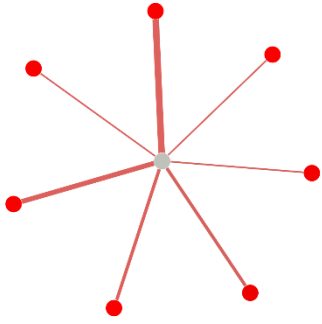
S2-13



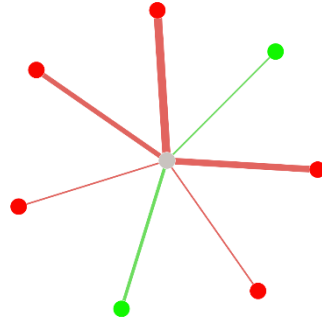
S2-14



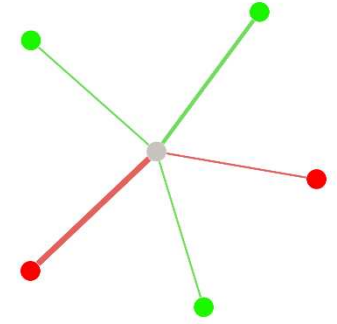
S2-15



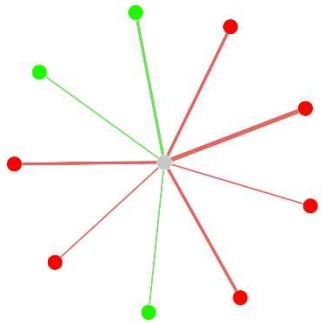
S2-16



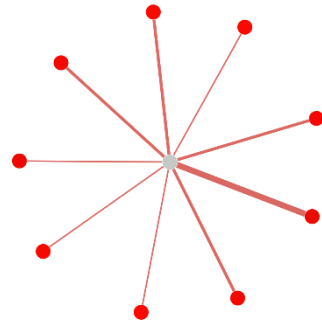
S2-17



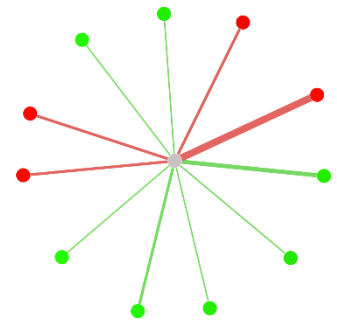
S2-18



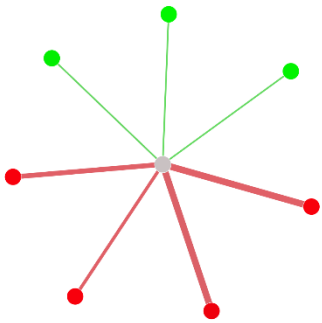
S2-19



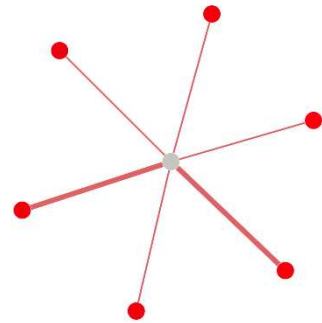
S2-20



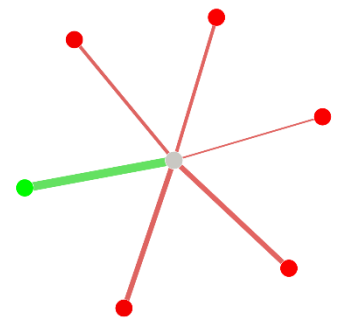
S2-21



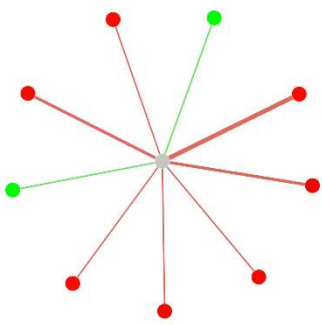
S2-22



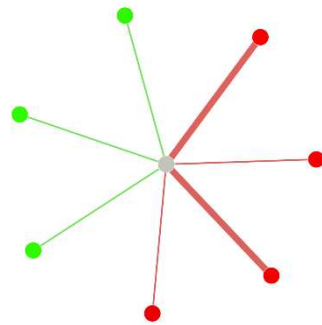
S2-23



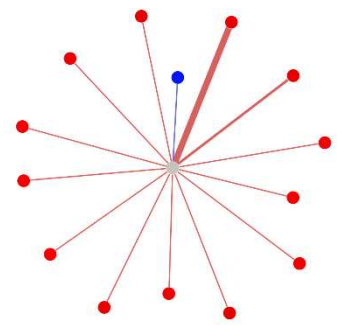
S2-24



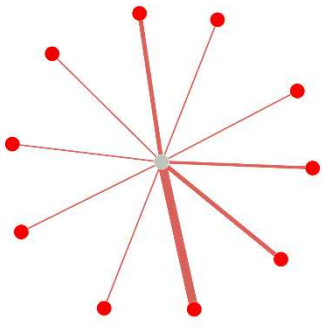
S2-25



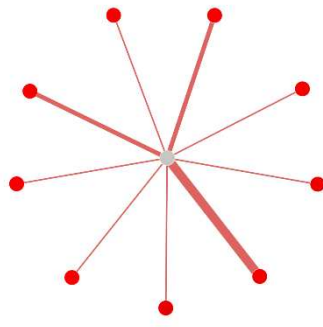
S2-26



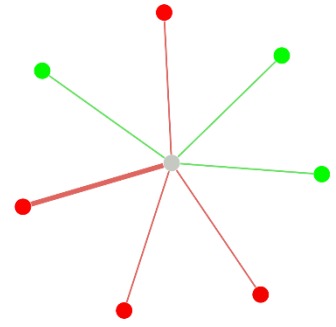
S2-27



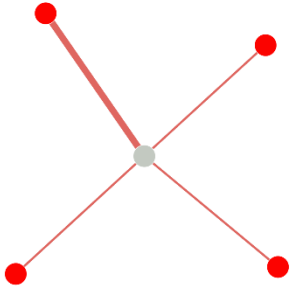
S2-43



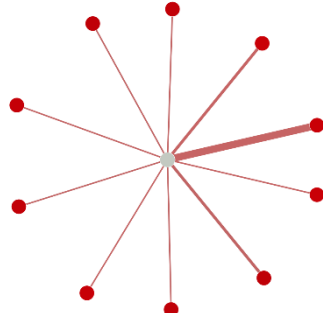
S2-44



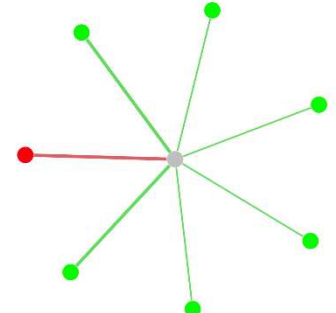
S2-45



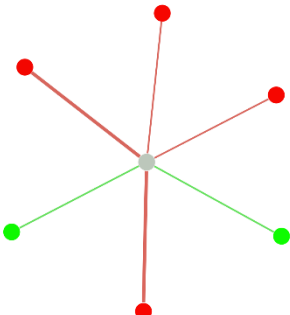
S2-46



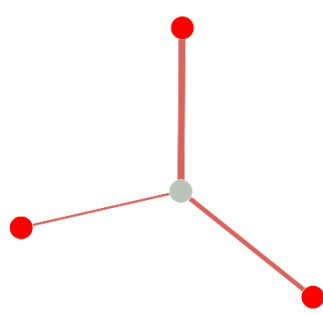
S2-47



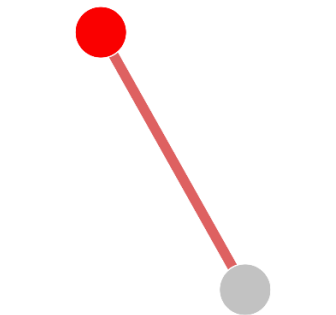
S2-48



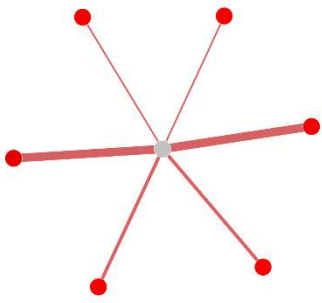
S2-49



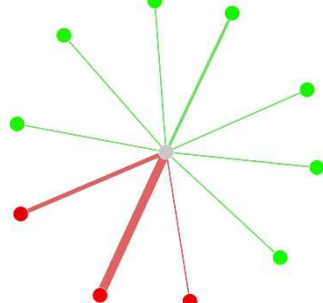
S2-50



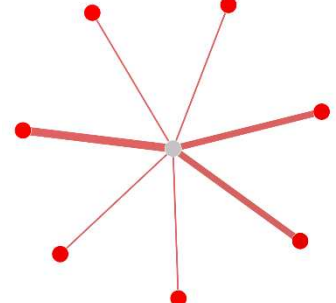
S2-51



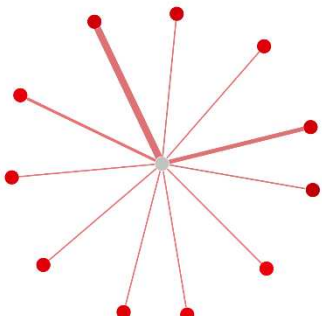
S2-52



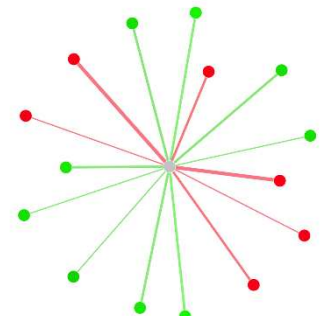
S2-53



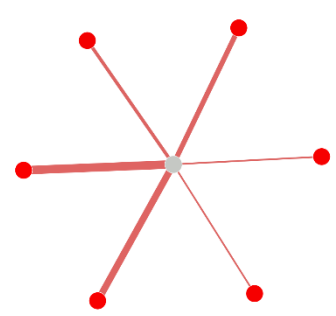
S2-54



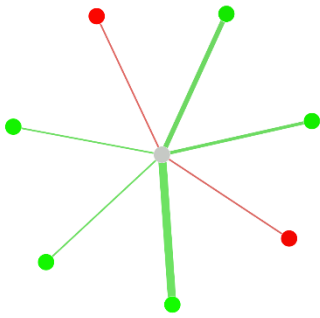
S2-55



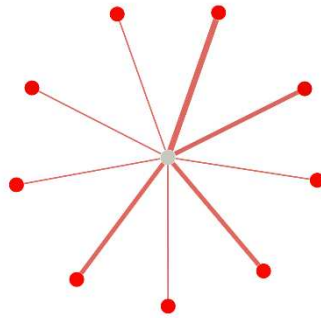
S2-56



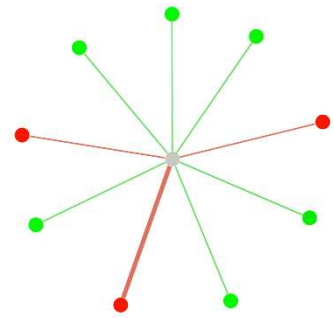
S2-57



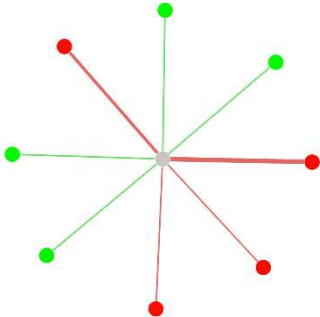
S2-58



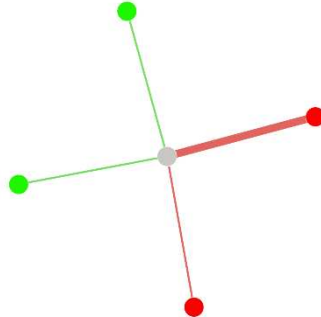
S2-59



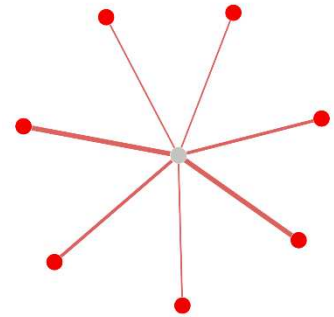
S2-60



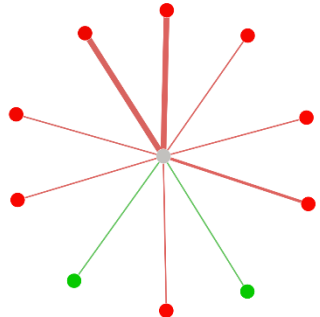
S2-61



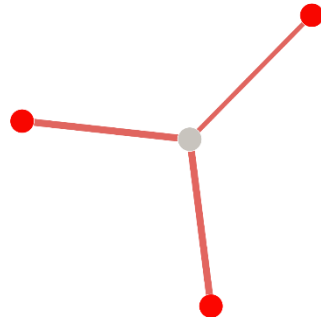
S2-62



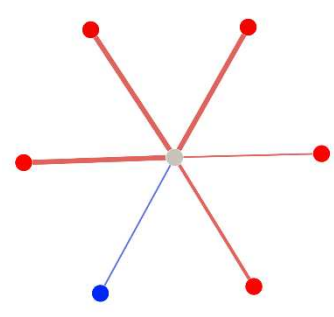
S2-63



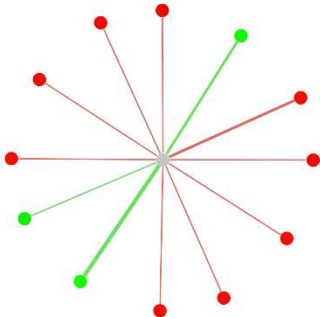
S2-64



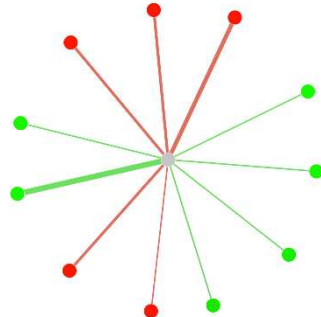
S2-65



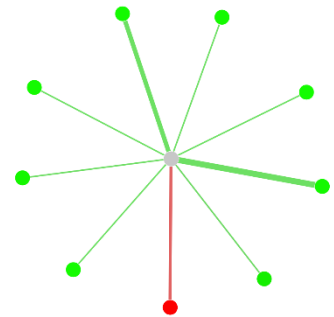
S2-66



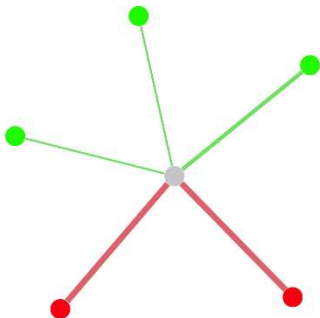
S2-67



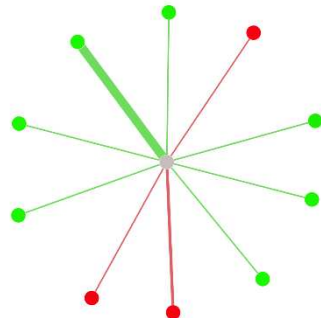
S2-68



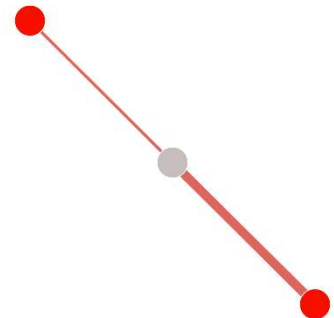
S2-69



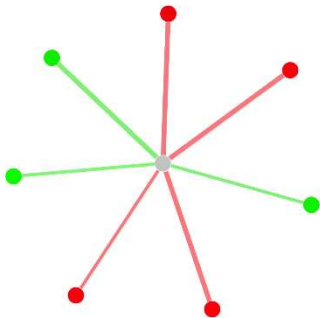
S2-70



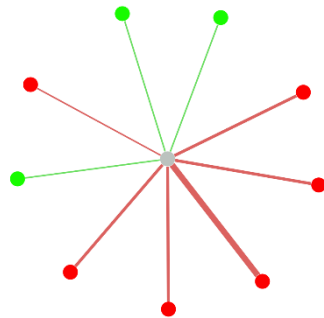
S2-71



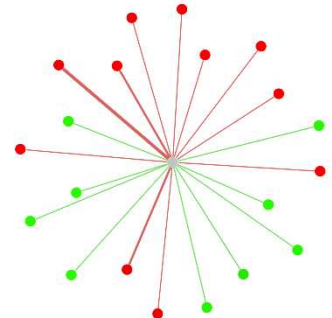
S2-72



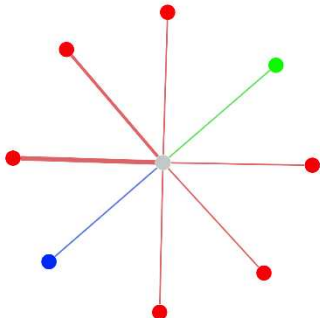
S2-73



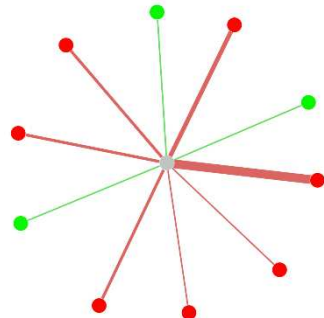
S2-74



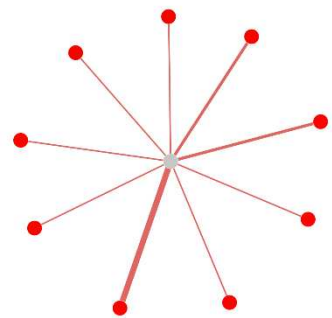
S2-75



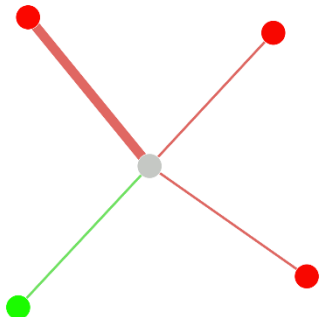
S2-76



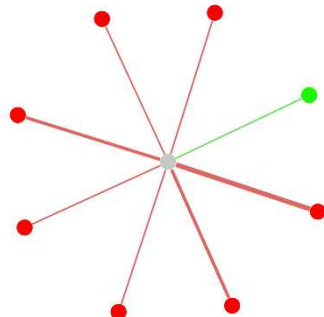
S2-77



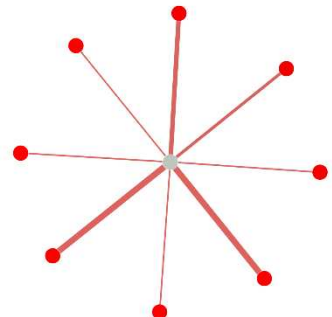
S2-78



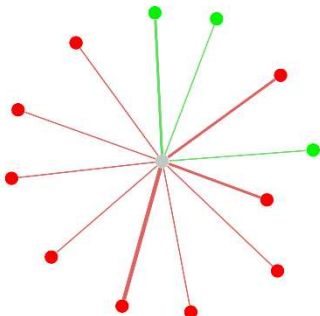
S2-79



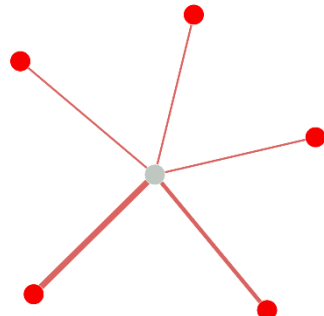
S2-80



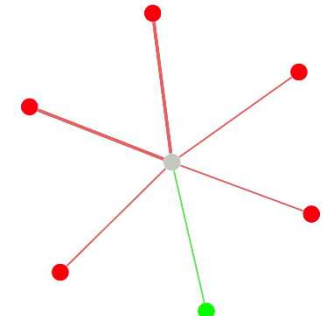
S2-81



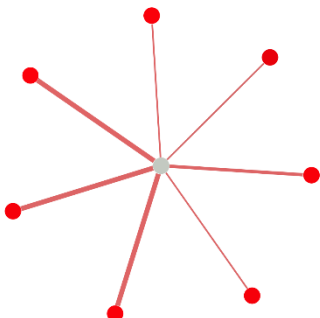
S2-82



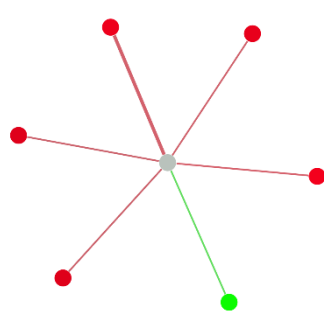
S2-83



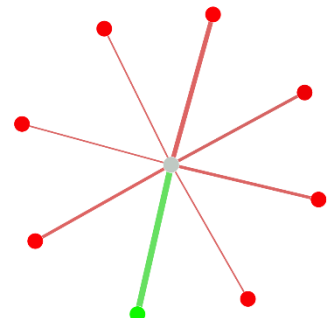
S2-84



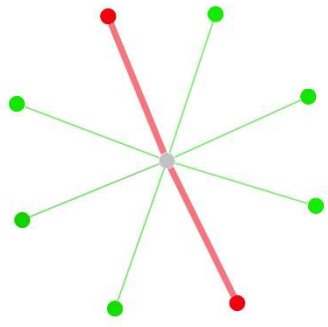
S2-85



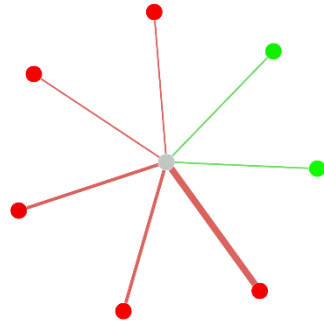
S2-86



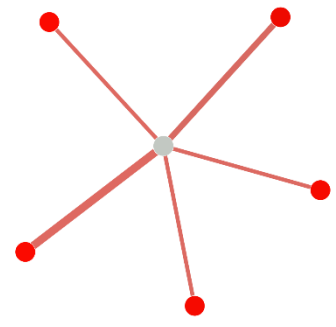
S2-87



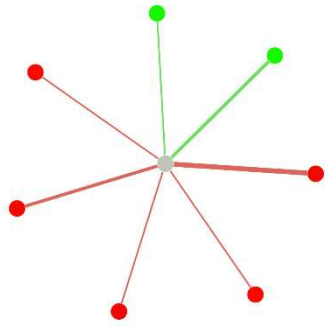
S2-88



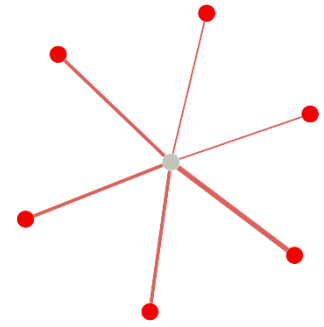
S2-89



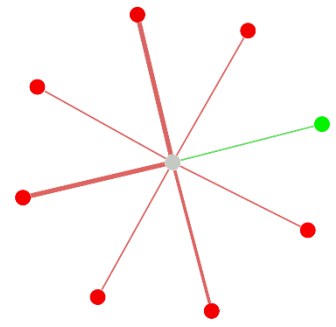
S2-90



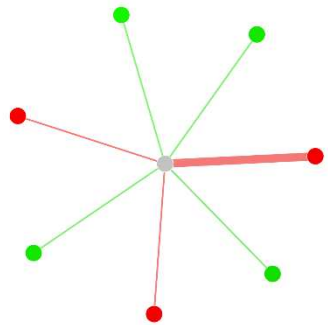
S2-91



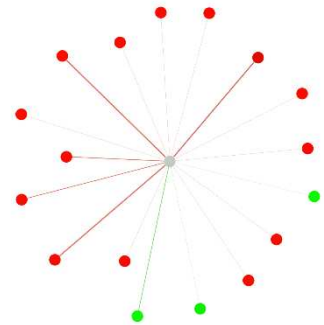
S2-92



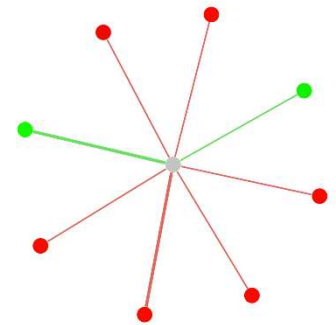
S2-93



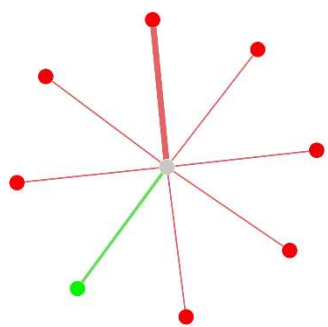
S2-94



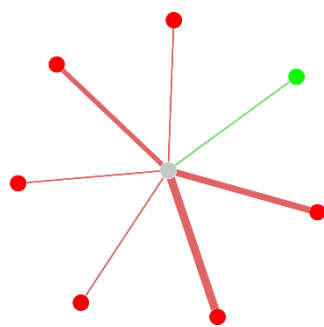
S2-95



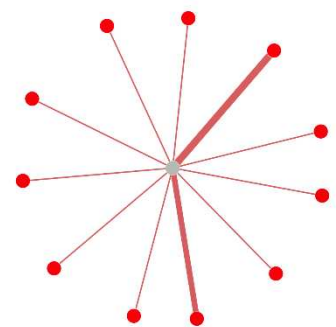
S2-96



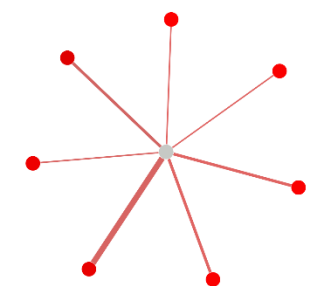
S2-97



S2-98



S2-99



S2-100